CEMAP_O_INIMIGO_DO_REI_JANEIRO_E_FEVEREIRO_80_Nº_9

O INIMIGO DO REI

ANO 3 — Nº 9 — EDIÇÃO BIMESTRAL — JANEIRO E FEVEREIRO 80
— SALVADOR — RIO — SÃO PAULO E P. ALEGRE.

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

PRÁTICA SEXUAL
ampla, geral e irrestrita.

DENÚNCIA: ELETROCHOQUES CONTRA OS HOMOSSEXUAIS

CONGRESSO ANARCOSINDICALISTA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP
CEDEM

JORNALISTAS D'O INIMIGO DO REI TAMBÉM SÃO JORNALEIROS

Aos colaboradores e a todos que desejam escrever para O INIMIGO DO REI: nós somos um jornal autogestionário. O que significa isso?

Siguinifica que todas as tarefas são divididas igualmente entre todos que pertencem ao corpo editorial: todos participam das tarefas administrativas, intelectuais e, principalmente, braçais.

Siguinifica que o indivíduo que publica qualquer coisa n'O INIMIGO DO REI terá como obrigação vender o jornal de mão-em-mão em bares, praias, universidades, cursinhos, teatros, etc. Ou então colocar o jornal em bancas se responsabilizando por uma quantidade "x". Esta é a maneira que encontramos de acabar com a diferença entre trabalho intelectual e braçal, uma das hierarquias que perturbam a dominação de um homem por outro.

Por outro lado, não temos nenhuma censura. As pessoas não precisam ser formadas em universidades para escrever n'O INIMIGO DO REI. Podem até nem ter freqüentado escola primária. Basta que saibam escrever. Não procuramos nível nos textos: isto é censura da criatividade. Cada um escreve o que quer, como quer.

Agora, não nos sujeitamos a que ninguém nos apresente trabalhos para serem publicados sem que o interessado esteja disposto a trabalhar na vendagem e distribuição do jornal. Senão seríamos explorados por pseudo-intelectuais maravilhosos que são tão exploradores como a burguesia.

Finalmente, convidamos a todos os interessados a participarem de nosso jornal pois está aberto a todos, sem distinção.

A todos os que queiram ser jornalistas e jornaleiros.

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é feito pela seguinte equipe em ordem de sorteio:

Pedro Pacífico,
Kátia Regina,
Nelson Serathiuk,
Antônio Fernandes Mendes,
Cláudio Miranda,
Antônio Carlos Pacheco,
Alexandre Ferraz,
Ricardo Líper,
Marcus Lidório,
Aurélio Vellame,
Marcus Gutemberg,
Mário Palhosky,
J. Silva,
Maisa Ferreira,
Maria Teresa,
Nelson Tangerini,
Edgard Rodrigues,
Janete Pregnolato,
Carlos Augusto Rodrigues,
Augusto César Maia,
Lúcia Lins,
Tonho Starteri,
Lídio Barros,
Jorge Roberto de Sá,
Maurício Tragtenberg e
João Pereira.

Correspondente na Europa:
Sebastião Santa Rosa — Madri
Alfredo — Paris.

Publicação da Editora e Livraria A. CGC/MF 14727871/0001-63.

Rua 21 de Abril, nº 08, Sala 21 — Relógio de São Pedro — Salvador/Bahia/Brasil.
Preço do exemplar avulso: Cr$ 15,00.

Assinatura anual de colaboração: Cr$ 100,00 — Exterior: US$ 20.

Correspondência: Caixa Postal nº 2540 — Salvador/Bahia/Brasil.

CEP: 40.000

AOS ASSINANTES

Não chegando qualquer número do jornal, favor avisar-nos para que possamos providenciar.

DO "TOP-LESS" AO AFEGANISTÃO

Um punhado de atores de discutível capacidade artística está montando e ensaiando o grande show que o povão brasileiro deverá assistir a partir de março, quando forem reabertas as cortinas e reiniciada a apresentação da chamada vida política nacional. Povo, aguarde! Vêm aí os partidos que deverão "representar" os diversos anseios da população brasileira.

Por enquanto, a grande peça está em fase de montagem. Reuniões cupulistas aqui e ali, na mansão de fulano, no sítio de sicrano, o Sr. Brizola de Gálaxie com ar condicionado para cima e para baixo, deitando falação em "defesa" dos trabalhadores etc. etc.

Como seria de se esperar, mais uma vez o povão fica inteiramente por fora do que está acontecendo em seu nome. E o governo não poderia estar mais feliz: todas as ditas oposições bem comportadas, enrascando-se até o pescoço na máquina do Estado e, depois, partidos montados, começa o grande jogo político, a disputa pelo poder e — como de praze — esquece-se o povo, a miséria verdadeira que campeia solta por este país afora.

Enquanto isso, as mocinhas botam os peitinhos pra fora e, lá longe, os russos invadem o Afeganistão. Criaram o seu Vietnã e ponto final. Os comunistas, mais uma vez, ficam baratinados e sem saber o que dizer. Alguns que não pretendem esconder sua cretinice, partem céleres para "justificar" a invasão russa. E voltam aos mesmos e desgastados chavões de sempre — o noticiário da "imprensa capitalista" está "distorcendo" tudo; o protestos generalizados são classificados como "histeria ianque" e, pasmem, dizem que a URSS está "democratizando" o Afeganistão. Era só o que faltava!

Mas, se os capitalistas selaram sua imagem de verdadeiros porcos fascistas que são ao invadirem e massacrarem o Vietnã, os comunistas não perderam por esperar e, agora, quem quer que tenha a coragem de defender os porcos soviéticos, ou é maluco ou está agindo na mais absoluta má fé ou, ainda, está apenas pleiteando um lugarzinho num desses muitos partidos que devem surgir neste país. Quem não é burro nem mau caráter vê logo que a URSS iniciou célere o princípio do fim da "esquerda" autoritária. Em suma, estão desmoralizados.

Por outro lado, entre goles de saquê e coca-cola e colheradas de arroz, a China abriu as pregas e tá deixando Jimmy Carter meter, aos pouquinhos. Toda essa grande descaração a que se chama de política internacional está vindo à tona. EUA e CHINA aliados contra a Rússia? E por que não? E será mesmo CONTRA A RÚSSIA? Quem sabe? Afinal, hoje em dia todos bebem coca-cola e vestem calça Lee...

O MITO DA MULHER "DIREITA" (OU PORQUE O NÃO AO TOPLESS)

São paridos um homem e uma mulher e nem parece que foram gerados do mesmo modo, pois, a partir daí, tudo muda.

Em torno do homem, cria-se o misticismo de que ele tem que ser o machão, cheio de volúpia sexual, em busca de uma mulher que preencha os requisitos necessários à sociedade para ser a "mãe de família", além das concubinas, é claro.

Quanto à mulher, é destinado o papel de absorver milhares de normas que a levarão a ter "a boa conduta", livrando-a do perigo de dar o rabo na primeira esquina.

Uma conseqüência da absorção desses modelos é a atitude de agressão das pessoas em relação às meninas que têm pintado de topless nas praias. Agressão esta que se justifica pelo fato de ainda estar profundamente martelado na cabeça dos homens o desejo de casarem-se com uma mulher "direita". E de mulheres incapazes de produzir, afirmando-se como pessoas, que vêem o topless como uma ameaça ao seu emprego de esposas.

O medo de muitas dessas mulheres reflete a falta de pique para reformular os conceitos criados em torno delas, a quem foi reservado esperar com saúde e beleza, repletas de "virtudes" morais, carteira de identidade e atestado de virgindade, por um marido.

O que se observa é uma grande falta de amor das pessoas por si mesmas, que subestimam sua capacidade de serem felizes, achando o que lhes convém, por isso, desrespeitam covardemente aqueles que resolvem amar-se.

REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO SECUNDARISTA

No dia 28 de março de 1968 morreu, no Rio de Janeiro, o estudante secundarista Edson Luís, e com ele parece que foram enterrados muitos grupilhos onde atuava o estudante de nível médio, como grêmios e centro-cívicos. Se bem que o estudante secundarista brasileiro nunca teve expressão na vida política ou cultural do País e para a sociedade ele é considerado um marginal, um ser sem nenhuma produtividade. Talvez por ser jovem, por ocupar uma faixa de idade que vai dos 15 aos 19 anos, e nessa idade os interesses são outros. Mas a coisa está que voltam. Já ouvir dizer que o ensino primário no Brasil é precário porque os estudantes primários não votam nem fazem greve. E os secundaristas? Será que é pelo mesmo motivo que não melhoram essa azia que é o nível médio? Como disse há pouco, os grupilhos estão voltando, e em 1979 conseguiram realizar o I ENES (Primeiro Encontro Nacional de Estudantes Secundaristas), em Belo Horizonte, que decidiu ser o ano 80, não o ano dos velhos como quer a ONU, mas o ano nacional dos estudantes e secundaristas, que lutarão pela reconstrução das entidades de base. Salvador conseguiu o I Festival de Música Secundarista e a mostra de teatro; formou-se a comissão pela meia passagem e a comissão "vagas para todos", que deseja o fim do vestibular e já consegue ter núcleo em várias capitais. No interior também a bola está rolando: jornais, teatros, etc., tudo feito por estudantes de nível médio. É não dá mais pra segurar. Explode movimento secundarista.

Bem, mais isso não é tudo. O interessante é que esses grupos só fazem idealizar, idealizar, idealizar, e, é claro que não se pode impedir ninguém de sonhar. E como as ações são poucas, resolveram que para aumentar essas ações, ou melhor dizendo, por puro modismo vão ser comunistas, teleguiados de Moscou. É verdade: ser comunista virou moda, é o "sarro" do momento, é o "quente" ser comunista, só que ninguém sabe o que é comunista, mas é comunista. São os garotos que deram o maior valor quando o Grupo de Teatro Oficina dançou em cima da bandeira nacional achando esse simbolismo tem mesmo que cair, o que realmente está certo. Todo símbolo retrata um poder, mas esses mesmos garotos se sentem ofendidos se alguém fizer uma careta pra bandeira russa. Agora, voltando ao assunto principal, os garotos secundaristas vão ficar ao lado do partido comunista "porque o PC é o partido das massas" como me disse um deles; doce ilusão, porque as massas não têm partido, elas têm problemas. Problemas alimentares, de saúde, abandono, solidão, escravidão. Vamos lutar pela justiça social, o comunismo libertário e não por mudanças de governo, pois sairemos de uma ditadura e entraríamos em outra.

Os secundaristas devem realizar lutas por tudo que os estudantes têm direito e não ficar cobrando das pessoas se elas são vermelhas ou verdes. Mas em vez disso, eles estão desejando o comunismo russo como se fosse um copo d'água que se toma num certo momento de muita sede, quando essa água é apenas um veneno engolido num momento de desespero.

MAISA FERREIRA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Que país é este?

1 *Figueiredo, o Kung-Fu Tupiniquim*

O Brasil já teve um campeão mundial de Boxe, chamado Eder Jofre. Entre as cordas de um Ring era um tremendo massacrador de adversários. Possuía fulminante esquerda com impacto que muitos compararam a um bate-estaca Franklin. Dezenas de adversários, involuntariamente beijavam a lona, vítimas de seus punhos demolidores. Era um verdadeiro demônio de Força, destreza e inteligência.

Mas, uma vez terminada a luta, despidas as luvas de couro, retirado o suor corporal, vestida roupa esporte, passeando pelas ruas de S. Paulo era o mais pacífico e comportado dos seres humanos.

Muitas e muitas vezes engoliu desaforos para não ter que extrair a murros, o Apêndice nasal do ofensor.

Conta-se que, certa noite, atacado por um grupo de Play-Boys, tentou diplomaticamente, convencê-los da inutilidade de derimir dúvidas através de ''porradas''.

Esgotados todos os argumentos, vendo que o ''Pau ia quebrar'', teve a genial idéia de mostrar sua carteira de identidade. E foi água na fervura. O grupo de valentes, por obras de mágicas, se transformou num grupo de internas do Colégio Sion.

Há tempos que Eder Jofre abandonou o Box profissional, hoje é um próspero comerciante voltado para a Yoga e a alimentação vegetariana.

Entretanto, na alma do brasileiro, ficou a frustração. Nunca mais tivemos um campeão mundial de Boxe. Com os acontecimentos de Florianópolis, parece que a frustração foi superada.

O sr. João Batista de Figueiredo, nomeado presidente do Brasil, foi recepcionado pelos estudantes catarinenses, com um coro uníssono, digno das melhores tradições Bocageanas: F... da P...! F... da P...! F... da P...! E resolveu sair no tapa, no bofetão, na bolacha, no ''rabo-de-arraia'',

Não consigo entender a relação que há entre minha mãe e a situação econômica do Brasil.

no ''cacete'', no ''pau'', na ''banda'', na ''lampana'' e mostrar ''na raça'' com ''quantos paus se faz uma canoa''.

Porque, malandro que é bom não leva desaforo para casa, e rostinho que mamãe beijou P... nenhum bota a mão. Gritando ''me segura se não arrebento e expludo'', tentou aplicar alguns safanões nos que estavam mais próximos, deu demonstração cabal de sua política de ''mãos extendidas''. Foi um ridículo espetáculo do sr. Figueiredo e também dos estudantes.

Convenhamos que Eder Jofre possuía mais envergadura ética, consciência de seu poder e maturidade mental. Fugia dos charivaris, arruaças, rolos, sarilhos, banzés, turumbambas, tribuzanas e ''cu-de-bois''. Sua força física, técnica e disposição só eram aplicadas no momento preciso e indispensável. É exatamente o que não sabe fazer o sr. Figueiredo.

Quanto às manifestações estudantis parecem que estão necessitando de urgente revisão. Há uma estrutura fascista, autoritária que permeia a universidade, onde um saber colonizado, dirigido, elitista campeia. E é precisamente nesse meio que a contestação e as propostas práticas de solução devem brotar.

Como integrantes de uma comunidade populacional os estudantes habitam ruas e bairros com problemas específicos de transporte, moradia, custo de vida, lazer, cultura, saúde que demandam soluções urgentes. Não como mentores e chefes, mas como iguais a todos, na tentativa de soluções práticas que irão criar as bases para ações futuras de maior calibre.

Provocar os instintos agressivos de um Kung Fu Tupiniquim não nos parece tática, produtiva. Quando muito pode render algumas equimoses e o enquadramento na *Lei de Segurança Nacional*.

a) Olavo Dias Ferreiro

2. *Computadores a serviço do previlégio*

O Informe JB divulga a denúncia de um programador do computador da *Cesgram Rio,* de que as fichas respostas dos vestibulandos empistolados e de policiais infiltrados no meio estudantil são separadas cuidadosamente, pois de ante mão já estão aprovados.

É isso que em ditadura se denomina igualde de oportunidades.

3. *Livrai-me da polícia que dos assaltantes me livrarei...*

A TRIBUNA DA IMPRENSA noticiou que uma percentagem assutadora de pessoas que se engajam na polícia militar do Maranhão são portadoras de distúrbios de conduta, quando não, francamente psicóticas e que inconscientemente buscam as atividades policiais como meio de descarga de seu potencial agressivo de forma não punível.

biblioteca

Desembarcou no Brasil, depois de longa viagem, Miguel Alexandrovich Bakunin, filho de antiga família aristocrática russa, nascido a 20 de maio de 1814, em Pryamukhino.

Sua chegada se verificou em formato de um livro intitulado "O Socialismo Libertário", Editora Global.

Trata-se de uma seleção de artigos publicados inicialmente no jornal "L'Egalité" da Associação Internacional dos Trabalhadores da Suiça romanche, de 1869.

Nota-se em Bakunin, a clareza do estilo, e encadeamento lógico das idéias, escreve para ser lido e entendido por operário. Foge de ocultar o pensamento através de linguagem e terminologia esotéricos, só inteligível a um círculo restrito de iniciados, como ocorre com a esmagadora maioria da literatura socialista.

Quem se exprime com clareza, sabe o que expõe em profundidade.

Alguns artigos cabem certos dentro do nosso contexto brasileiro, como **Os narcóticos, Instrução Integral** etc.

Excelente capa, com uma gravura de Kate Kollwitz.

Como a Editora Global não se apercebeu da importância da chegada de tão ilustre visitante, aqui vai seu cartão de visita:

Bakunin, aos 20 anos, entra para a Escola da Artilharia de Petrogrado, onde aprende com êxito a ciência da Guerra. Em 1838 conhece as teorias de Hegel. Vai a Berlim e se relaciona com neo-hegelianos revolucionários. Em Dresden, 1842, publica o artigo "A RELAÇÃO NA ALEMANHA". E o governo russo pede a sua extraditação. Foge para a Suiça e converte-se ao socialismo. Participa ativamente da Revolução de fevereiro de 1848, em Paris.

Em 1850 é preso e sentenciado à morte, após a frustrada Revolução de Dresden. Em 1851 é extraditado sob correntes para a Rússia e encerrado na fortaleza Pedro e Paulo. Em 1859 foi transferido para o oriente da Sibéria. Dois anos após empreende sensacional fuga de navio e chega ao Japão, finalmente atinge Londres, acolhido por Alexandre Herzen, Oeareff.

Na primavera de 1869 Bakunin adere à **Associação Internacional dos Trabalhadores**. Sua influência é enorme. Mantém correspondência volumosa com todos os socialistas e revolucionários da Europa, torna-se redator-chefe do "EGALITÉ" de Genebra, periódico no qual definiu suas teorias numa série de brilhantes artigos.

A proclamação da comuna suscita nele um novo entusiasmo; porém sabia que Paris deveria cair; pois as províncias estavam mortas.

Em setembro de 1871 celebrou-se em Londres uma conferência da Internal. Em que se adotou a luta política partidária como condição tática de todas as Federações. Essa conferência provocou o protesto da maior parte das seções da Internacional, levando-a mais tarde à dissolução.

A enfermidade que contraíra durante a longa reclusão na Rússia piorou, impedindo toda ação, transfere-se para a casa do professor Alfred Vogt, em Berna, e falece a 1º de julho de 1876, aos 62 anos.

**O SOCIALISMO LIBERTÁRIO,
M. BAKUNIN, GLOBAL EDITORA
S.PAULO, 1979, 67pp, Cr$ 80,00**

FALTA MUITO PARA SE TER A HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Historiadores do movimento operário no Brasil têm, quase sempre, delimitado suas pesquisas até o ano base de 1922, coincidindo com a fundação do Partido Comunista do Brasil. A partir desse fato, está se criando o mito de que aquela data, chave marca o desaparecimento brusco da militância libertária, substituída pela liderança do PC.

Há em tudo isso um equívoco enorme. Não só permaneceu o movimento anarco-sindicalista, ainda que fustigado pelos fortíssimos ventos da reação, como seus militantes operários mais ativos, receberão quase só as violentíssimas catanadas da ditadura de Bernardes.

Aos magotes serão lançados em navios e expulsos do País; atirados aos montes nas prisões ou dizimados no "gullag" brasileiro, a região pestífera do Oiapoque, próximo à Guiana Francesa. Lá perecerão de fome, febres, devorados pelas feras ou mortos na floresta nas tentativas de fuga fracassadas.

Eles serão a parte substancial do operariado a sofrer a repressão brutal. O PC, por não possuir quadros atuantes, discretamente hibernará. Ao pôr a cabeça de fora, mais tarde, será tranqüilamente tolerado pelo governo Arthur Bernardes. A **Classe Operária** circula em 1925, e, durante o período Washington Luís, a publicação **A Nação**.

O movimento anarco-sindicalista projetar-se-á na década de 30 em São Paulo com a **Federação Operária** que terá participação ativíssima na luta antifascista, organizando, entre outras coisas, a manifestação de repúdio ao integralismo, que culminará com os acontecimentos da Praça da Sé, em 1934. As pequenas organizações marxistas da época entraram apenas a reboque no acontecimento.

A luta contra o sindicalismo estatal do Estado Novo, importado da Itália fascista, terá, na **Federação Operária de São Paulo**, a única força estruturada a lutar com o sindicalismo de Vargas, que se avizinhava e se impunha. Os grupos marxistas, por puro oportunismo, aderiram ao sindicalismo oficial.

Em 1935, brutalmente, as forças da reação invadem e destroem as sedes da F.O.S.P. após a tentativa inútil de ganhá-la para o sindicalismo oficial. Descia definitivamente a noite fascista no Brasil, sob o comando de Getúlio Vargas.

Essas reflexões vêm a propósito do livro de Sheldon Leslie Maram, **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro**, que também limita suas pesquisas ao ano mágico base de 1922. Porém, tem a virtude de não cair nas explicações mágico-marxistas para determinar o decair de orientação libertária. Prefere aprofundar suas pesquisas mostrando as condições que propiciaram o acontecimento.

Alguns aspectos mais criticáveis do trabalho de Maram prendem-se ao fato de que, às vezes, ele dá uma demonstração cabal de sua ignorância do que era o atraso econômico, político e social do Brasil nas décadas iniciais do século. E pretende exigir uma coerência, profundidade, solidez de ação de um movimento que a duras penas iniciava seus passos na tentativa de organizar a nascente classe operária brasileira.

De qualquer modo, o livro de Sheldon Maram é uma contribuição valiosa aos estudos do movimento operário brasileiro, que somente nas décadas atuais está sendo descoberto e estudado.

ANARQUISTAS, IMIGRANTES E O MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO, 1890/1920. Sheldon Leslie Maram — Editora Paz e Terra, Rio, 1979, 179 pp., Cr$ 145.

Arcádio O. Silva

UNIVERSIDADE: DEPÓSITO DE MEDIOCRIDADE

Um novo livro do professor Maurício Tragtemberg. A Delinqüência Acadêmica, que analisa a instituição universitária como organismo dominante e os mecanismos pelos quais ela se liga à dominação.

Desponta que a 'universidade está em crise porque toda a sociedade está em crise. Não sendo ela uma instituição neutra, mas nitidamente de classes, onde as contradições se tornam claras.

Ela está formando especialistas destinados a manter o despotismo do capital, nas fábricas; nos institutos de pesquisá, criar os que manipulam dolosamente os dados econômicos em detrimento dos assalariados; nas escolas de Medicina, a especialização para o uso de uma elite endinheirada, enfim a nova pedantocracia da produção de um saber a serviço do Poder.

Portanto, em nome do atendimento à comunidade e em nome do serviço público, a universidade se adapta cada vez mais aos interesses econômicos hegemônicos. O conflito entre o tecnicismo e o humanismo leva a universidade brasileira a ser uma "multiversidade". Ensinando tudo aquilo que o aluno possa pagar.

O "assistencialismo" universitário, com sua Operação Rondon, não resolve o problema da maioria da população brasileira: problema da terra.

Na realidade, o intelectual universitário vai se tornar cúmplice de genocídio, espionagem, engano, corrupção estatal, por não questionar a finalidade do conhecimento social produzido. Embarca num apoliticismo que se traduz numa servidão à política do poder.

A separação entre "fazer" e "pensar" é um sintoma característico da delinqüência acadêmica. O professor é controlado mediante critérios visíveis e invisíveis de nomeação; os alunos, mediante critérios visíveis e invisíveis de exame. As escolas, portanto, tornam-se depósitos de alunos.

A alternativa seria a criação de canais de participação de professores, estudantes e funcionários que, se oponham à esclerose burocrática.

A autogestão pedagógica devolveria à universidade um aprendizado fundamentado numa motivação participativa e não em decorar clichês, repetidos nas provas que nada provam, e que levam os alunos a saírem com mais um dado inútil: o diploma.

São as conclusões contundentes e irrefutáveis de Maurício Tragtemberg.

A DELINQÜÊNCIA ACADÊMICA. Maurício Tragtemberg, Editora Rumo, São Paulo, 1979, 83 pp., Cr$ 65.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ENERGIA: VAMOS MUDAR DE PATRÃO

Provado o amargo sabor das desditas impostas pela dependência energética, atrelados que estávamos (estávamos?) ao esquema internacional montado em torno do petróleo, voltam-se as atenções dos povos do mundo às fontes alternativas de energia.

Obcecados pelo ouro negro que jorrava até então fácil, farto, barato e secundariamente pelo carvão mineral, os dirigentes da grande maioria das nações assentaram seus sistemas econômicos nôs combustíveis fornecidos pelo sub-solo, sem maiores preocupações. Queimava-se (e queima-se) petróleo para movimentar o mundo mesmo quando seria possível a utilização de outras fontes energéticas perenes e de custo mais compensador a longo prazo, como a energia hidráulica, solar, dos ventos (ou eólica, como queiram), das marés e animal. Ou ainda a energia química derivada da queima de compostos extraídos de matéria vegetal, por isto mesmo renovável.

No Brasil, para exemplificar, grande parte da energia elétrica consumida no centro-sul é gerada por termoelétricas masmo à vista dos vastos recursos hídricos proporcionados pela nossa bem sortida bacia fluvial.

Vento: além de não poluir é grátis.

ALERTA ÀRABE

Com a posição adotada no início da década pelos países exportadores de petróleo, elevando o preço do seu produto, os "estadistas" botam a mão na cabeça, receosos do colapso que adviria para seus sistemas econômicos face ao "estouro" nos orçamentos e nos custos de produção, sem contar a instabilidade gerada pela atitude da OPEP.

Aqui abro um parentesis para tecer dois pequenos comentários acerca da medida da OPEP:

Primeiro: Não se pode classificar como injusta ou absurda a posição dos países árabes em majorar o preço/venda do óleo, pois que estes países exportadores — todos do Terceiro Mundo — possuem o ouro negro como principal produto de exportação, quando não o único. Ademais estes países vinham sustentando preços irreais graças ao conluio disfarçado das chamadas "Sete Irmãs", multinacionais do óleo, e países do bloco comunista, que, artificialmente, forçavam os baixos preços, obtendo energia barata. Financiavam, portanto, os países árabes, o desenvolvimento das suas colegas do "Concerto das Nações".

É lícito lembrar ainda que, mesmo após a criação da OPEP e nos dias de hoje, os países grandes compradores escamoteiam os ganhos dos membros da entidade mediante artifícios cambiais. Isto explica em grande parte os reajustes tempestivamente praticados pelos exportadores no preço do petróleo.

Em segundo lugar, a bem da verdade, a posição dos árabes serviu de alerta contra o fabuloso desperdício de energia usual, levando também à busca de tecnologias de aproveitamento de outras fontes energéticas. Ao mesmo tempo, novas reservas foram descobertas e um melhor aproveitamento dos derivados de petróleo foi imposto, o que amplia as perspectivas reais de todos.

FUTURO ENERGÉTICO

O grande aspecto positivo de todo este "affair" de dimensãos planetárias pode vir a se constituir na mudança de posição dos consumidores de energia a nível pessoal e a nível grupal.

É o petróleo fonte de energia altamente centralizadora. Ou seja, é simplesmente impossível a um homem ou a um pequeno grupo de indivíduos dominar todo o ciclo de produção deste combustível, da sua propecção à sintetização de um derivado carburante, não só levando em consideração as barreiras técnicas, como principalmente pelas econômicas.

Desta forma é natural que todos nós que dependemos do petróleo para nos locomover, para criar calor e o vapor que move a indústria, fiquemos bastante atentos ao noticiário em torno da "crise do petróleo". Pensar que todo um arsenal de equipamentos a nossa disposição pode ficar obsoleto de um momento para o outro frente a uma decisão da qual não temos condições de participar é realmente preocupante.

Assim, ao passo que são valorizadas outras fontes de energias descentralizadoras como a solar, dos ventos e em pequena escala a hidráulica, descortina-se a possibilidade de não depender de trustes multinacionais ou mesmo de governos para o reabastecimento energético. A menos que sejam criadas tarifas para o sol que nos ilumina, para o ar que respiramos e para os rios que banham as terras.

Da mesma maneira ocorre com relação aos combustíveis resultantes de produtos vegetais, como o álcool, o etanol, etc., já que o ciclo de produção utiliza tecnologias pouco complexas, exigindo recursos mais limitados e que ainda podem ser adequados aos resultados que se pretendam atingir.

Os equipamentos destinados a captar energia solar, hidráulica ou eólica podem ser fabricados com materiais de sucata, sobras de metal e madeira. Ainda que comprados prontos, são bastante compensadores já que nenhum custo mais haverá para sua operação, durante intermináveis anos.

Os compostos de origem vegetal, tal como o álcool; podem ser facilmente obtidos em aparelhos de fundo de quintal, com a ajuda da energia animal, aproveitando produtos como a cana de açúcar, mandioca, milho, arroz e muitos outros.

No caso específico do álcool de cana de açúcar, no interior de todo o Brasil é fabricado com auxílio de instrumentos tão rústicos (embora econômicos e eficientes) que muita gente julgaria impossível, inacreditável mesmo. Moendas de madeira movidas a tração animal, cochos e destiladores também de madeira. Paus agrestes são usados como lenha juntamente com o bagaço da cana para fazer a garapa fermentada atingir ponto de ebulição e assim ser transformada em álcool ou aguardente.

Portanto não é de se estranhar as dificuldades e pressões que se fazem sentir para que ganhe corpo a implantação do álcool como combustível de larga aplicação. Trata-se de uma bioenergia autogestionária podendo ser sintetizado eficientemente por pequenos grupos humanos, desde que exista terra onde plantar a cana e outro vegetal escolhido.

Graças aliás a esta condição (ou seria coincidência?) o que tivemos no Brasil após a deflagração da "crise do petróleo" foi a seguinte cronologia de fatos: de 1973 a 1975, praticamente nada foi feito a nível governamental para o enfrentamento do problema energético. Em 1975 foi lançado o Proálcool no governo Geisel porém até o início deste ano não saiu do papel, pelo menos significativamente. Agora a indústria automobilística já produz veículos a álcool regularmente, fala-se muito no Proálcool, canalizam-se verbas etc etc. De 73 para cá, porém intensificou-se de maneira impressionante a ocupação do campo pelas empresas capitalistas, nacionais ou não. E isto tudo pode fazer com que haja apenas uma substituição de fornecedores de energia. Em vez de dependermos dos árabes e dos trustes petrolíferos, iremos depender de outros potentados, os latifundiários da energia. E.P.F.

DEZ TESES SOBRE O MARXISMO, HOJE (*)

1) É insensato, à partir de hoje, perguntar-se em que medida o ensinamento de Marx e Engels é, em nossa época, teoricamente receptível e praticamente aplicável.

2) Todas as tentativas para restabelecer a doutrina marxista como um todo e na sua função original de teoria da revolução social da classe operária são, hoje, utopias reacionárias.

3) Todavia, pelo bem como pelo mal, os elementos fundamentais do ensinamento de Marx conservam sua eficácia depois de terem mudado de função e de palco. Ademais, a praxis do antigo movimento operário marxista possibilitou poderosos impulsos às divergências práticas que hoje opõem os povos e as classes.

4) O primeiro passo a dar para recolocar em pé a teoria e a prática revolucionárias consiste em romper com o marxismo que pretende monopolizar a iniciativa revolucionária e a direção teórica e prática.

5) Hoje, Marx não é que um dos numerosos precursores, fundadores e continuadores do movimento socialista da classe operária. Não menos importantes são os socialistas ditos utópicos da época de Thomas More à nossa. Não menos importantes são os grandes rivais de Marx, tais como Blanqui e seus inimigos irredutíveis tais como Proudhon e Bakounine. Não menos importantes, como último resultado, os desenvolvimentos mais recentes, tais como o revisionismo alemão, o sindicalismo francês e o bolchevismo russo.

6) São particularmente críticos, no marxismo, os seguintes pontos:

a) O fato de ter sido praticamente subordinado às condições econômicas e políticas pouco desenvolvidas da Alemanha e de todos os países da Europa Central e Oriental, onde adquiriu uma importância política;

b) Sua ligação incondicional às formas políticas da revolução burguesa;

c) A aceitação incondicional do estado econômico avançado da Inglaterra como modelo de desenvolvimento futuro de todos os países e como condições objetiva prévia de transição para o socialismo. Ao que se acrescenta:

d) As conseqüências de suas repetidas tentativas desesperadas e contraditórias para alterar estas condições.

7) Destas condições, em efeito, resultaram:

a) A superestimação do Estado como instrumento decisivo da revolução social;

b) A identificação mística do desenvolvimento da economia capitalista com a revolução social da classe operária;

c) O desenvolvimento ulterior, ambíguo, desta primeira forma da teoria marxista da revolução, pela implantação artificial da teoria da revolução comunista em duas etapas; esta teoria dirigida por um lado contra Blanqui e por outro contra Bakounine escamoteia do movimento presente a emancipação real da classe operária e a posterga para um porvir indeterminado.

8) Aqui encontra-se o ponto de inserção do desenvolvimento leninista ou bolchevique; e, é sob esta nova forma que o marxismo foi transplantado na Rússia e na Ásia. Operou-se, simultâneamente, o desenvolvimento do socialismo marxista que, de teoria revolucionária, tornou-se ideologia pura. Esta ideologia poderia, ser, e foi, subordinada a toda espécie de objetivos diversos.

9) Convém julgar, sob este ponto de vista, com espírito crítico as duas revoluções russas de 1917 e a chineza de 1928, e, é sob este ponto de vista que é necessário determinar as funções preenchidas, hoje, pelo marxismo na Ásia e em escala mundial.

10) Para os operários o poder em dispor da produção de sua própria vida não resultara do fato de ocuparem as posições abandonadas, nos mercados internacionais e no mercado mundial, pela concorrência autonegativista e autodenominada livre, dos proprietários monopolistas dos meios de produção. Este poder somente pudera resultar da intervenção concertada (planmässig) de todas as classes, hoje excluídas, numa produção que já se dirige, hoje, em todos seus aspectos para a regulamentação monopolista e planificada.

(*) As "Dez teses sobre o Marxismo". Hoje, constituem um resumo das Conferências que K. Korsch realizou em Zurich em 1950.
Tradução para o português de Nélson Sarathiuk, **Suíça, Maio 1978.**
Fonte: Revista "Arguments" n. 16, 1959, Paris.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

SINDICATOS REAGEM Á REPRESSÃO

**Relizou-se, no dia 2 de dezembro de 1979, na cidade de Quixeramobim, Ceará,
um encontro de 60 sindicatos de trabalhadores rurais
para que fosse tomada uma posição com relação ao problema de terras na região,
que vem castigando e marginalizando a grande massa de trabalhadores do campo.
Lamentável foi a posição das cúpulas pelegas, que fizeram tudo para evitar o encontro sindical,
juntando-se à posição autoritária do Delegado Regional do Trabalho do Ceará,
que enviou uma circular a todos os sindicatos proibindo o encontro.**

**Apesar de todas essas pressões contrárias,
os sindicatos realmente livres não obedeceram às ordens arbitrárias e promoveram o encontro,
no qual compareceram cerca de 10 mil trabalhadores, portando faixas, cartazes,
exigindo condições de trabalho e terra para plantarem.
No texto a seguir, o nosso companheiro Antônio Fernandes Mendes
historia as lutas do trabalhador rural do Ceará.
O discurso foi pronunciado na oportunidade do encontro:**

"COMPANHEIROS"

Hoje nosso Sindicato completou 10 anos de funcionamento, 17 anos que foi fundado e 15 anos do Estado do Ceará. Com a modesta participação do companheiro que vos fala. Os seus primeiros anos foram de grandes dificuldades, pela sombria época autoritára e maquiavélica que passamos, embora ainda saindo do túnel compressor, vislumbra uma nova perspectiva de buscarmos nas bases sindicais o alicerce para fortificar os caminhos de uma estrutura libertária e que na hora presente vai agigantar-se. Apesar daquelas graves dificuldades por que passamos, o nosso Sindicato não mediu esforços para levar aos companheiros as palavras de informações necessárias, no interesse da classe. Tomando como base a conscientização dos seus graves problemas impostos perversamente, por uma etrutura agrária desumana e egoísta, assentada na exploração e na indiferença, arrogantemente ignorou o trabalhador rural, mas desgraçada da nação ou de povos que se encaminham por esses escabrosos caminhos mais hoje ou mais amanhã cairão no abismo por eles mesmos cavado. Aí estão os primeiros grandes sinais das graves crises que teremos de enfrentar, e aqui vai um conselho àqueles que buscam a sua segurança pelo domínio e também àqueles que buscam a segurança pela submissão, que jamais haverá equilíbrio na espécie humana, e isto está ocorrendo com os trabalhadores rurais, apesar de ser o sustentáculo da sobrevivência da raça humana, através do suor de seu rosto nos mais duros trabalhos, nas mais diferentes tarefas, então por que ignorar estas sublimes forças criativas do bem-estar coletivo e individual?

Só estando doente, cancerosa e senil a sociedade, para não perceber os males dessa malvada cretinice desagregadora das famílias e das coletividades trabalhadoras. Usando a terra para especulação e exploração do nosso trabalhador, que tamanha insensatez, que tamanho absurdo. Pois por natureza a terra deve pertencer a toda coletividade e a quem nela trabalha fecundamente, até os últimos instantes de sua vida. A natureza é um bem natural de todos, por que exclui dela aqueles do amanhã? Onde está a razão? O discernimento dessa malvada sociedade de consumo? Onde buscar a paz social, tão almejada por todos, quando o braço da balança humana está quebrado? Então companheiros, só resta um caminho e uma alternativa que é a terra voltar para nossas mãos. Não como a velha mentalidade egoísta e exploradora, que até agora nos foi imposta sem alternativas, só nos resta uma comunhão de todos, numa união fraternal, assentados no princípio de igualdade, da liberdade, da fraternidade, da responsabilidade, do apoio mútuo, da reciprocidade e da solidariedade, é que poderemos harmonizar a produção e a distribuição de nossas safras por nós mesmos, sem interferência de outras classes. Não queremos ser uma nova classe e sim a igualdade de classe de todas elas sem exceção. Apenas queremos que haja uma harmonia entre produtores e consumidores de diversas formas de produção. Principalmente aquelas classes de criatividade mais diversificada como aquelas que produzem as nossas ferramentas. Para isto é necessário que criemos uma consciência humanística e libertária, criando nossas roças comunitárias, nossos armazéns de distribuição dirigidos por autogestão, todos nós, e se revesando nos trabalhos da produção e da distribuição sem criar privilégios de remuneração para esse tipo de trabalho. Evitando assim que companheiros de consciência fraca venham criar uma imagem falsa de querer viver do assalariado. Tão prejudicial à classe como a falta de terra. Se os companheiros forem escolhidos para dirigir os trabalhos da comercialização, a sua roça ficará aos cuidados dos companheiros que trabalham na terra. Temos que cortar pela raiz os vícios da exploração. Temos que fazer dentro de cada um de nós uma revolução interior no sentido de melhorar nós mesmos. Ter no companheiro um amigo, um irmão, para isto, temos que começar na nossa casa. Não usando de autoridade repressiva junto aos nossos filhos e a nossa mulher. Todos serem iguais na partilha do produto do trabalho, pesando e medindo as forças de cada um, para não violentar a natureza do viver humano. Dando tarefas compatíveis com suas forças físicas e mentais, não usar de astúcia e persuasão, pois, se assim for, acaba findando na desconfiança mútua entr os membros da família trabalhadora. Procurar respeitar os direitos dos outros para ser respeitado e querido, entre a comunidade onde trabalha. Outro problema companheiro, é como fazer a distribuição da terra, sem que se venha a cair na escravização patronal e estatal, pois são nossos maiores exploradores. Para isto, é preciso uma consciência lúcida e clara de como tratar da reforma agrária, para não cairmos numa nova escravização. Outro problema também, companheiros, é como cultivar a terra sem empobrecê-la ou violentar a sua natureza, para isto, é preciso atentar para o problema de como utilizá-la racionalmente, protegendo-a da devastação indiscriminada, pois a terra tem vida e para isto é preciso alimentá-la. E como alimentá-la: protegendo as florestas, os rios, os mares, os ares e toda a sua vida vegetativa incluindo o homem e os animais. Então o trabalhador rural deve se conscientizar de não se deixar levar pela cantilena dos acumuladores de capitais, que promovem uma propaganda perversa, para que os trabalhadores rurais assimilem a sua ideologia diabólica, usando venenos perigosíssimos, para combater pragas e fungos, que se alastraram por toda a terra por culpa do homem ter destruído quase todas as matas nativas, onde estes insetos buscavam seus alimentos, quem não sabe da grande utilidade dos pássaros, dos animais selvagens que habitavam em grande quantidade as nossas terras e que hoje já restam muito poucos, destruídos que foram pelas mãos impiedosas do homem. Companheiros, outro problema que quero abordar é a política partidária que, tantos males tem nos feito, desviando a conscientização do trabalhador, transferindo nossa ação direta para terceiros e até mesmo as classes hostis a nossa emancipação econômica e política. Companheiros, outro problema a ser abordado é a escola que na hora aliena, estupidamente os nossos filhos da realidade social, criando um fosso entre a força de trabalho e a mente, ainda concorrendo com grande parcela de emigração rural para as grandes cidades, onde vão ser marginalizados ou utilizados pelo Estado e seus servidores, para reforçar o aparelho de repressão e ajudando a acercear a liberdade do ser humano, ainda no campo físico e mental, vai alterar todo o sistema biológico, por não interligar as forças criativas da mente humana, separando o trabalho físico do mental e, ainda por cima, levando aos nossos jovens uma idéia de superiores e de fiscais opressores do trabalhador rural e de ofícios, assim como afastando o ser humano da realidade da vida, enchendo o cérebro de alienação e de idealismo falso, matando a iniciativa criativa do trabalhador, deixando o mesmo sem perspectiva de encontrar a sua liberdade por si mesmo. Queremos deixar claro, que não adianta o trabalhador ficar numa luta sindical, na base do apelo pois só ela mesmo é quem poderá tomar suas decisões próprias, e o sindicalismo é uma escola essencialmente sociológica, capaz de resolver todos os problemas que marginalizam os trabalhadores e também harmonizar todos os seguimentos da produção e da distribuição e ainda promovendo um alto grau de igualdade social pondo fim às rivalidades e à exploração do homem pelo homem, e nos livrando deste mostruoso leviatã, o Estado, seja branco, preto, vermelho ou multicor, pois o mundo marcha aceleradamente para uma sociedade libertária, sem chefe, sem guia, sem mestre, sem profeta, sem tirano, e usurpador. Criando harmonização social capaz de quem quer que seja sem importar, que idade tenha o seu estado físico, as suas capacidades, cada um tem o direito de exercer livremente a sua criatividade. É uma aquisição particularente importante, pois acelera a destruição das distinções de idade, de sexo, de força física ou mental, de capacidade ou incapacidade baseadas no prestígio. Em resumo, acelera o fim das separações. A livre disposição do tempo e a livre disposição do espaço são inseparáveis. A todo o momento é preciso que cada um possa estar como em sua casa, onde quer que se encontre. Praticamente, isto significa que cada um tem o direito de construir qualquer estilo de habitação, de criar ambientes, de se deslocar como entender (direito ao nomadismo), de construir os seus sonhos, de concretizar as suas recordações, de condensar o tempo vivido, de o fragmentar em instantes fugazes, de explorar.

Os trabalhadores rurais cearenses reunidos, apesar dos pelegos e do Governo.

Companheiros outro assunto que quero abordar é sobre o sindicato a serviço da máquina opressiva do Estado, só poderemos ser livres com um sindicato livre de todas as tutelas, inclusive a ideológica, dognática e autoritária. A felicidade só é possível quando o Estado deixar de existir; quando nenhuma condição hierarquizante prepare o seu regresso.

Quixeramobim, 01 de dezembro de 1979.
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE QUIXERAMOBIM.

ANTÔNIO FERNANDES MENDES

"A liberdade não pode e não deve defender-se senão pela liberdade; e é um contra senso perigoso querer feri-la sobre o pretexto especial de a proteger."

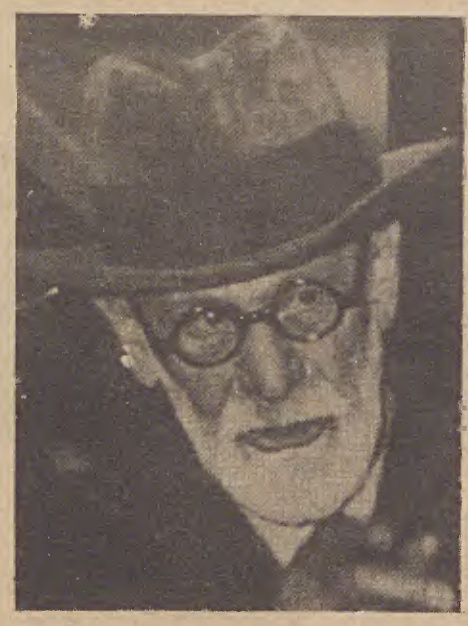
MIKHAIL BAKUNIN

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Cheguei a 80... vou a mais de mil

AUGUSTO CÉSAR MAIA

Tendo em vista a minha lucidez, diagnosticada pela medicina, sinto um desprezo pela vida por ter sido enquadrado num teste psicológico que me considerava apto para realizar qualquer atividade, desde que fossem estas ditas pelos mesmos. Aproveitando o espaço faço um apêlo para os meus diagnosticadores, que me deixem viver, que me tragam de volta ao meu mundo da LOUCURA, a minha melhor porção, aquela onde realmente consigo ser, sem a tradicional vergonha, e o medo do que vão dizer, (vizinhos, amigos, e, o pior, os parentes), pois para mim não passam de meras palavras sem expressões. Não quero ser o "professor sabe tudo", nem impedir de que alguém o seja, cada qual com o seu mundo, a verdadeira verdade é aquela que se crê, e não aquela padronizada sistematizada e normalizada pelos ditos papões da vida. Tenho o direito de ser ou ficar louco, como tenho o direito de viver, uma vez



FREUD: um louco ou inventor da loucura

que a vida é minha e qualquer coisa que fizer estará absolutamente certo, só a mim cabe essa minha verdade, a mais ninguém. Poderei preferir fugir da vida a não estar consciente de mim mesmo e dos outros, e estarei certo. Poderei preferir viver no vale da depressão, no pico, ou nos platôs das sensações. Poderei decidir entre o alimentar e o envenenar. Poderei optar por lutar e jejuar na solidão, ou viver mergulhado no luxo, sempre cercado pelos amigos, e isso também estará certo. Poderei preferir manter o "STATUS QUO" adotado pela sociedade, ou resisitir e lutar para modificá-lo, e ambas as decisões estarão certas. Poderei me prostituir e viver na marginalidade e, de fato tudo que escolher, por considerar a minha pessoa, estará certo, porque faz parte de mim. O que eu faço, faço para mim, então estarei certo.

"é proibido proibir", essa será a máxima da década de 80, desistir de ser o que é, é transformar-se no que não é, por isso devemos todos, "ASSUMIR" o seu verdadeiro papel, nesta década que se inicia, chega de demagogias e hiprocrisias. Os homens não agüentam mais essas castrações de seus verdadeiros ideais que cada um possui, mas têm mêdo de expô-los ao mundo, pois a total mentalidade da sociedade atual, considera o que é falso ou verdadeiro, conhecimento ou ignorância, loucura ou sensatez aquilo que lhes são impostos como a verdade por determinado sistema dominante. Contudo, com um ano novo, uma nova era, uma nova mentalidade começa a surgir , onde os homens questionam todos esses valores ARCAICOS de coerção que lhes impede de realmente ser.

O vôo do 14 Bis

NÉLSON TANGERINI

O multitecladista, violonista, vocalista e bandolinista Flávio Venturini já havia tocado n' O Terço, ao lado de Sérgio Magrão (baixo, vocal, backing vocal e violão ovation). Vermelho (teclado, piano, vocal e baixo) já havia tocado com Beto Guedes, e participando inclusive, de seus primeiros LPs lançados pela ODEON, ao lado de Hely Rodrigues (Bateria, vocal e percussão) e do próprio Flavinho. Kimura (gaita — e que gaita!) e Cláudio Venturini (vocal, baixo, violão e guitarra) são ILÚSTRES desconhecidos para o público brasileiro.

Para entender o grupo mineiro 14 BIS, é preciso entender o segredo que existe por trás do Estado de Minas Gerais e sua lindíssima capital Belo Horizonte, cidade de mil e uma ladeiras, muito queijo, muita música e (o principal) muita menina bonita "...Quem te conhece, não esquece jamais, oh! Minas Gerais!"

Como qualquer pessoa normal e sensível, a moçada do dirigível passou a infância ouvindo Beatles e Rollings Stones, e sentindo de perto, toda a febre do rock, que revolucionou o mundo inteiro.

Vermelho se lembra dos bons momentos do rock: " — Naquele tempo a gente se reunia para ouvir e tocar Beatles. Hoje, as pessoas só desenvolvem o som". Todo sentimento foi colocado em PERDIDO EM ABBEY ROAD, primeira faixa do disco, e composta por Vermelho & Flavinho. Vermelho estava na rua, entre buzinas, apitos, multidões e todo aquele rush característico de cidade grande, quando ouviu no meio de tudo, uma canção dos Beatles, vinda de uma loja de discos "Foi uma sensação de distância muito grande daquela época dos Beatles (continua Vermelho). Nossos amigos dispersos pelo mundo, a gente nem tem mais tempo de se encontrar pra cantar juntos as canções de que a gente gostava".

Sobre o estilo da banda, Flavinho prefere não comentar: " — Para dar uma idéia, somos 4 mineiros e um carioca (o Sérgio Magrão).

Nos shows que os MINEIROS apresentaram em suas temporadas em Belo Horizonte, Rio e São Paulo, o público brasileiro pôde ter uma noção (ou referência) sobre esse trabalho belíssimo, que já foi entregue pela AMI-RECORDING-ODEON à todas as lojas desses Brasis.

O LP de estréia da banda é produzido por MILTON NASCIMENTO (que assina embaixo). Milton inclusive, compôs CANÇÃO DA AMÉRICA, em parceria com FERNANDO BRANT, especialmente para os mineiros, e isto, desde já, dá um certo "status" ao trabalho e qualifica o disco.

Como podemos ver, Minas Gerais não é só terra de Cruzeiro x Atlético, (como muitos preferem dizer por aí), Afonso Arinos, Carlos Drummond de Andrade, Pelé, e Santos Dumont e tantos outros que trouxeram glórias para os ORGULHOSOS mineiros. Minas Gerais hoje, pode (também) orgulhar-se de um dirigível chamado 14 BIS. Um sonho que se tornou realidade. Um som tão genuíno quanto o Rio São Francisco.

Algumas músicas, como ESPANHOLA (de Flávio Venturini & Gutemberg Guarabira), já gravada por Sá & Guarabira, CABALA (Venturini), já gravada pel' O Terço e NASCENTE (Venturini & Murilo Antunes), gravada por Beto Guedes, em seu primeiro LP, e regravado por Milton Nascimetno no LP CLUBE DA ESQUINA, nº 2, não foram incluídas no disco, mas o grupo reapresentou-as ao público, presenteando-o com um flask back dos bons momentos dos músicos, cantores e poetas do Clube da Esquina.

É tanto trabalho bonito, que não caberia num LP simples. Há uma grande probabilidade dos mineiros gravarem NASCENTE, ESPANHOLA e BELO HORROR (de Vermelho), no próximo disco, o que reafirmará a BELEZA PURA da canção mineira.

A AMI-ODEON caprichou em todas as fachas. Graças a gravadora, o intrumental e o trabalho vocal foram melhor ampliados. Se O Terço já era considerado como melhor grupo vocal, o 14 BIS nem se fala.

O disco está repleto de folclóre, rock, música andina e valsa (SONHO DE VALSA) e isso é muito bom, pois reflete melhor esse Brasil, que é o filtro musical do mundo.

MÚSICAS DO DISCO

Lado 1 — PERDIDO EM ABBEI ROAD — Vermelho & Venturini.
CANÇÃO DA AMÉRICA — (Unecounter) — Milton Nascimetno & Fernando Brant
PONTA DE ESPERANÇA — Venturini, Vermelho & Márcio Borges
PEDRA MENINA — Venturini & Vermelho
CINEMA DE FAROESTE — Venturini, Vermelho & Suzana Nunes

LADO 2 — NATURAL — Venturini & Tavinho Moura
O VENTO, A CHUVA, O TEU OLHAR - Venturini & Vermelho
MEIO DIA — Venturini & Vermelho e Luiz Carlos Sá
TRÊS RANCHOS — Venturini, Zé Eduardo & Tavinho Moura
SONHO DE VALSA — Venturini, Vermelho e Murilo Antunes.

DISCO:
Produção executiva: Milton Nascimento
Direção de produção: Mariozinho Rocha
Arranjos: 14 BIS
Orquestrações: Rogério Duprat (em SONHO DE VALSA e PERDIDO EM ABBEI ROAD)

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS:

Zé Eduardo (Viola de 10 cordas e vocal)
Kimura (gaita), Suzana Nunes (vocal), Oswaldinho (acordeão), Zé Menezes (banjo) e Alceu Reis (cello).
CAPA: Pedro Alzaga (ilustrações)
FOTO: Paulo Fischerberg
LOGOTIPO "14 BIS": Délcio Montagnini (Dung Hill Studio)
P 1979
P.S. Crítica feita a partir do show de laçamento do primeiro LP 14 BIS.

CÃO RAIVOSO

ARGUS MÁRIO PAHOLSKY

ME SINTO DIANTE DO ESPELHO
QUANDO O ÓDIO ESBUGALHA
OS TEUS OLHOS
E AS VEIAS LATEJANTES
FAZEM DESENHOS ESCABROSOS
NA TUA CARA

EU VEJO A CÊRCA
QUE TE CERCA
E PROTEGE A SOLIDÃO
INVULNERÁVEL NOS GESTOS BRUTOS
COMO UM AVISO NO PORTÃO
CUIDADO! O CACHORRO MORDE

SOMOS IRMÃOS
UNIDOS PELO MESMO VÍRUS
A CÓLERA NOS RÓI ATÉ
O OSSO
A COLERA NO PESCOÇO
VAI PARTIR
E AGORA, CÃO RAIVOSO
PRA ONDE IR?
NOSSO CAMINHO SEMPRE FOI
UMA ESTRADA INCANDESCENTE
NO CHÃO A BRASA ARDENTE
BEIJANDO A SOLA DOS NOSSOS
PASSOS
QUE NÃO CONHECEM
OUTRA ESTRADA

QUEM SABE, NA OUTRA MARGEM
OS SENTIMENTOS REFLETEM
OUTRA IMAGEM
MAIS BRILHANTE QUE A DOR
MAS COMO?

COMO FAZER CARINHO
COM ESSAS GARRAS?
AFIADAS?
COMO BEIJAR A BOCA
COM ESSA LINGUA
DE SERPENTE?
QUEM VAI QUERER
NOSSO ABRAÇO SUFOCANTE?
QUEM VAI BEBER
NOSSO FEL ARDENTE?
ARGUS MÁRIO PAHOLSKY

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

QUEM FAZ O JOGO DA DIREITA?

JORGE ROBERTO DE SÁ (RIO)

"O marxismo não é infalível, nem Marx um deus. O marxismo tem que passar pelo fogo purificador das teses anarquistas; deve abrir-se à autogestão, à descentralização, ao federalismo autêntico, ao poder popular. Deve revisar sua comissariocracia, seu culto à verticalidade, seu burocratismo, sua falta de imaginação, sua idéia de vanguarda consciente, a ditadura do partido etc..."

Carlos Diaz & Feliz Garcia in *"16 Teses sobre Anarquismo"*

Dentre as objeções que os anarquistas recebem, amiúde, sobre a sua prática e a sua ação ideológica está, sem dúvida, em maior proporção, aquela que pretende ver no anarquismo e nos seus militantes, aliados indiretos da direita.

Esta acusação parte exclusivamente dos setores ligados ao marxismo e demais correntes socialistas estatais e suscita a oportunidade de procurar esclarecer esta questão.

Em princípio, o conceito de "direita" e "esquerda" vem se diluindo e perdendo a nitidez na proporção em que as próprias experiências sociais contemporâneas também sofrem o mesmo fenômeno de diluição e perda de contato com as suas substâncias de origem. A identidade ideológica tornou-se difusa e passa a exigir um maior aprofundamento na questão da avaliação do que vem a ser "direita" e/ou "esquerda". De forma que, para não cairmos em questões mais complicadas de origem inclusive semântica, contentemo-nos em admitir que a direita a que os socialistas estatais se referem é aquela identificada com os países imperialistas, de economia capitalista. Em conseqüência, à esquerda estariam os países que se dizem socialistas; países que passaram por mudanças na feição social mais ou menos profundas e que adotam oficialmente o marxismo como suporte ideológico.

Os anarquistas por sua vez, não podem compreender como pessoas comprometidas com um ideário filosófico que se pretende científico, podem se satisfazer com definições tão simplistas. Com efeito, na suposição dos socialistas estatais, a luta contra a direita se resume tão-somente no combate aos países capitalistas e imperialistas. Não vêem que a direita, sua metodologia de ação, seu comportamento e a sua tipicidade orgânica podem-se estender a todos os regimes políticos. Além disso, parecem não perceber que os elementos constitutivos da direita, vale dizer, suas características básicas, são o autoritarismo desmedido e o arbítrio absolutista, coisas que encontram terreno fértil para desenvolver-se, principalmente, nas sociedades de administração centralizada. Ora, os anarquistas têm como principal alvo de suas críticas justamente o perigo a que se expõem as revoluções populares que se deixarem conduzir por este ou aquele grupo que se pretenda intérprete, dirigente e representante da vontade popular; entendem que a aceitação por parte do povo de um grupo dirigente levará a infra-estrutura administrativa da revolução a um processo irreversível de concentração de poderes cada vez maiores nas mãos de um número cada vez menor de pessoas. Este estado de coisas, afirmam os anarquistas, gera as condições ideais e propícias para o florescimento da mais radical formulação ideológica da direita: o fascismo. A história, neste ponto, é invocada pelos anarquistas, como testemunha maior do acerto de suas previsões. Com efeito, nada mais eloqüente do que observar a situação em que se encontram os países que vivem sob o regime de socialismo estatal para que se torne límpida e cristalina a característica autoritária e policial que impera, absoluta, nestes regimes.

CRÍTICA ÀS DITADURAS

A esta altura, retornamos a pergunta: quem serve à direita? Os anarquistas com suas críticas às ditaduras, centralismos, burocracias e a defesa da autogestão, do livre acordo, das comunas federadas e da organização da sociedade de baixo para cima, ou os próprios socialistas estatais com suas idéias autoritárias, seus cultos à personalidade e a hierarquia, seus sindicatos atrelados ao Estado, seus expurgos, Gulags e KGBs?

Talvez os marxistas lucrassem mais se, antes de se preocupar em difamar os anarquistas, se voltassem para si próprios e para a história de sua ideologia; talvez fosse mais edificante que, como socialistas "científicos", comessassem por tentar explicar fenômenos como o stalinismo; como foi possível um déspota psicótico, megalomaníaco e afeito a delírios persecutórios, assassino frio, teórico medíocre e responsável pelo extermínio físico de quase toda a intelecutalidade bolchevique, como, perguntávamos, pôde um homem com tais "predicados" assumir o controle da revolução do povo russo e só deixar o poder da mesma forma que o deixaram Hitler, Salasar, Mussolini e Franco, ou seja, morto!

Na verdade, o que os marxistas precisam urgentemente reconhecer é que a ascenção de Stalin ao poder, longe de ter sido um simples acidente, é um efeito determinado pela própria gênese estrutural, centralista/elitista, do marxismo-leninismo. Se a um partido é dado o poder de governar uma revolução e ter a seu encargo tudo o que se refere à vida espiritual e material de um país, inevitavelmente o grupo que sair vitorioso da luta, irremediável, pelo poder dentro do partido, poderá se considerar o dono do destino do povo e da revolução. Logo, porém, a unidade desse grupo, mais ou menos numeroso, sofrerá os primeiros abalos e se dará uma nova luta pela hegemonia de uma fração deste grupo sobre as outras. Assim, de fracionamento em fracionamento, vai-se estratificando um poder absoluto que se vai concentrar na pessoa de um único homem. Será ele o que sempre esteve certo, o infalível e genial guia dos povos; nada nem ninguém poderá contrariar seus desígnios; na melhor das tradições bonapartistas, o Estado é ele.

CUBA DIREITISTA

Para os anarquistas, não existe ciência socialista nem dialética suficientes para fazê-los desistir de identificar na Rússia e nos países do leste assim como em Cuba, a mais franca e explícita ação direitista, evidenciada, no controle policial do cidadão, no aniquilamento da autonomia nas atividades de criação artística, na ação coercitiva sobre a livre expressão da sexualidade, em uma palavra, no crescente encampamento dos indivíduos pelo Estado. Portanto, se combater a ditadura vigente nestes países equivale a ser aliado da direita, teremos que considerar direitistas os operários poloneses que se insurgem constantemente contra o governo ou jogar sobre o povo tcheco-eslovaco, insurgente contra os russos invasores, a pecha de direitistas.

Nenhum anarquista consciente estaria disposto a negar a melhoria na situação material de alguns dos povos que vivem sob regime marxista, mas, igualmente, não há anarquista que esteja disposto a esquecer o caráter **amplamente** libertador do socialismo, ou seja, o compromisso do socialismo, reconhecido inclusive, pelo próprio Marx, de livrar a relação entre as pessoas da presença coercitiva e reacionária do Estado. Os leninistas, sobretudo, devem fazer um esforço de memória para recordar o conceito que fez Lênin do Estado quando no seu "O Estado e a Revolução" escreveu: "Enquanto houver Estado, não haverá liberdade, quando houver liberdade, já não haverá Estado".

Queriam os marxistas que a superação do Estado se desse depois de um indeterminado período de transição; mas basta que qualquer pessoa medianamente inteligente observe os rumos do Estado "socialista" contemporâneo para reconhecer que a previsão de um período propício à sua dissolução está completamente dissociada da realidade dos fatos. O fenômeno da extinção de um Estado como é hoje o russo só é admitido pelos anarquistas através de novo fluxo revolucionário, que jogue por terra a monstruosa máquina burocrática, policial, militar e administrativa na qual os marxistas pretederam ver um dia o "Estado democrático dos trabalhadores".

É a certeza da inevitabilidade e proximidade da revolução socialista libertária, radicalmente antiestatal, que anima os anarquistas a prosseguir na sua luta pela ação direta, pela autogestão operária dos meios de produção, pela organização da sociedade através de comunas autônomas e federadas entre si, enfim, pela propaganda das soluções autenticamente socialistas e, sobretudo, pela sagração da liberdade como princípio, meio e fim da luta humana pela sociedade livre, libertária, anárquica.

Enciclopédia Revolucionária

Extraído de "**A Idéia", revista de cultura libertária. Nº 12. Inverno de 1979. Editada em Portugal.**

1. TEORIA DA TEORIA	2. NÃO-TEORIA DA TEORIA	3. NÃO-PRÁTICA DA TEORIA	4. PRÁTICA DA TEORIA
5. TEORIA DA NÃO-TEORIA	6. NÃO-TEORIA DA NÃO-TEORIA	7. NÃO-PRÁTICA DA NÃO-TEORIA	8. PRÁTICA DA NÃO-TEORIA
9. TEORIA DA NÃO-PRÁTICA	10. NÃO-TEORIA DA NÃO-PRÁTICA	11. NÃO-PRÁTICA DA NÃO-PRÁTICA	12. PRÁTICA DA NÃO-PRÁTICA
13. TEORIA DA PRÁTICA	14. NÃO-TEORIA DA PRÁTICA	15. NÃO-PRÁTICA DA PRÁTICA	16. PRÁTICA DA PRÁTICA

1. Intelectuais de "Abril"
2. Marxistas históricos (PC, etc.)
3. Esquerda acadêmica
4. Professores moderados sérios
5. Tecnocratas modernistas
6. "Alternativos" da macrobiótica
7. Hippies lusitanos
8. Autodidatas
9. Super-radicais situacionistas
10. 99% da população
11. Militante desiludido
12. Militante sob efeito de sedativos
13. Certos anarquistas
14. Brigadas Vermelhas
15. Pantera negra em prisão
16. Bombistas

NADA...

Janete Pregnolato

Como quem teve que esperar
uma vida inteira...
inteira, cheia de vinte anos
de vinte anos de vida...
que durante todo o tempo,
durante todo o dia, foi olhar
pra tudo e pra todos,
e não ver nada...
como se nada fosse alguma coisa...
aprender que tudo é limitado,
que tudo é realmente contado;
e só entender que nada tem que ser
entendido e respondido...
se resignar nesse universo de desentender...
que mesmo o nada, morreu antes de nascer.

"As ruínas não nos assustam. Vamos herdar a terra inteira; sobre o que já não pode haver a mínima dúvida. A burguesia pode destruir, fazer ir pelos ares o seu mundo, antes de deixar o palco da História. Trazemos um mundo novo em nossos corações; um mundo que cresce neste preciso momento."

BUENAVENTURA DURRUTI

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

DIREITA E "ESQUERDA" NÃO IMPEDIRÃO A VITÓRIA FINAL DOS TRABALHADORES

Entrevista com Washington José de Souza

Aos 25 anos de idade, eletricista de profissão, Washington José de Souza, ainda no Rio de Janeiro estava integrado nas lutas dos trabalhadores brasileiros, uma integração originária, como diz, já que foi contemporâneo de seu tio, Manoel Batista (falecido), Aluísio Rezende da Silva (fundador da Escola de Eletro-mecânica) reprimido por Getúlio Vargas e Irineu José de Souza, de tempo de Carlos Marighela, no Colégio da Bahia, companheiros da Aliança Libertadora Nacional. Chegando à Bahia reintegrou-se circunstancialmente na luta dos trabalhadores, através do sindicato dos eletricistas, que dese 1934 vivia em função de votar para candidatos a federações, etc. etc. Nesta altura se propõe a transformar o sindicato num representante da categoria, sem pactuar e já sabendo que seu tributo seria o sofrimento. "Acredito que cumpri e a prova disto se viu em 1964, com a cassação da carta da entidade, já com associados conscientes". Foi o preso que ficou mais tempo na cadeia na Bahia: dois anos. Uma de suas últimas prisões ocorreu quando das guerrilhas de laçu, um dia antes de partir para o campo. Pai de 11 filhos, cabelos brancos, WJS senta-se em frente a sua meseta de trabalho, como autônomo e concede, com exclusividade para O Inimigo do Rei a entrevista abaixo em que diz verdades tão duras quanto a de que Luís Inácio da Silva não passa de um pelego igual a outro qualquer; de que a Igreja Católica interfere nas lutas populares para freiá-las; de que tanto a direita quanto a esquerda não impedirão a vitória final dos trabalhadores; de que o governo de João Goulart era uma ditadura igual a outra qualquer; e assim por diante.

ENTREVISTA CONCEDIDA À AURÉLIO VELLAME

IR — Como o trabalhador está vendo a anistia de Figueiredo?

WJS — A anistia de hoje é pior do que a anistia de Getúlio, ou igual, porque atende apenas aos políticos eleitoreiros. O Brasil permanece ditadura e jamais deixou de ser, mesmo no Governo de João Belchior Goulart, quando havia a ditadura sindical com os Pachecos, os Pelacani etc.

IR — Fale da divisão entre os trabalhadores antes de 1964, uns privilegiados e outros estigmatizados.

WJS — Nas vésperas de 1964 nós tínhamos a federação dos trabalhadores na indústria da construção imobiliária do estado da Bahia. Junto com a associação da mesma categoria (com área até Candeias, São Francisco do Conde) dirigimos uma greve de cinco mil homens. Não obstante os privilégios dos trabalhadores na indústria do petróleo, trabalhadores da mesma área, com os mesmos serviços, eram transportados em pau-de-araras, sem refeitório e ganhando o salário mínimo. Nenhuma entidade sindical de trabalhador foi solidária a esta greve, a mais justa do Brasil, pelo fato do trabalhador da construção civil viver junto com o petroleiro, porém usufruindo de uma situação oposta. É bom lembrar que o sindicato de refino do petróleo era de Mário Lima e o de extração, de Wilton Valença, que deixaram de ir a Candeias, desconhecendo o movimento reivindicatório. Deflagrado o golpe de 1964, fui cassado, como presidente do sindicato dos oficiais eletricistas e da federação que se formava. E comigo foram cassadas as cartas do sindicato e da federação, desbaratados os companheiros e até hoje — passados 15 anos — nenhum político ou dirigente sindical levantou o problema que não é meu, mas dos trabalhadores.

IR — Quais as conseqüências de sua primeira prisão após 1964.

WJS — Fui preso, junto com o movimento sindical e proibido no fundamental do homem: o trabalho, a execução da mão-de-obra, em que havia sido reintegrado dois meses antes, como dirigente pelo Tribunal. Minha família, sofrendo as conseqüências e eu no cárcere e, o pior de tudo: reprimido pela direita e isolado, discriminado e tratado como delator pelas forças de esquerda.

IR — Como V. Vê o movimento sindical no presente?

WJS — Em 1964, os trabalhadores, os políticos que se propunham a transformações não se prepararam para os sofrimentos que tais mudanças sempre proporcionam, levando as forças a brigarem como crianças inocentes, o que caracteriza a falta de amadurecimento nas forças de vanguarda, o que hoje persiste. Vejamos o seguinte: Lula, um dirigente sindical, que o chamam de líder, na greve de sua categoria, transferiu a direção para si, tentando reprimi-la. Lula é filho da ditadura. A prova disto é que ele está se aproveitando do movimento sindical para tirar proveitos eleitoreiros, desconhecendo o valor dos trabalhadores brasileiros, a representatividade sindical, principalmente no mundo capitalista, onde todo o sistema exploratório se conduz para o operário da cidade e do campo. A esta pretendida e aparente liderança, se juntam os políticos que se dizem representantes do povo, vanguardeiros das forças revolucionárias, que, na verdade, também querem continuar tirando proveito dos trabalhadores.

IR — Qual sua posição sobre os atuais grupos de "esquerda"; houve evolução em suas posições, desde o golpe de 1964; como assiste à festa de chegada dos exilados?

WJS — Um dos partidos de esquerda diz que quer a luta pacífica e se necessária a luta armada: outro diz que a luta armada é o que leva aos objetivos de ambos, que é a tomada do poder. Em resumo, os dois pretendem o poder mas não se propõem sequer a se unir contra a ditadura presente. Se analisarmos, antes de 1964, essas lutas e no presente, concluímos que não houve evolução em nada, se é que não regredimos. Outro fato característico são os exilados que estão retornando eufóricos, dando entrevistas pela Constituinte com Figueiredo, pela criação de diversos partidos políticos, esquecendo-se dos que aqui ficaram, por senso de obrigação da família e da luta, ficaram no cárcere, botando sangue, como é o meu caso. São fatos que eu coloquei, de um fase e de outra. Embora convidado, deliberei não participar por enquanto, por não confiar nas autocríticas; que amadureçam, se pretendem não receber o repúdio dos trabalhadores — que permanecem ainda como ontem pagando os tributos, trabalhando com esperanças, mas hoje bem conscientes da realidade brasileira, embora não transmitam.

IR — As vanguardas pregam alianças táticas para a tomada do poder. Uma vez em cima, transformam-se numa nova classe dominando o Estado explorador e tudo continua como antes; muda-se só os rótulos. Como vê tal colocação?

WJS — Essa situação não deixou de existir na revolução chinesa e até na albanesa, que se propõe ser a melhor. Trabalhadores que participam belicamente são obrigados a concessões, a oligarquia se cria, como até na Nicarágua. Os trabalhadores têm que encarar esta realidade, pois só a encaram circunstancialmente. A classe operária, ingênua e imatura, aceita a vanguarda sem imaginar que tá caindo em nova armadilha.

IR — Como foi o tratamento na prisão?

WJS — Minha prisão foi a prisão de um operário, dirigente sem ligações com membros do poder. Apenas representava a categoria, com lealdade, sem conciliar; operário consciente, defendendo a categoria mais sofrida, como agora, a da construção civil. Foram tributos pagos de acordo com a minha condição social para justificar atos que não foram errados, a menos partindo daqueles que tinham segundas intenções. A clase média não foi torturada. Na Bahia fomos torturados eu e o Estevão, de Feira de Santana. Os demais foram submetidos a "uma comemoração", por um capitão que se antipatizava por uns tantos ou quantos, foi uma noite de São Bartolomeu, uma festa e não uma tortura, como sofri eu e o Estevão. O mais grave contra mim foi a tortura de não poder trabalhar. Montei uma oficina no Barbalho (N.R.: bairro de Salvador), fui roubado por um bombeiro, ninguém ouviu minhas queixas. Montei a segunda oficina na Barra e ela foi demolida por Antônio Carlos Magalhães (atual governador) e por Elmo Serejo (ex-governador de Brasília), mesmo tendo mandado de segurança, ganho na Justiça. Até um dos advogados de defesa me abandonou e o último empregou-se no Estado. Trabalhei como avulso, tenho 11 filhos e sempre fui discriminado. Sempre que sou identificado perco o trabalho, mesmo sem ter contrato. No entanto, como monitor, ensinei até para as Forças Armadas, através da Setrabes — Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social da Bahia. Para reintegração ao trabalho procuro advogado, mas não encontro.

IR — Neste caso, o que significa anistia para você?

WJS — A anistia para mim é a reintegração ao trabalho. Sei que a anistia só virá com a transformação social. Mas gostaria de voltar a trabalhar, para desmascarar esta realidade.

IR — Você já se candidatou na política partidária?

WJS — Durante a campanha de Osório Vilas Boas fui candidato a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro, mas até hoje não sei qual foi minha votação. Na época Waldir Pires foi candidato a governador, contra Lomanto Júnior. Chico Pinto, a quem abri perspectivas para ser de esquerda, na época era um advogado de pelegos.

IR — Você que tem 11 filhos, como encara o nível político da juventude?

WJS — O nível político da juventude é baixo e discriminativo. Meus filhos fazem a opção que desejarem. Um deles integra um diretório acadêmico, na Universidade; o outro é jornalista; divergimos e concordamos muito, mas não determino nem imponho esta ou aquela opção. Dou apenas o instrumental, eles que decidam.

IR — Como analisa o Partido dos Trabalhadores?

WJS — Na Bahia, Lula interferiu nas eleições dos metalúrgicos e as lideranças aceitaram, embora tendo um nome como João dos Passos, de quem esquecem para prestigiar um pelego. Um pelego que faltou com o respeito a um homem do passado de João dos Passos, convivendo com um Manoel dos Santos. Lula está se preocupando em se prestigiar no movimento sindical. É o caso de se perguntar: de onde sai o dinheiro para viagens? Se é do sindicato está em falta com o movimento sindical; se não, também; a menos que ele tenha reservas para gastar...

IR — Hoje a Igreja Católica da Inquisição pousa de "progresista", quando não passa de um apêndice dos aspectos mais nazi-fascistas do Estado. Como V. observa esta farsa?

WJS — A Igreja sempre se caracterizou pelo oportunismo. São ociosos e se deixa abrir perspectivas para continuarem ociosos. Ela é grande e bem organizada. Por certo enxerga mais que as forças chamadas de esquerda. Na medida em que participam, conseguem estagnar a luta dos trabalhadores, a manter o status e a se autopromoverem.

IR — É possível a luta dos trabalhadores se desenvolver livre da tutela sindical governamental?

WJS — De modo geral, os trabalhadores não acreditam nos sindicatos. Existem minorias atuantes, interesseiras, por força da aspiração do poder ou orientadas. Mas os trabalhadores, quando sofrem na barriga, tomam decisões independentes dos sindicatos, como os motoristas de ônibus de Salvador, os trabalhadores de Minas e Brasília. A revolução brasileira se desenvolve, independente de partidos, da repressão, de tudo que queiram impedi-la. Os trabalhadores brasileiros, embora não se sinta, amadurecem tal qual o povo chinês. Já tem confiança, certeza de que são os verdadeiros donos do "poder". Não é por medo que calam. É porque não acreditam nos falsos dirigentes, de esquerda ou de direita. Estão como gatos, aparentemente dormindo, para dar seu salto; não tem mais Marx, Engels, sempre badalados mas que nada trouxeram para eles. Estão dando tempo, esperando a hora. É bom que os vanguardeiros atentem bem para isto, para que não paguem tributos como os que já morreram.

Washington José de Souza: operário das velhas lutas sindicalistas.

OS IMPERIALISMOS SE PARECEM

MARCOS LIDÓRIO (RIO)

I — A Rússia e os países do Terceiro Mundo.

O capitalismo avançado, o capitalismo monopolista, é necessariamente imperialista, porque a isso o obrigam as suas leis internas, sendo essa a sua maneira de sobreviver. Não existe escolha. O capitalista ou explora os trabalhadores ou é derrubado pela concorrência e levado à falência. Os países do capitalismo monopolista não têm outra saída senão a expansão imperialista, a pilhagem e exploração dos outros povos, a rivalidade e a luta inter-imperialista.

A Rússia que prima por manter, em rivalidade com a China e os E.U.A., uma atuação internacional : . social-imperialista (socialista nas palavras, mas imperialista e fascistas de fato) demonstra assim a sua verdadeira face capitalista, que teve a sua origem na NEP *, nos tempos de Lenin, quando a revolução ainda era uma incógnita para muitos.

O seu sistema interno têm determinadas características muito próprias mas o essencial é ser capitalista monopolista e portanto necessariamente imperialista.

É importante ter isto sempre presente, senão iremos cair na conversa da burguesia liberalóide — com os seus jornais que só dizem a "verdade" — e da direita paranóica que nos mostram os atos imperialistas da Rússia querendo dizer que afinal um país socialista pode ser igualmente imperialista e assim fazerem do imperialismo um simples desvio, um lado ruim dos homens, que nunca conseguirão acabar com as guerra e as desigualdades sociais e econômicas.

O imperialismo é o próprio capitalismo monopolista respaldado pelo poder do Estado, principalmente quando esse respaldo assume ares de agressão militar. A única forma de extirpar inteiramente o imperialismo é acabar com o capitalismo e o Estado; coisa que só será conseguida pelo povo e não pelos políticos e burocratas.

A Rússia, tal como qualquer país dirigido por tecnocratas, debate-se com enormes contradições que não pode resolver inteiramente e que a levam a expandir-se internacionalmente. É necessário conseguir cada vez maiores lucros, mas no interior do país isso é impossível sem uma melhor organização da produção, sem equipamentos industriais cada vez mais custosos e complexos — fator de aumento do desemprego — e com uma ainda maior exploração da classe operária, que resiste e se torna revoltada. É portanto necessário procurar constantemente lucros no estrangeiro. Mas aí é que são elas, pois há um confronto com os capitais monopolistas de outros países imperialistas. Então só há uma saída; conquistar também internacionalmente uma posição de monopólio.

Isso só se consegue submetendo os países mais fracos e explorando-os desenfreadamente de forma a obter força e capacidade de luta contra os outros imperialistas; conquistando posições econômicas-chaves que permitam uma vantagem sobre o adversário; enfraquecendo o concorrente ao impedir-lhe o acesso a determinada zona econômica, a determinadas fontes de matérias-primas, etc.

Mas estas posições têm que ser conquistadas e mantidas a ferro e fogo. O capital monopolista transforma os Estados em enormes máquinas de guerra e põem o mundo numa roda-viva de morte e destruição nas suas constantes guerras de distribuição e redistribuição de esferas de influência.

Nos fins do século anterior, início da dominação do mundo pelo capitalismo monopolista, começava para humanidade um período de guerras e conquistas — favorecidas pela tecnologia em expansão — qua iria caracterizar o termo imperialista. Após a 2ª Guerra Mundial, onde os Estados Unidos deslocaram a Inglaterra de sua posição dominante — conseguida com a derrota alemã na guerra de 1914 —, a divisão do mundo era outra. De um lado a Rússia e do outro os E.U.A., coisa que já havia sido acertada anteriormente entre ambos.

A Rússia, logo após recuperar-se da destruição causada pela invasão nazista e o esforço de guerra dispendido para derrotar a Alemanha, começa a pôr as manguinhas de fora no sentido de obter uma faixa no mercado mundial.

Ela tinha a seu lado toda uma acumulação de recursos obtida com o suor dos trabalhadores e do povo russo e coordenada por uma feroz burocracia policialesca e centralizadora. No entanto, o começo não é tão auspicioso assim, ela não dispõe de colônias, não domina as principais zonas econômicas mundiais, e, além de tudo, encontra-se isolada — não tanto como no período inicial da revolução — pela feroz campanha anticomunista que caracterizou a guerra fria e que era dirigida pelo seu maior rival, os E.U.A.. Mesmo o seu poder militar, apesar de bomba atômica ter deixado de ser um trunfo exclusivo dos americanos, não era forte o suficiente para uma guerra com os Estados Unidos e seus aliados. Ele servia no máximo para a sua defesa de um ataque externo ou para conter rebeliões internas em solo russo ou em casos como o da Alemanha Oriental e Hungria.

A Rússia; para conquistar aliados, explora o seu passado e o prestígio do socialismo, apresentando-se como a defensora dos povos oprimidos pelo imperialismo.

PORTA-AVIÕES AMERICANO

No início, enquanto se procura ganhar terreno, a ajuda oferecida pode parecer desinteressada e correta.

Um país que esteja em conflito com uma potência imperialista pode necessitar de equipamento militar, acessoria técnica e econômica e ajuda financeira. Temos um exemplo na guera Egito versus Israel, onde o que havia na verdade era um choque entre Egito e E.U.A., pois Israel nada mais é que um porta-aviões americano ancorado no Oriente Médio.

Mas o Egito logo se arrependeu em relação a seu aliado. A Rússia revelou-se uma agiota de primeira, sua ajuda "desinteressada" era na verdade uma tentativa de dominar o Egito e torná-lo dependente econômica e militarmente, usando-o ainda como ponta de lança para seus interesses imperialistas.

A ajuda militar cria consequentemente uma dependência em relação a fornecimentos de peças, munições, técnicos, mecânicos, engenheiros de manutenção e operações, treino de especialistas, etc.. Para os que têm boa memória e não esqueceram e expulsão dos russos do Egito, por Sadat, isto é fator conhecido. Aproveitando-se da situação crítica a Rússia foi chantageando o Egito. Promessas de novas armas, mais técnicos, etc.. Isso tudo era o pretexto para ir infiltrando milhares de agentes no país e poder, com isso, mais tarde, ditar leis sobre a estratégia da guerra e a política egípcia no cenário mundial.

Tudo isso era destinado a manter o Egito numa situação de dependência que o impedisse de seguir o seu próprio caminho. As armas fornecidas eram escolhidas no sentido de favorecer o interesse russo que é o de manter uma situação de "guerra e paz"; assim não há problema de assustar o colosso de merda do Norte, com a destruição de Israel, o que acarretaria o fim da **détente** — leia-se: **conchavos das comadres imperialistas.**

Senão vejamos o que diz o perito militar inglês — que já mandei verificar se pertence a C.I.A. — E. Luttwak em New Middle East: "Ao analisar-se o armamento egípcio vê-se que é impossível uma vitória sobre Israel. O armamento principal é a defesa antiaérea, a artilharia é muito pouco móvel e a aviação tem pouca capacidade ofensiva. O Egito pode deter um ataque israelense e passar o Suez mas não pode ir muito longe". A Guerra do Yom Kippur não nos deixa mentir. Inclusive a expul-

são dos russos do Egito foi logo após Sadat haver pedido armamentos modernos e em troca haver recebido sucata. Ainda por cima o armamento fornecido é vendido por alto preço. No momento mais crítico da guerra de outubro de 1973 a Rússia exigiu simplesmente o pagamento à vista do material cedido, e foi só.

Os exemplos são infinitos e os prejudicados variam:

"Os iraquianos acederam a vender petróleo no valor de 6 milhões de libras a preço muito reduzido e como parte de um pagamento de armas. Agora descobriu-se que mesmo antes do fornecimento já a Rússia vendeu esse petróleo à Alemanha Ocidental por 18 milhões de libras." (Daily Express, 28/12/75).

E mais, a Rússia compra petróleo ao Iraque por um quarto do preço normal de venda no mercado mundial.

O jornal indiano "Economic Times" escreve: "Os juros pagos pelos empréstimos russos parecem à primeira vista baixos, 2,5%, mas o juro real é muito mais alto e está encoberto nos preços escadalosos que a Rússia cobra pelas mercadorias que fornece. Entre os anos de 1955-1966 a Rússia emprestou à Índia 1,3 bilhão de dólares. Os empréstimos são para usar obrigatoriamente na compra de mercadorias russas. Em 1971-1872 a Índia já deve à Rússia 400 milhões de rublos e é obrigada a pedir um novo empréstimo de 200 milhões de rublos".

"A Índia exportou em 1968-1969, 103 mil toneladas de produtos de juta para a Rússia a um preço de 1.667 rupias/tonelada, mas a mesma mercadoria é por exemplo vendida à Inglaterra a 3.206 rupias/toneladas." (Economic and Political Weekly)

"A Índia paga pontualmente as suas dívidas através de fornecimentos de produtos industriais e chá, café, juta, algodão, lã, peles, sapatos, mica". (New Times 45/46 1973)

"Dos produtos exportados pela Rússia, 63 deles são-no igualmente para países desenvolvidos e países do 3º mundo, 43 desses produtos eram vendidos mais caro aos países do 3º mundo...

Comparando os preços praticados em 1958 e 1965 verifica-se que os países do 3º mundo pagam 15 a 25% mais caro pelas suas importações da Rússia do que os países avançados pelos mesmos produtos...

No que diz respeito a máquinas e ferramentas a diferença ainda era maior: 34,7%..." (Carter; "The net cost of soviet foreign aid").

Esse procedimento é extensivo aos aliados mais fiéis sem se importar com os problemas que possam causar.

Fidel Castro — as patrulhas de bobonautas podem ficar tranqüilas pois ele não é da C.I.A. — confirma o que já foi dito:

"Muitas vezes os soviéticos (russos) nos venderam fábricas muito velhas... nos venderam sucata velha e incapaz, a um país que faz a revolução e que precisa se desenvolver. Eu não quero dizer que seja sempre assim. Mas todas essas idéias de autofinanciamento, lucros e incitamentos materiais levaram a que na prática as agências de comércio externo estivessem dispostas a vender qualquer sucata velha a um país desenvolvido."

Que a "ajuda" seja em armamentos, quer seja em créditos ou fornecimento de equipamento industrial, a essência é a mesma: ganhar aos poucos o domínio sobre o país "ajudado" para depois atrelá-lo política e economicamente aos interesses russos — "solidajiedade internacional" nos editoriais do Pravda.

FÓRMULA IMPERIALISTA

A Rússia segue a velha fórmula imperialista a qual consiste em forçar os países a especializarem-se em determinadas culturas, o que, posteriormente, torná-los-á dependentes do comércio exterior — totalmente voltado para a exportação — e da resultante vender barato comprando caro. Cuba é mantida como produtora de açúcar, o Egito de algodão, a Índia de juta, etc...

Um dos principais sintomas do imperialismo é que não tendo possibilidades de obter, em seu próprio país, lucros suficientemente altos para a enorme massa de capital acumulado — vide crise de 1929 — vê-se obrigado a exportar esse capital que vai em busca de colocações compensadoras.

O imperialismo russo é obrigado também a sair em busca de colocações rentáveis para o seu capital. Os empréstimos aos países em necessidade não só possibilitam a obtenção de bons juros, como deixam o país na dependência obrigando-o a assinar contratos desvantajosos, abrindo as portas a cada vez maior quantidade de capital estrangeiro espoliador.

O esforço dos dirigentes russos para submeter a economia dos países subdesenvolvidos é feito principalmente — em contraste com os imperialistas ocidentais — através do setor estatal. Talvez não confiem nos capitalistas nacionais por estes já estarem submetidos em demasia aos E.U.A. e a grupos da Europa e Ásia ou serem estúpidos e reacionários em demasia. Mesmo assim os partidos comunistas "irmãos" — leia-se teleguiados — vivem pregando a aliança das classes trabalhadoras e médias com a burguesia nacional; incoerência, em alguns casos, é fatos de ignorância ou cinismo.

Que a exploração não seja feita através dos capitalistas do país mas sim por intermédio do aparelho estatal — temos exemplos aqui mesmo: Petrobrás (tentativas para exploração de petróleo), Itaipu (fornecimento de reatores), etc. não significa de maneira nenhuma uma diminuição da exploração mas, pelo contrário, reforça o domínio e a exploração dos países de uma forma ainda mais eficaz.

Sendo assim, os esforços do social-fascismo, na grande maioria das vezes, dirigem-se — acobertados pela "ajuda desinteressada" — no sentido de poderem manobrar as aspirações e sistemas realmente populares em favor de um esforço do capitalismo de estado e dos interesses russos.

"A ajuda soviética (russa) quando se trata de apoiar a construção do setor estatal nas economias dos países subdesenvolvidos tem uma grande importância para o seu desenvolvimento." (Kommunist 12/73)

Finalmente a Rússia usa o seu capital para explorar os trabalhadores dos países dominados, instalando, ela mesma, empresas privadas em parceria com capitais de outros países (vide "O Inimigo do Rei" nº 5). Por exemplo, as empresas de capital misto — leia-se controladas totalmente pelo Estado —, Rússia/Bulgária/Etiópia/Guiné; da Bulgária/Guiné; da Polônia/Índia.

Temos ainda como exemplo a tentativa de fornecer armas a Videla — que recebe "apoio crítico" do P.C. Argentino —, o fornecimento de armas para Idi Amin, a venda ao governo dos gorilas peruanos — que um dia resolveram brincar de esquerdismo — de tanques T-34 usados contra os professores que foram às ruas pedir aumento de salário, o namoro com a ditadura brasileira, a aventura do Vietnam no Camboja — atiçada pela Rússia —, os choques no Afeganistão etc...

Tudo isso visa somente a conquista de posições e lucros, ou seja: possibilidades de venda de material bélico, contrabalançando a influência chinesa no Chile, no caso de um conflito Argentina-Chile, um posto avançado nos Andes ou um carregamento de sapatos, minérios ou café para ser revendido na Europa.

Enquanto isso o povo russo é obrigado a suportar uma burocracia ferrenha e policialesca, entra em filas para conseguir o que quer, recebe as notícias de uma forma distorcida e colabora, sem querer, com seu esforço, para que milhões de seres humanos sirvam de joguete nas manobras dos colossos de merda que abalam o mundo: E.U.A. e Rússia.

* **N.E.P.:** Após a vitória dos bolcheviques na insurreição armada de 1917, Lênin inicia a consolidação do Estado Soviético. Trotsky consegue a paz com a Alemanha em Brest-Litovsk. A questão agora era distribuir terra e pão. Terra não era problema, pois seria redistribuída entre os camponeses, mas o pão é que eram elas, e a Rússia estava às portas da fome. Lênin nacionalizava os bancos e todos os meios de produção industrial, mas sua tentativa para instalar uma economia completamente socialista fracassara levando a Rússia a um colapso econômico total em 1920 porque, ao mesmo tempo ele tinha que enfrentar uma guerra civil em muitas frentes, tinha que impedir a tomada de território russo pelos americanos, ingleses e japoneses, sem contar os contra-revolucionários "brancos" auxiliados pela Alemanha e os monopólios. Precisava ainda recriar todo o aparelho administrativo e militar do Estado que ruíra com a queda do tzarismo. Foi onde ele, dando mostra de grande flexibilidade e oportunismo, introduzir a sua **Nova Política Econômica (N.E.P.)** em que legalizava algumas empresas privadas e abolia vários itens do comunismo de guerra.

(No próximo número: "O Comecon e os países do Leste europeu")

SEXUALIDADE ANISTIADA

ANTÔNIO CARLOS PACHECO

Nos tempos pré-históricos o homem foi aprendendo a se conhecer e ao mundo através da observação da natureza. Assim é que de tanto observar a germinação das sementes, o homem acabou concluindo que se enterrasse um caroço de uma fruta, por exemplo, ela brotaria e daria uma nova árvore. E ainda hoje, os cientistas dissecam animais para observar-lhes as funções para depois transpor suas conclusões para o homem, não fora assim e hoje não existiria biologia.

O mesmo ocorreu com a sexualidade humana. A priori o homem não a entendia. Para o nascimento das crianças eram dadas explicações místicas e por isto mesmo o ato sexual era praticado como mais uma brincadeira dentre tantas. Não sabendo nossos antepassados a função-reprodutora de um ato heterossexual, eles se entregavam aos jogos do prazer. E, ainda mais, não somente os atos heterossexuais eram praticados, também todas as variações eram comumente praticadas sem maiores barreiras como a sodomia e a felação entre os Moxicas do Peru, por exemplo ou entre algumas tribos do norte do Brasil e sul da Venezuela conforme pesquisas do antropólogo Pierre Clastres. A sexualidade é antes um jogo, como já se disse, do que uma prática reprodutiva.

Mas tanto de observar, na natureza, como os outros animais nasciam, o homem acabou concluindo (após longas observações em si mesmo) também que a cada acasalamento seu nascia uma criança.

Da compreensão pura e simples não surgiria nenhuma barreira para as práticas sexuais humanas, pois elas poderiam continuar tão ricas como eram. No entanto, é nesta época em que o homem compreende sua reprodução que se atravessa da fase do comunismo primitivo (ou ultracivilizado, como seria mais correto) para uma fase onde começam a existir a propriedade privada e o mando. O mando gerando a prioridade, pois a dominação é antes política e depois econômica, em qualquer sociedade humana.

Muitos devem se lembrar do filme de Kubrick, "2001...", quando um macaco aprende a dominar um pedaço de osso como arma e dali por diante domina os macacos em volta. Pois o mesmo ocorre com o mando político. O mais forte começa a subjugar os mais fracos e se não os escraviza, os devora simplesmente.

O mais forte passa então a não trabalhar, mas, como antes todos faziam ao colher, caçar ou plantar, ele passa a administrar e para manter seu ócio faustoso são necessários um exército de produtores e depois um segundo exército, os dos guerreiros que mantenham seu poder.

É neste exato momento que a compreensão do mecanismo da reprodução vai servir ao mando. O senhor decide então abolir todas as práticas sexuais que não tenham a função de reprodução da espécie, ou seja, aquelas que não visem exclusivamente reproduzir mão-de-obra escrava para manter o clã ou casta dominante.

O código de moralidade surge pois o homem nunca domina sem ideologia, daí que o mando político, segundo Clastres, precede a dominação econômica. Os senhores criam uma ideologia moral para impedir que seus súditos pratiquem o ato sexual pois somente um ato de nove em nove meses é que pode provocar o nascimento de uma criança. A sexualidade intensiva entre uma mulher e um homem não tem sentido portanto para o senhor, pois é um desgaste "desnecessário" de energia.

E a monogamia? A monogamia é uma reação à uma reação à reprodução desenfreada dos servos, dos escravos porque, num primeiro momento, o senhor precisava da multiplicação da mão-de-obra, mas num segundo estágio uma superpopulação escrava precisa ser alimentada e não há trabalho para todos para que todos também tenham uma mínima ração para sobreviver. Daí que, a priori, se incentivou a reprodução em massa do homem, mas logo depois, vendo os senhores a impossibilidade de controlar uma massa tão grande de esfaimados, criou-se institutos como a monogamia que obriga um homem a viver com uma só mulher, até à morte desta.

Neste estágio da história da humanidade com pequenas exceções geradas por condições excepcionais como entre os cidadãos de Grécia, as práticas sexuais foram cada vez mais desaconselhadas e criou-se a ideologia da moralidade, onde uma série de preceitos, geralmente tomados emprestados à religião, dispunham sobre como o homem deve se portar no tocante à sexualidade. Deste empréstimo à religião surgiram muitas baboseiras como por exemplo a instigação à virgindade extrema nas mulheres. Os cristãos levaram isto ao paroxismo dizendo que um profeta nascido na Palestina (Jesus Cristo) tinha nascido de uma virgem e que a virgem continuou virgem: sem dúvida o hímen mais resistente da história humana. Desta concepção de Virgem Maria é que as mulheres eram aconselhadas a se manterem virgens para seus maridos, pois se nem Deus quis ter filhos com uma mulher sem hímen, imaginem os homens que têm que seguir os passos de Deus... (?)

FASCISMO E HISTERIA

Mas mesmo a repressão mais forte, como ocorreu durante a Idade Média, não impediu os desvios, mesmo que eles fossem punidos com a fogueira e também esta repressão não é nada comparada à que surgiu na Idade Contemporânea com um tipo de ideologia que podemos chamar sinteticamente de "fascismo".

O fascismo usa como mola motora de seus desígnios principalmente a histeria das massas, mas ele só se cristaliza através de uma compreensão científica da sexualidade que é dada pelo grande ideólogo da burguesia, Sigmund Freud. Este estuda a fundo os mecanismos da sexualidade para tentar servir aos interesses das classes dominantes e suas descobertas a respeito do comportamento sexual humano vão servir para a total dominação das massas através da ideologia fascista.

Explica-se. Para Freud, não pode haver civilização sem a eterna repressão da sexualidade e outros instintos, tanto é que Herbert Marcuse, o filósofo da recuperação de Eros, diz que Freud achava que "a civilização é o eterno subjugar dos instintos humanos: e isto é irreversível e inevitável". Quer dizer, Freud considerava civilização este mundo de escravidão capitalista em que vivemos e, pior que isso, considerava irresistível este processo. Ou seja, o homem deve se submeter ao mundo capitalista de repressões e expoliações pois senão não será civilizado.

Antes de mais nada, se civilização são três quartos da humanidade passando fome e alijados de todo e qualquer conforto material, nós, por nossa parte, repudiamos a civilização e queremos a mais pura barbárie.

O fascismo toma esta compreensão (da repressão dos instintos humanos) de Freud e descobre que se apertar ainda mais o cinto, conseguirá mais do ser humano do que qualquer classe dominante já conseguiu. Segundo Wilhelm Reich, o fascismo desestimula a sexualidade até o paroxismo para levar a energia acumulada pelo não-sexo a atividades produtivas. Mas como o homem precisa acreditar no que está fazendo, o fascismo engendra uma ideologia baseada mesmo no não-sexo. As massas são levadas a uma cópula mental com seus guias, que relembram fantasias de um passado coletivo e glorioso que gerará, pelo trabalho, bravura e condicionamento das massas, a um porvir de força, poder e riqueza.

Hitler e Mussolini são as primeiras manifestações no Ocidente deste tipo de concepção; Lenin, Trotsky e Stalin são os mais famosos no lado marxista com suas idéias de transformar o povo em massa trabalhadora a serviço de um Estado totalitário. Principalmente Trotsky, o mais culto e inteligente dos três, com a tirada ultra-fascista de que "deve-se guiar o povo como a um grande exército".

Mas os marxistas são filhos espúrios do fascismo, os filhos legítimos são mesmo Hitler e Mussolini que fizeram escola e hoje têm seguidores na maioria dos chefes de Estado de todo o Planeta. Hitler celebrava diariamente, a todo momento, reuniões, passeatas, manifestações orgasmáticas que levavam as massas ao delírio coletivo através da histeria. O sexo neste período é considerado uma coisa vil, suja, que só serve no momento exato de dar mais filhos ao III Reich! Além disto só o sexo praticado pelos governantes que era rico em variações e nuances.

A repressão sexual é, portanto, um instrumento de poder, pois através dela o fascismo canaliza a energia do mais forte instinto humano (mais forte que o de sobrevivência, garantem) para a produtividade que leva ao fortalecimento dos países e conseqüentemente das classes dominantes como ocorreu com regimes ultradireitistas como o de Franco, na Espanha, fiel seguidor de Hitler.

A respeito disto, também George Orwell, em seu romance "1984", previa que o Estado totalitário do futuro procuraria eliminar totalmente a sexualidade, quando um dos líderes do país fictício "Oceânia" diz que o sonho do partido único era "eliminar totalmente" o instinto sexual.

A CAMA É POLÍTICA

A função deste levantamento histórico da repressão à sexualidade só se fez necessário para provar uma coisa: que a repressão às práticas sexuais é baseada única e exclusivamente no desejo das classes dominantes de manter subjugadas as classes dominadas. A moral que os judaico-cristãos (aí se incluem nazistas e marxistas) pregam é, portanto, derivada da ideologia, portanto, ideal, a-científica e a-materialista.

Uma revolução que se diga socialista, diante de tais compreensões, só pode partir destas premissas, quais sejam, as de que o homem deve ser libertado de imediato das repressões diárias que sofre da sociedade. E como diz Marcuse, a sexualidade é uma coisa política e qualquer revolução que não pretenda libertar a sexualidade não passa de uma perpetuação do fascismo.

Por isto é que pregamos uma total libertação sexual, o incentivo a qualquer prática sexual, por mais esdrúxula que possa parecer aos judaico-cristãos. Quem quiser trepar com carneiros, galinhas, bananeiras, deve fazê-lo sem se preocupar se isto é "normal" ou não, pois o conceito de "normalidade" é ideológico e só interessa aos que mandam na sociedade. Normal é aquilo que nós, em nossa consciência, chamamos de normal, o resto é bobagem.

Aos casais (tanto heterossexuais quanto homossexuais) deve-se dizer que devem praticar o ato sexual completo, sem barreiras: da felação à sodomia, passando por todas as variantes e posições. Tudo deve ser feito para quebrar o tabu calcado no fascismo de que sexo é função reprodutora apenas.

A única relação sexual que não é válida é aquela em que um dos parceiros (as) é subjugado a uma prática que não é de seu consentimento. Esta é criminosa porque sua raiz é fascista. Mas, a partir do momento em que os dois (ou muitos mais, se for uma bacanal) têm consciência do que querem, qualquer prática sexual é válida, seja entre homens e mulheres, homens e homens ou mulheres e mulheres (ou quem sabe tudo junto na maior e mais saudável baderna).

Mas, quantos se meterem na tarefa revolucionária de recuperar Eros, saibam que as classes dominantes perseguirão com muito mais violência estes dissidentes que quaisquer outros. Muito mais medo do sexo tem a burguesia do que dos comunistas, anarquistas e outros "istas". As polícias a sairão de pau atrás (mas pau de cassetete...) dos que ousarem contra "a moral e os bons costumes", por que, ainda lembrando Marcuse, nós chegamos a um estágio de desenvolvimento (nas sociedades ocidentais) que permite às classes dominantes dar maior liberdade aos dominados, principalmente devido à automatização da produção.

No entanto, uma classe dominante, depois de endausurada no poder, enxerga qualquer libertação, mesmo mínima, como uma ameaça em potencial de correr revolução, daí que "a repressão é, talvez, mantida com tanto mais rigor quanto mais desnecessária se torna", segundo Marcuse.

E é por isto que a revolução sexual deve ser feita já, como a maior revolução política da história da humanidade. Conclamamos todos a treparem com tudo (com tudo mesmo, dos mundos vegetal, mineral ou animal) e com todos e aguentarem a barra, pois a resposta do Sistema será tão violenta como jamais se viu.

A cama é um assunto político e traremos as camas para as ruas e discutiremos nossos assuntos de cama à luz do dia. A cama é a revolução. Anistia para as práticas sexuais. Ato sexual amplo, geral e irrestrito.

A CICATRIZ DOS PASSIVOS

ARGUS MÁRIO PAHOLSKY

Nossa sociedade marcou a mulher e um determinado tipo de homossexual, com o rótulo pejorativo da "passividade". Passivos são os que se deixam possuir, entregando-se à penetração, vexame maior numa sociedade machista, onde entrega é motivo de escárnio. "Abrir as pernas", "levar um pau", "ser comida ou comido" e assim por diante, nosso bate-papo cotidiano está farto dessas expressões que misturam sexo, violência, humilhação, encarnados na figura dos "passivos". A passividade é uma marca, cicatriz, estigma.

"O Estigma do Passivo Sexual" é um livro do professor e sociólogo Michel Misse, editado pela Achiamé. Nele Michal analisa a função da linguagem, como elemento discriminador da mulher, do homossexual dito passivo, e da própria passividade. Quem "abre as pernas", quem "sente na touceira" é a mulher e o viado. Na negação dos dois, o machismo forja sua identidade, sem saber, o quanto ela tem de mulher e de viado.

"ATIVO E PASSIVO"

É no homem que o ativo se caracteriza, como instrumento de poder. A mulher, tida como passiva, serve como elemento de auto-afirmação do homem. A tirania do macho se respalda em toda uma engrenagem verbal-simbólica, caracterizada por palavrões e expressões de gíria como: "se você fizer corpo mole, ele trepa". Quem trepa é o ativo, o usufruidor; quem se deixa trepar é tido como "o babaca", que por sua vez significa vagina. E se por uma vagina significa desprestígio, o mesmo não se pode falar do pênis, quando é bastante dito ao invés de muito bom "bom pra cacete". Estendendo ainda mais o raciocínio, ao invés de jogo ruim, "jogo bunda". O pênis significa o ativo, podendo ser relacionado com as seguintes palavras: comer ("João comeu Maria") bater ("João deu um cacete em José"), vencer e fazer ("tanto deu em cima que conseguiu"). A vagina e o ânus representam o passivo e se relacionam com palavras como: dar ("ela deu pra ele"), apanhar ("ele levou um pau danado") perder e deixar ("ela foi deixando, deixando, e acabou perdendo o cabacinho").

Como se vê, prestígio e desprestígio estão diretamente ligados à circunstância de penetrar e ser penetrado, formando-se aí o estigma do passivo sexual, jogado sobre a mulher e o homossexual, tidos como os que entregam à penetração.

"O ESTIGMA E OS HOMOSSEXUAIS"

Frases como "todo viado é traiçoeiro", ou "todo o viado é mentiroso", referem-se, antes de mais nada, a uma traição, que o homossexual masculino passivo cometeria à sua condição "natural" de homem. Seu agir é estigmatizado, antes por trair sua condição "natural" de macho, do que propriamente porque mantenha relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. É interessante neste caso, observar que o homossexual masculino no chamado de "ativo", não é tão estigmatizado quanto o chamado "passivo". A identificação de "viado" é de "quem dá para outro homem". O que "come" não é necessariamente identificado como "viado", não é homossexual, não traí tanto assim sua "condição natural" determinada. Em certas situações, pode até ser motivo de relativo prestígio, contar que "comeu um viado". Isto significa que o rebaixou, que o estigmatizou, que o "fodeu".

"AS OUTRAS FACES DO ESTIGMA"

O estigma não recai apenas sobre a mulher e o homossexual, dentro de um contexto isolado. O conceito de ativo e passivo só coexiste dentro de um campo simbólico, ao nível da linguagem e está em todas as ramificações da sociedade. Existe estigma no consumo na família, na política, e até mesmo nas lutas de classe.

No consumo, as publicidades de cigarros se prestam a perfeitos exemplos: existem os suaves para as mulheres e os fortes para os homens. A estigmatização vai rotular o produto, marcando-o para ele (homem), ou para ela (mulher).

Na política, tem que existir uma ação ativa, para impedir os riscos de perda do poder. O homem também é estigmatizado. O revolucionário é a mulher infiel que o "maridojetado" pune, "baixando o pau", ou melhor, o cassetete, tão roliço e teso como um pênis excitado.

Na família, existe o "dono da casa" e a "dona da casa". O marido "dá o duro" e a esposa "dá de mamar às crianças".

Nas lutas de classes, pode-se muito bem substituir a palavra "pobre" por "fodido" e o rico está por "cima da carne seca".

"O CORPO"

Nunca houve uma civilização tão reprimida corporalmente como a civilização ocidental, podendo-se constatar isto numa série de movimentos corporais: o machão anda de pernas abertas, duro, e há até uma expressão para dizer quando ele perde a sua condição de machão, ele "desmunheca, isto é, ele se solta, ele deixa os braços, as mãos se soltarem. No caso da mulher ocorre o contrário.; É necessário que o seu corpo esteja amarrado num certo movimento de quadris, objetal, que não esconde, entretanto, a paralisia.

O machão, aquele que personifica o ativo, o ativão, só consegue fabricar sua identidade na negação do passivo. Ele não tem uma segurança muito clara dessa identidade, a não ser quando produz a diferença estigmatizadora em relação ao outro.

A mulher em nossa sociedade vive entre dois extremos: ou ela é encarada como mãe, sem sexo, ou é encarada como prostitutas sem direito à maternidade.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

...POR OBRA E GRAÇA DA MARIA

UM DIA
EU ESTIVE AQUI
— VOCÊ NÃO ESTAVA.
UM DIA EU ESTIVE AQUI
PRA DIZER QUE TE AMAVA
— VOCÊ NÃO ESTAVA.
ENTÃO, EU CANTEI UMA
CANÇÃO BEM SUAVE
EM SUA HOMENAGEM,
NA SUA INTENÇÃO,
SÓ PRÁ DIZER QUE TE AMAVA.
E, DEPOIS CHOREI
SÓ PRA MOLHAR O
TAPETE DA SALA
PRA MOSTRAR QUE TE AMAVA.

VINHO E ELA

Brilham nos teus olhos

e teus cabelos negros,

a euforia e o calor

das manhãs baianas,

Na cidade: o mormaço
maltrata e
quase nos mata;
é carnaval por tua culpa,

tua máxima culpa,
Ó grande deusa da

alegria humana.

A propósito, quando beberei

de teu vinho menstrual?

TONHO STARTERI

CARTAS

Quem leu o último "Inimigo", certamente reparou num pequeno e excelente artigo assinado pelo companheiro Tales Faria intitulado "Perspectiva Prática". Para os que, por acaso, tenham apenas passado os olhos sobre o texto, sugiro que, sem demora, voltem a lê-lo com a devida atenção. Trata-se, sem dúvida, de uma das mais positivas e lúcidas exposições sobre a problemática da aplicação prática das idéias libertárias e sobre a urgência de passarmos a procurar dar uma dimensão ativa e concreta a estes postulados. O companheiro Tales Faria cita a autogestão como um dos pontos primordiais na nossa propaganda pelo que tem de intrinsecamente anárquico e, sobretudo, pela imediata resposta das massas a um assunto que lhes sensibiliza tão intensamente como é o caso da autogestão. O companheiro Tales Faria, ao defender propostas de semelhante envergadura, toca numa questão crucial para o futuro do movimento libertário brasileiro e, neste particular, nos colocamos a seu lado numa atitude de solidariedade irrestrita.

Entretanto, sem que isto signifique, necessariamente, queda no nível qualitativo do artigo, a certa altura o companheiro propõe que "deixemos de lado as críticas exageradas aos nossos companheiros da esquerda dita autoritária". Com efeito, deve-se reconhecer que o marxismo se constitui um dos mais assíduos alvos da nossa crítica. Porém não é menos verdadeiro que tais críticas correspondem rigorosamente às atitudes opressoras e reacionárias que os marxistas praticam em nome do socialismo e da revolução libertadora.

Cabe aqui a pergunta: será um exagero classificar de monstruosamente despótico o regime imposto ao povo russo? Denunciar o discurso leninista como o mais freqüente ponto de apoio a toda sorte de ditadores, de Stalin à Pol-Pot, é exagero? Afirmar que as previsões de Marx sobre os rumos da revolução socialista sob a égide do Estado, na sua quase totalidade, estão saindo pela culatra, constitui por acaso, um exagero?

Também nos parece curiosa a frase "companheiros da esquerda dita autoritária". É o caso de sabermos do companheiro o que falta para que ele identifique na esquerda que ergue a bandeira do Estado totalitário, do centralismo, do culto à hierarquia e da ditadura partidária e burocrática, uma esquerda autoritária **de fato** e não uma esquerda "dita autoritária"?.

A nosso ver, e gostaria que o companheiro refletisse sobre isso, lutar pelo federalismo, pela descentralização e pelas comunas autogestionárias implica numa luta paralela de ação crítica contra o poder de Estado, inclusive o poder aspirado pela esquerda autoritária, pois tais idéias são por eles combatidas sob a sumária acusação de serem utópicas e antirevolucionárias.

Finalizo, deixando clara a minha admiração pelo que o artigo do companheiro Tales Faria tem de essencial. As minhas observações têm apenas um caráter reparativo, fraternalmente crítico.

libertariamente

JORGE DE SÁ

Percorrendo os meus limites? pensei em liberdade

"Velha desdentada, bruxa de garras de gancho, medusa coroada de víboras. Autoridade! Retroceda e deixe passar a liberdade."

J.P. Sartre

Idealizar a liberdade é sentir a sua ausência, falar em democracia é perceber os limites das ações humanas determinadas por séculos e séculos de opressão, alienação e exploração. Os oprimidos vêm travando uma luta feroz, desde o neolítico quando o metal separa os artesãos dos agricultores e finalmente agressores, agredidos e escravizados. Da especialização do metal, nasce a diferenciação de "classes" e conseqüentemente a alienação de uma pela outra.

Contra a exploração embrutecedora, vulgarmente chamada trabalho, nasce a luta de classes que é a resistência proletária contra a alienação em busca de uma expressão própria, ou seja, a REVOLUÇÃO.

A "liberdade" que "todos" falam, é nada mais nada menos que uma maneira de camuflar as diferenças gritantes que amordaçam a maioria explorada. A democracia burguesa apregoa a igualdade de oportunidades, onde, com o bom uso da "inteligência" todos podem galgar os degraus da glória social ou mesmo pela mística da predestinação, onde, alguns poucos são escolhidos pela providência. Fabrica-se as mais variadas formas de alienar a população da sua condição miserável: loteria federal, esportiva, jogo do bicho, carnet do baú, corinthião, cadernetas de poupança e uma imensa parafernália de engodos — coitado, ainda bem que ganhou, pois, era apenas um pedreiro. A insegurança e a concorrência recebem apenas um tratamento de jogar e acertar — não conseguir vencer na vida, então ou não teve sorte ou foi incapaz de se impor no jogo.

O slogan da Revolução Francesa, está longe de se tornar uma versão proletária, pois, as palavras de ordem apenas justificavam a necessidade da burguesia se impor enquanto classe, e como tal explorar "ad infinitum" garantindo os seus interesses e a sua dominação. Da igualdade, sobrava apenas uma constituição, que sobre "todos" vigorava, ou seja, a proteção à propriedade privada e a livre iniciativa, deixando de lado as diferenças criadas pelas velhas estruturas de exploração que agora seriam perpetuadas por leis gerais e universais. Agora, as diferenças entre explorados e exploradores estariam garantidas pelas leis do Estado Burguês. Da liberdade, seguiu-se o lema, quem pode mais chora menos, donde a exploração das massas, obrigadas à ignorância, passa a ser uma questão de qualidades individuais.

E o que seria de nós sem a fraternidade? Velha protetora, apregoada pelo "santíssimo clero" e por homens de "boa vontade", que vem nos acolher nos momentos mais difíceis, ou seja, quando as estruturas de dominação burguesa estão abaladas. Observamos então, os apelos daqueles que têm tudo a perder, quando as revoltas populares vão definindo um horizonte revolucionário; a Igreja de um lado, pede pela paz (submissão total das massas incultas aos senhores do "bom senso"), pois, somos todos irmãos; os políticos temem pela perda dos seus privilégios, e se colocam como a única saída possível para a conciliação do inconciliável (explorados x exploradores).

Não nos deixemos enganar por esses senhores, pois o estigma da elitização percorre as suas veias. Os provocadores da existência das diferenças criam ideologias e tentam inculcá-las sobre os "desvalidos", justificando a miséria desses últimos, aparecem então conceitos como: deus e demônio, bem e mal, masculino e feminino, certo e errado, feio e belo, culto e ignorante, rico e pobre, pai e filho, patrão e empregado, amor e ódio, polícia e bandido, prostituta e dona-de-casa, governante e governados, paz e guerra, esquerda e direita, etc. A dualidade é mostrada como condição natural do ser humano, sendo assim, tudo está nos seus devidos lugares. A pobreza é a condição natural daqueles que não possuem qualidades para ascenderem socialmente, pois, não possuem inteligência, não possuem tradição, não possuem moral, não possuem liderança. Nestas condições, a tarefa mais importante da burguesia é a de orientar essa massa disforme dando-lhe trabalho, moral e história — mesmo a dignidade, é algo que nos será doado.

Oh! Bastardos da dignidade coletiva, filhos da volúpia materialista, traidores dos verdadeiros valores da liberdade e do amor ao trabalho humano. Faraós, Reis, Nobres, Imperadores, Clero, Governantes, víboras da história, destruidores das liberdades, perpetuadores da exploração, da miséria e da ignorância. Cuidado burgueses, aqueles que sofrem a opressão carregam em si o germe da rebeldia.

Como conter o germe da rebeldia? Para conter os impulsos libertários, o poder (phoder) nutre-se de instituições (maneira de controlar e direcionar a exploração) que aparecem como sendo as únicas formas de conquistar o desenvolvimento e por conseguinte a paz social. Aparecem então categorias e estamentos que carregam em si uma aura de imaculados diante dos acertos e desacertos da sociedade como um todo. Os militares protestam para si o monopólio da defesa da ordem social e da hierarquia saneadora; os intelectuais se elegem como portadores da síntese da "cultura" e os únicos em condições de explicar a ignorância dos "ignorantes".

Sabemos nós que os militares foram e são desde a sua origem o braço armado das camadas exploradoras e a única categoria que poderíamos lhes atribuir é o da síntese da violência, do terror e da irracionalidade animal. Por outro lado, cabe aos manipuladores da linguagem a tarefa de fornecer conteúdo ideológico e explicativo da vontade do "homem", em busca do progresso e da realização. E a origem da pirâmide da inteligência, a universidade, fornece, à fornadas, pães (técnicos em geral) para serem devorados pela engrenagem burocrática capitalista...

Precisamos destruir o discurso do poder, que a própria noção de intelectualidade traz nas entranhas. Precisamos desmascarar aqueles que através do seu discurso limitam a participação coletiva e induzem a uma passividade acadêmica alienante.

Que a torre de marfim caia e dê lugar aos conhecimentos advindos das práticas, que fatalmente libertarão os oprimidos da violência econômica, da violência política e da violência da alienação intelectual.

Libertem-se dos vossos títulos, façam do vosso conhecimento um instrumento de **liberação e de participação, junto daqueles que historicamente são submetidos aos trabalhos embrutecedores. Façam da vossa linguagem a linguagem de todos, ou seja, a linguagem da libertação. Enfim, saiam da alienação estamental e venham de uma vez por todas lutar contra a opressão.**

Afinal! como conquistar a LIBERDADE? Sim, como conquistar a liberdade, pois o que temos por aqui são apenas limites traçados pelas instituições capitalistas, que só permitem aos indivíduos se locomoverem dentro das opções de consumo de bens materiais e da produção de idéias.

A Liberdade para nós libertários, é uma conquista a ser alcançada, pois, só acreditamos na sua existência, na ausência absoluta das classes, na eliminação da hierarquia, na destruição de todos os aparatos repressivos condicionadores do comportamento e finalmente no desaparecimento do Estado o órgão máximo da centralização do poder de opressão.

Na ideologia burguesa, a liberdade é encarada como a necessidade da observância das "leis" — você está protegido cumprindo com as obrigações — pois fora das normas preestabelecidas o indivíduo cai em transgressões e em faltas graves com o seu próximo. "O direito de cada homem é limitado pelo direito dos outros"; atentem para esta historieta que compõe o livro sobre Educação Moral e Cívica da 5ª série: "E vocês sabem quais são os limites do direito? Os direitos dos outros. Assim, meus amigos, se você, José, e você, Maria, forem autorizados pela mamãe a brincarem no pátio de sua casa, vocês terão que se portar de tal forma que ambos possam exercer, ao mesmo tempo, esse direito, sem que um prejudique o outro. No momento em que um impedir o outro de brincar, não estará mais usando um direito, mas estará abusando do mesmo. O que vai acontecer? Levará um puxão de orelhas da mamãe e ficará proibido de continuar brincando... Nada mais nada menos. É o castigo pelo desrespeito ao direito do irmãozinho."

Como diz a estorinha, não transgrida as normas senão a mamãe repressão cairá na sua cabeça. Na sociedade em que vivemos a liberdade é apenas a observância das "leis", mas existem aqueles que abusam da "liberdade" doada pela instituição.

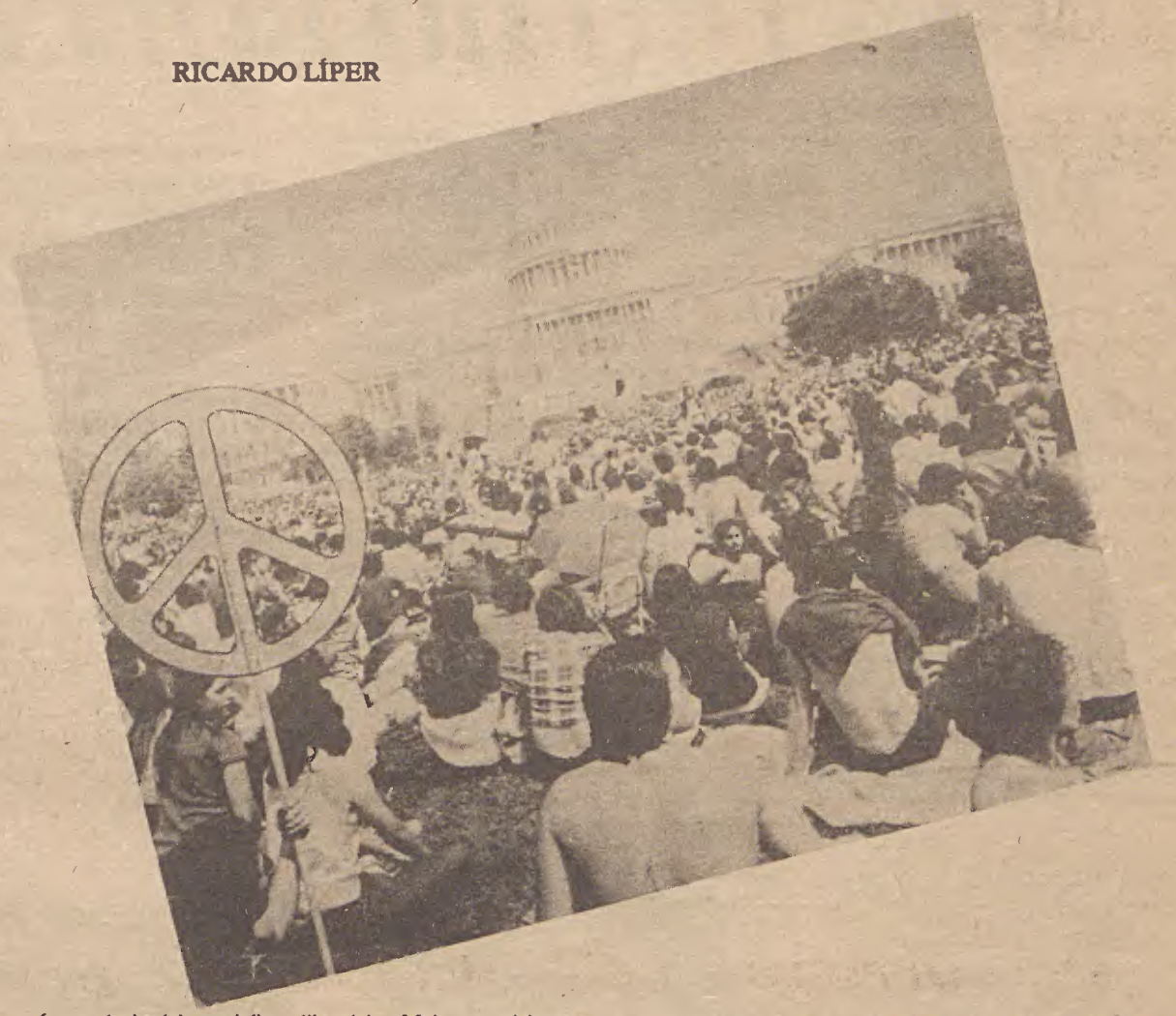
Quem são esses transgressores da "liberdade consentida"? Todos aqueles marginalizados dos "benefícios" da sociedade da opulência da minoria: ladrões, prostitutas, trombadinhas, homossexuais, subempregados, proletários e nós. É nesse "time" de marginalizados conscientes ou não que reside a contradição da riqueza e da miséria, que em última instância são o fermento da oposição radical a todas as instituições burguesas.

Nós, "doentes" do modo de produção capitalista, devemos buscar formas de minar as instituições que o sustentam, pois enquanto existirem O Estado, a hierarquia e as classes, continuaremos enfermos. A única maneira de deixarmos de ser "doentes" é conquistando a sociedade SOCIALISTA LIBERTÁRIA, onde finalmente a liberdade individual é garantida pela liberdade geral. Finalizando, como disse Bakunin, "a liberdade dos outros aumenta a minha até ao infinito". J. SILVA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Os anos 70 e o socialismo

RICARDO LÍPER



Acho estúpida a divisão do tempo em décadas, milênios ou coisas semelhantes. É como se a realidade histórica ficasse arquivada em pedaços de tempo aritméticos. Diz-se, então, que os anos setenta foram isso ou aquilo e os sessenta uma outra coisa. Tá errada!

Mas a mentalidade de arquivista que está em todos nós, diria mesmo a mentalidade de funcionário público, faz comque se vá catalogando as coisas. Para efeito didático cedo hoje a esse hábito de arrumar o tempo como se o tempo, e, principalmente, o tempo histórico, fosse arrumadinho em décadas e anos.

O que está ocorrendo ha muito tempo já, digo, mesmo desde o final da Segunda Guerra Mundial é o surgimento de uma nova consciência de libertação do homem que tende, quero crer, a uma grande síntese num novo movimento socialista libertário.

O que ocorreu de mais significativo na década foi a crise de autoridade. Fato que se inicia de maneira ruidosa em 68 na França. Entretanto, já existia, antes, com os dadaistas e surrealistas e, que, na chamada década de 70, foi se cristalizando numa gama muito variada tendências e movimentos apontados todos numa só direção: e eliminação completa e radical da repressão e da autoridade.

É impressionante como, cairam por terra, todos os baluartes autoritários sem ser poupado nenhum.

A autoridade do pai sobre os filhos foi impiedosamente eliminada da didática, da sociologia, da família, da psicologia.

A família patriarcal, autoritária, bíblica é anacrônica. É inadmissível hoje, entre pessoas civilizadas, um pai autoritário e repressivo. Educação passou a ser sinônimo de libertação. A escola segue os mesmos passos. Não é admissível mais a escola autoritária e muito menos o professor dono da verdade oprimindo os bestificados alunos.

A autoridade médica, baluarte do autoritarismo durante anos, ficou abalada com as críticas do poder fetichista do "doutor". Os psiquiatras foram os mais duramente atingidos.

A antipsiquiatria colocou em questão a autoridade da psiquiatria em relação aos loucos. Paralelamente a indústria, a técnica/a ciência perderam seu elã e têm de tolerar os ecologistas, que, há menos de duas décadas, seriam chamados de românticos, socialistas utópicos pela direita e pela esquerda marxista. Hoje são tidos como uma nova consciência e mesmo como revolucionários porque se colocam contra a estupidez capitalista e socialista de Estado que pretendem "desenvolver" o mundo de acordo com um projeto que inclui a eliminação física do planeta.

Durante o século dezenove — época da ingênua crença de que a solução da humanidade era o desenvolvimento tecnológico seguindo o modêlo da revolução industrial inglesa — acreditava-se que a Europa era o ápice da civilização humana.

O socialismo de Marx, inclusive, parte daí e pretende completar apenas essa civilização, fazendo-a alçar novos estágios mais "avançados": socialismo e comunismo. Não há uma revisão dos postulados da civilização mas uma continuação. Daí Marx ser a favor da eliminação dos índios americanos pelo colonizador inglês porque a implantação do capitalismo liberal no continente apressaria o advento do socialismo. O capitalismo, para o marxismo, é uma sociedade mais evoluída do que as tribos indígenas. Sob essa ótica, a economia tribal dos peles vermelhas era um atraso em termos de "libertação" da humanidade.

Curiosamente, os socialistas-marxistas não só são anti-ecológicos como antiindígenas. Os índios e outras culturas que não fossem as da Europa capitalista eram arcaísmos que deveriam ser eliminados, neutralizados, aculturados, mas nunca preservados ou enaltecidos.

Hoje, depois da falência, em todos os níveis, do projeto branco, europeu, tecnoindustrial, capitalista e socialista de estado de desenvolvimento percebe-se que as outras civilizações têm muitas coisas positivas e que, por exemplo, é muito melhor se ser índio, em termos de padrão de vida geral, do que viver como pivete ou camelô em S. Paulo ou soldado cubano invasor, a mando da União Soviética, em Angola...

Perdeu-se aquele orgulho de "civilizado" e ganhou-se aquela megalomania de louco que é como parecemos aos que chamamos de "primitivos". Não quero dizer que a solução é voltarmos a ser índios ou que os índios devem dirigir a sociedade mas sim que os índios, chicanos, e coloreds de todos os tipos têm muito o que dizer sobre suas experiências sociais, médicas, filosóficas, religiosas e que devem ser levadas em conta na estruturação de uma nova sociedade socialista.

O importante é que as contradições econômicas e sociais do mundo e dos sistemas estabelecidos depois da Segunda Guerra fizeram com que fosse gradativamente surgindo uma consciência revolucionária socialista libertária. Muitos participaram para isso. Não só os intelectuais, esses cada vez menos, encastelados nas suas torres de marfim, mas principalmente os marginais. Não acredito, como Lênin acreditava, que as contradições da sociedade são mais rapidamente e melhor percebidas pelos intelectuais da classe média. Acho que os marginais também percebem e se revoltam. Os intelectuais, em geral, atrapalham. O hippies, os conjuntos de rock, os vagabundos, os ladrões, os porras-loucas, os marginais são grandes sintomas dessa consciência. Foram eles que, sem oferecerem sistemas ideológicos fechados e nem mesmo uma continuidade de existência colocaram muito das idéias hoje veneradas entre os revolucionários como a ecologia, tema colocado em primeiro lugar nas flores dos hippies ou como a não-repressão nas suas comunidades e no seu anarquismo primário.

Podemos ver aí, gênese da antipsiquiatria na aceitação do louco, da loucura temporária das drogas, a recusa sistemática dos valores materiais da sociedade capitalista avançada. Na troca das cidades "confortáveis" do capitalismo pelas comunas agrárias primitivas, do racionalismo ufanista do século dezenove pelo misticismo oriental ou medieval como procura de alternativa. A contra-cultura é importante como a espoleta que descomprimiu a inteligência humana. Derrubou tabus, destruiu mitos e colocou o intelectual no seu devido lugar: a retaguarda. Muita coisa que era acreditada foi por água abaixo, a começar pela própria técnica e ciência que foram colocadas no mesmo plano da feitiçaria e da ioga. Se isso foi feito é que a ciência ocidental se revelou tão falha, experimental e mesmo castradora que tanto faz como tanto fez.

A Ioga e os Índios são magistrais alternativas tranqüilizantes.

É natural que essa consciência, na realidade de duas décadas, a de 60 e dos anos 70, se canalize num movimento político que transforme a sociedade.

A única ideologia que responde as questões colocadas e não só responde mas sempre colocou essas mesmas questões é o anarquismo.

Doutrina política que sempre percebeu que é inerente ao socialismo a abolição de qualquer tipo de repressão e a transferência para as massas de sua própria defesa e autoeducação no processo de socialismo.

Poderíamos dizer que nos anos 70 percebeu-se que chegou a hora do anarquismo.

Ressurge, com uma força espantosa na Espanha a CNT anarquista. A julgar pelo dinheiro que têm os comunistas, com gordas mesadas que recebem de Moscou e o interesse russo na Europa da Otan, os ressurgimento da CNT é quase um sinal dos tempos. A CNT é uma expressão moderna da recusa da juventude espanhola, diria mesmo européia, das concepções autoritárias de socialismo. O avanço na Itália do Partido Radical também. O próprio avanço do anarquismo na Europa e nos EUA é um sintoma de que caminhamos para um novo conceito de socialismo onde toda esta nova consciência de mudança social, que foi iniciada na década de 60 e cristalizada nos anos 70, tomará uma feição política revolucionária para uma efetiva desrepressão da humanidade nos anos 80.

As criaturas pré-históricas continuarão a assombrar o mundo. O poderio bélico americano-russo, também. As invasões russas, as repressões generalizadas. Mas, o mais importante dos anos 70 não foi isto. Não foram as invasões russas do Afeganistão, Angola, Moçambique e Etiópia. Isto é sintoma de decadência. O mais importante é o surgimento de uma consciência nova de socialismo que ousa enfrentar o poderio militar e econômico da Rússia e dos Estados Unidos. Nesta década os partidos comunistas passaram para a direita, estão a correr atrás de temas revolucionários, mas sem saber dar respostas. O autoritarismo Marx-Lênin não tem respostas para a ecologia, energia atômica, índios, minorias raciais e sexuais. Ficarão a reboque das massas.

Cada vez mais, esquerda e revolução libertária é sinônimo de anarquismo no mundo inteiro.

Estamos assistindo, neste início dos anos 80, um grande enterro. O enterro da autoridade do magnata, do político, do padre, do professor, do médico, do cientista, do intelectual, do comunista.

Este enterro está sendo sem luto, pois é preciso se enterrar os mortos para que os vivos vivam...

UMA PERGUNTA PARA O GENERAL MILTON

Em outubro último, durante a greve dos metalúrgicos paulistas, mais um operário foi assassinado pelas forças repressivas do Estado. A revolta que esta morte provocou fez com que São Paulo assistisse uma das maiores manifestações populares dos últimos tempos. Comentando esta manifestação, o General Milton Tavares de Souza, comandante do II Exército, declarou, com a conhecida inteligência que tanto caracteriza os membros de sua corporação, que lastimava que o atual quadro político provocasse até "explorações de cadáveres" com objetivos políticos. Façamos então uma pequena pergunta ao excelentíssimo General Milton: O que é lamentável, a exploração de cadáveres ou a fabricação desses mesmos cadáveres?

C.M.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

LIDERANÇA CARISMATICA DENTRO DO BOLCHEVISMO

MAURÍCIO TRAGTENBERG

Lenin herdou o plano de organização dos "Narodnaya Volia", um grupo fortemente disciplinado e reduzido de conspiradores.

Eram o produto da desenganada década anterior, quando "ir de encontro ao povo" constituía o dever da "inteligência revolucionária". Confiavam por isso apenas nas bombas. Estavam certos de que até se alcançar a vitória não se podia confiar na organização do povo segundo sua vontade.

Dos socialistas revolucionários, Lenin herdou o princípio de uma organização fortemente centralizada de revolucionários profissionais que obedecessem a um só centro dirigente, dedicando-se inteiramente à revolução.

Era uma organização de revolucionários profissionais que estava alheios à vida econômica quotidiana e, portanto, revelavam um dos traços de uma organização carismática.

Sua finalidade na vida era a de serem os portadores de uma idéia que, segundo eles, decorria das próprias necessidades históricas — é o espírito dos portadores de uma idéia de salvação que se constituem em grupos fechados, atuando atrás ou na frente das massas, mas nunca dentro das massas.

Na Rússia feudal, sem tradição de movimento proletário organizado e sem tradição de vida democrática como no Ocidente, encontravam-se as condições básicas que favoreciam a organização de um restrito núcleo de revolucionarios profissionais, cuja tarefa imediata ou histórica era a tomada do poder em nome do proletariado.

Era a revivência do espírito blanquista em condições russas, o que levava Lenin a definir na sua obra "Um passo adiante, dois passos atrás", o social-democrata como "um jacobino ligado às massas operárias".

Esse núcleo carismático forma uma organização conspirativa baseada no centralismo democrático, que na sua juventude Trotsky assim definia:

"No esquema de Lenin o Partido toma o lugar da classe operária, a organização do Partido desaloja a classe, o Comitê Central desaloja a organização do Partido e finalmente o ditador desaloja o Comitê Central". (33)

A concepção jacobino-blanquista de vanguarda não impedia Lenin de reconhecer que a "modificação das condições objetivas de luta é, por conseguinte, a necessidade de passar da greve à insurreição, o proletariado sentiu-a antes que seus dirigentes". (34)

E Trotsky, que tinha aderido à concepção leninista de Partido, é levado a conhecer que, "as massas no momento eram mais revolucionárias que o Partido, mais revolucionárias que sua máquina". (35)

No desenvolvimento da liderança carismática no bolchevismo há um fato a acentuar: Lenin já aparecia como carisma institucionalizado nas fileiras do Partido antes da tomada do poder pelo mesmo, conforme se comprova abaixo:

"Os Velhos não eram só eles que se enganavam; aquele homem era alguma coisa mais que um magnífico colaborador, era um chefe (grifado por mim); seu olhar estava sempre fixo no triunfo." (36)

"Zinoviev e Kamanev que viveram muitos anos ao lado de Lenin, assinalando não só suas idéias, mas mesmo os seus giros de locuação, mesmo os seus cortes de letra." (37)

Lenin

Por exemplo, a tese da Revolução Permanente, que assegurou a vitória dos bolcheviques na Revolução Russa, só conseguiu vencer dentro do Partido quando Lenin retirou sua concepção que defendia dez anos da "ditadura democrática de operários e camponeses".

A burocratização do séquito carismático constitui um dos motivos de crescente apreensão de Trotsky, como vemos abaixo:

"Como muitas vezes acontece, uma forte diferenciação se desenvolvia entre as classes em movimento e os interesses das máquinas partidárias. Mesmo os quadros do Partido Bolchevique, que gozavam os benefícios de um traquejo revolucionário excepcional, inclinavam-se a desatender as massas e identificar os interesses particulares desta com os interesses de seu aparelho, logo no dia seguinte à derrocada da monarquia. Que se poderia pois esperar de tais quadros quando se convertessem numa potente burocracia estatal?" (38)

Aqui vemos a previsão de Trotsky de que quando o séquito carismático (revolucionários profissionais) se burocratizasse, identificar-se-ia com os interesses da massa a quem havia representado enquanto alheio às atividades lucrativas ou de cargo.

Com a tomada do poder, o séquito carismático bolchevique burocratizou-se; o carisma Lenin institucionalizou-se; depois de estar encerrado nos estreitos limites de uma organização conspirativa, adquiria agora uma conformação nacional.

Essa rotinização do carisma dá-se com a apropriação dos poderes de mando (estado) e a conversão dos revolucionários em funcionários.

Na sociedade russa mágico-patrimonialista desenvolviam-se em seus interstícios movimentos carismáticos como os de Stenka Razin, Pugatchev, etc.

Stalin (aos 20 anos)

A dominação do carisma Lenin tinha sua legitimidade nas tradições revolucionárias, tanto assim que durante sua vida só se cantava a "internacional" e erigiam-se monumentos a Marat e Bakunine.

Mas o regime bolchevista entra em crise com a doença e morte de Lenin, até a ascensão de Stalin.

"Por outro lado, o problema fundamental que se coloca à dominação carismática quando se quer transformá-la em instituição permanente é evidentemente o problema do sucessor do profeta, do herói, do mestre ou Chefe de Partido. Com isso começa justamente a penetração do caminho do estudo e da tradição." (39)

O problema da sucessão carismática e a crise que ele envolve são tratados na carta de Lenine, conhecida como o "testamento de Lenine".

"Pela estabilidade da Comissão Central, de que falei antes, tenho em vista medidas para prevenir uma cisão até onde possam ser tomadas. Pois, sem dúvida, o guarda branco em Ruskaya Misl (penso que era S.E.Oldeburg) tinha razão quando, em primeiro lugar, na sua peça contra a Rússia Soviética, fundava as esperanças numa cisão em nosso Partido e quando, em segundo lugar, contava que essa cisão traria sérios desacordos dentro de nosso Partido.

Nosso Partido apóia-se em duas classes e, por tal motivo, sua instabilidade é coisa possível; e se não puder haver um acordo entre essas duas classes, sua queda é inevitável. Nesse caso, seria inútil tomar quaisquer medidas ou, de um modo geral, discutir a estabilidade de nossa Comissão Central. Nesse caso, não haverá medidas capazes de prevenir uma cisão. Mais confio que se trate de um futuro demasiado remoto e muito pouco provável para ser discutido. Tenho em vista a estabilidade como garantia contra uma cisão no futuro próximo, e pretendo examinar aqui uma série de considerações de caráter puramente pessoal.

Penso que o ponto fundamental na questão e estabilidade, considerado desse ponto de vista, são os membros da Comissão Central, como Stalin e Trotsky. As relações entre eles constituem, na minha opinião, boa metade do perigo de cisão; este pode ser evitado, a meu ver, elevando-se a cinqüenta ou cem o número de membros da Comissão Central.

O camarada Stalin, tornando-se Secretário-geral, concentra em suas mãos um poder enorme e não estou seguro de que ele saiba sempre usar desse poder com cautela. Por outro lado, o camarada Trotsky, como ficou provado, pela sua luta contra a Comissão Central no caso do Comissariado das Vias e Comunicações, distingue-se não só pelos seus talentos excepcionais — pessoalmente é hoje o homem mais capaz da Comissão Central — mas também por uma excessiva confiança em si e uma disposição para se preocupar demais com o lado administrativo dos negócios.

Essas duas qualidades de dois chefes mais hábeis da atual Comissão Central podem, muito inocentemente, conduzir a uma cisão; se o nosso partido não tomar medidas para impedi-la, pode surgir inesperadamente uma cisão.

Não caracterizarei os outros membros da Comissão Central quanto às suas qualidades pessoais. Lembrarei apenas que o episódio de outubro de Zinoviev e Kamenev não foi, sem dúvida, acidental, mas deve ser tão pouco invocado pessoalmente contra eles quanto o não-bolchevismo de Trotsky.

Dos membros mais moços da Comissão Central, desejo dizer algumas palavras acerca de Bukharine e Pitakov.

São eles, na minha opinião, as forças mais hábeis (entre os mais jovens); em relação a eles, convém ter em mente o seguinte: Bukharine não só é

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

o maior e mais valioso teórico do Partido, mas, também, pode ser legitimamente considerado o favorito de todo o Partido; mas as suas especulações teóricas não podem ser tomadas como inteiramente marxistas, senão com maior cautela, pois existe nele alguma coisa de escolástico (e nunca aprendeu e acho que nunca compreendeu inteiramente a dialética).

Quanto a Piatakov é um homem indubitavelmente notável, quer como vontade, quer como inteligência, mas demasiado entregue à administração e ao lado administrativo das coisas para que mereça confiança numa questão política séria.

Sem dúvida, as observações são feitas levando-se em consideração apenas a situação atual, ou supondo que esses dois trabalhadores leais e capazes não encontrem oportunidade de completar os seus conhecimentos e de corrigir sua unilateralidade.

25 de dezembro de 1922

P.S. — Stalin é demasiado rude e esse defeito, muito suportável entre nós comunistas, torna-se insuportável nas funções de Secretário-Geral. Por isso, proponho aos camaradas procurarem um jeito de remover Stalin desse cargo e nomear para ele, outro homem que, em todos os respeitos, seja superior a Stalin — a saber, mais paciente, mais leal, mais polido e mais atencioso com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer uma bagatela insignificante mas acho que do ponto de vista de impedir uma cisão, e do ponto de vista das relações entre Stalin e Trotsky, que discuti acima, não é uma bagatela. Ou é uma bagatela que pode assumir importância decisiva.

Lenine

4/janeiro/1923. (40)

"Bazhanov, outro antigo secretário de Stalin descreveu a sessão do Comitê Central em que Kaminev, pela primeira vez, leu o testamento. Embaraço terrível paralisou todos os presentes. Stalin, sentado nos degraus da tribuna do "praesidium", sentiu-se pequeno e miserável. Estudei-o atentamente! Apesar do seu autodomínio e aparência de calma, era mais do que evidente que o seu destino estava em jogo... Radek que se sentava ao meu lado, nessa sessão memorável, assoprou-me as seguintes palavras: "Agora não terão coragem de agir contra você". Aludia à duas passagens na carta em que me caracterizava como "o homem mais qualificado no presente Comitê Central" e a outra em que pedia o afastamento de Stalin em virtude de sua rudeza, de sua deslealdade e de sua tendência ao abuso de poder. Disse a Radek: "Ao contrário, tentá-lo-ão agora até o fim, e o mais depressa possível". De fato, o testamento não apenas falhou nos objetivos de impedir a luta interna, o que era desejo de Lenine, mas ao contrário intensificou-a até o delírio. Stalin já não podia ter dúvidas de que o retorno de Lenine à atividade, significaria a morte política do Secretário-Geral. E, inversamente, apenas a morte de Lenine poderia franquear a entrada a Stalin". (41).

A crise da sucessão carismática é vencida, coincidindo com as novas forças sociais que atuam; o antigo séquito carismático convertido numa burocracia, encontra em Stalin seu expoente máximo, que ocupa com sua fração os postos de direção do Partido e, logicamente, do Estado.

"Pois, de então em diante, apoderam-se do carisma os interesses de todos os que desfrutam o poder social, econômico e pretendem a legitimação de sua posição — por meio da derivação de uma autoridade e uma ordem carismática sagrada. Assim, de acordo com seu autêntico sentido, em vez de atuar revolucionariamente — como em seu **status nascenti** — contra tudo que se baseia numa aquisição "legítima de direitos" o carisma influi justamente como fundamento dos "direitos adquiridos". E precisamente nesta função tão alheia ao seu próprio caráter converte-se num elemento integrante do quotidiano." (42).

A legitimação da posição da burocracia dominante colocava a legitimação do carisma; no início, esta legitimação é revolucionária, conforme abaixo. É sobre o esquife de Lenine que Stalin leu seu juramento de fidelidade ao mestre:

"Deixando-nos, o camarada Lenine ordenou-nos que conservássemos puro o grande título de Membro do Partido. Nós vos juramos, camarada Lenine, honrar vossa ordem.

"Deixando-nos, o camarada Lenine ordenou-nos que conservássemos a unidade de Nosso Partido, como a menina de nossos olhos. Nós vos juramos, camarada Lenine, cumprir a vossa ordem.

"Deixando-nos, o camarada Lenine ordenou-nos que mantivésemos e consolidássemos a ditadura do proletariado. Nós vos juramos, camarada Lenine, aplicar o máximo de nosso esforço para conseguir a vossa ordem.

"Deixando-nos, o camarada Lenine nos prescreveu a fidelidade ao comunismo internacional.

"Nós vos juramos, camarada Lenine, que haveremos de deixar toda a nossa vida ao alargamento e fortalecimento da união dos operários de todo o mundo, a Internacional Comunista." (43).

Em tom de homília, o ex-seminarista de Tiflis fundamenta a legitimidade do seu poder carismático, em tradições revolucionárias bolcheviques.

Mas "todos os que desfrutam o poder social-econômico e pretendem sua legitimação pressionam sobre o carisma". (44).

Na medida em que ele tende a satisfazer o interesse do séquito partidário convertido em burocracia, em lugar das tarefas revolucionárias internacionais apartadas do sossego burocrático, coloca-se em ordem-do-dia o usufruto tranqüilo dos bens conseguidos: este usufruto dos bens pela burocracia encontrou sua expressão ideológica na teoria do "socialismo num só país" defendida, pelo carisma Stalin — esta tese foi produto do descenso do movimento operário europeu após a queda da Comuna e foi desenvolvida por um social democrata da direita, Georg Wolmar, num artigo intitulado "O Estado Socialista Isolado" — oposta à tese da "revolução permanente" defendida por elementos portadores de missão extracotidiana, oposta ao usufruto dos bens e à atividade lucrativa, os integrantes da "Oposição Internacional de Esquerda".

"A idéia da revolução permanente, isto é, a do laço dissolúvel e real que une o destino da República Soviética à marcha da revolução proletária no mundo inteiro, teve o dom de irritar acima de tudo, as novas camadas sociais conservadoras, intimamente convencidas de que a revolução, tendo-as elevado à primeira linha, tinha assim cumprido a sua missão". (45).

A burocracia, na medida que evolui para a direita, abandona as tradições revolucionárias anteriores, pelas tradicionais.

"A confluência de dois fatores — carisma e a tradição — constitui um fenômeno regular." (46).

O Capitalismo de Estado estratificado sob a ditadura stalinista estruturas a legitimidade carismática de Stalin na base do tradicionalismo conservador russo de acordo com as modificações introduzidas, conforme a seguir:

A abolição da Internacional em 15 de março de 1944 e criação de um hino nacional exaltando a "Rússia, a Grande". Abolição da "Ordem de Lenine" e da "Bandeira Vermelha" e substituição pelas ordens de Suvorov, Kutuzov e Alexandre Nevsky, em 29 de julho de 1942. Esse processo, de volta às tradições nacionais na legitimação do poder carismático, encontrou sua acabada expressão no discurso de Stalin pronunciado no 20º Aniversário da Revolução Russa em 7 de novembro de 1941:

"Sede inspirados nesta guerra pelas másculas figuras de nossos antepassados, Alexandre Nevsky, Dimitri Donskoi, Dimitri Poznarski, Alexandre Suvorov e Michail Kutuzov, "todos eles heróis nacionais, de procedência feudal conservadora."

Suvorov lutou conta a Revolução Francesa e esmagou a rebelião camponesa de Pogatchev. Dimitri Donskoi é santo da Igreja Ortodoxa.

É nessa legitimidade tradicional que o carisma Stalin estrututa, de agora em diante das bases de sua existência política.

Neste carisma opera-se a influência de duas tendências. Pelo fato de estar situado numa sociedade racionalizada, o carisma Stalin apresenta-se como símbolo de uma idéia e portador de um programa político. Isso não quer dizer que o elemento pessoal e intransferível não opere no carisma. Vemos as terríveis dores de cabeça que têm os membros do Politsburo quando pensam em algum elemento que substitua Stalin, alvitrando o triunvirato.

ANGELA RO RO

A beleza e a sensualidade pra 80

"... e o jeito que eu conduzo a vida/ não é tida com a forma popular/ mesmo sabendo que é abuso/ antes de ir/ agito e uso."
(AGITO E USO — ÂNGELA RO RO)

Uma nova voz surge nesta parafernalia/ tropical/ latina, que é a música popular brasileira. Nova em disco porque já circulava aprontando aí pelo mundo.

Ângela vem suprir aí meu ver um vazio nesta tão desgastada música brasileira. Desgastada no sentido de que as suas principais cantoras estão passando, atualmente, por um processo de pouca criatividade sem inovações tanto do ponto de vista de seus repertórios como em relação aos shows (o que não impede que digamos aqui que é claro existem exceções)

Mas voltando ao que nos interessa no momento: Ro Ro. Dizia que ela veio preencher um vazio deixado pela morte de Maysa. Não que ela cante, tenha o mesmo jeito ou muito menos a imite, não. Definitivamente não. A Ângela, possui o seu estilo, seu jeito, sua música, sua forma de tocar. O que importa é que, a mim pelo menos, ela recordou o jeito de Maysa; Ângela com sua voz rouca e sensual, canta lindamente em ritmo de blues sua poesia incrivelmente simples e apaixonante.

Não há receita predeterminada para curti-la a só ou a dois, alto ou baixo; aonde quer que toque você tendo sensibilidade curte, curte, curte, curte.

"... como é bom fazer a festa/ ao invés de pela fresta/ ver vida se esvaindo sem viver..."
(ABRE O CORAÇÃO! — ÂNGELA RO RO).

Com letras simples e tocantes sua poesia atinge imediatamente a quem a ouve — baladas, blues, canções, etc.. Uma música tão simples e contagiante que cantando e sendo acompanhada apenas pelo piano consegue um efeito incrível que preenche todo um espaço sinfônico.

São doze composições das quais dez foram compostas pela Ângela e as outras em parceria.

ÂNGELA RO RO — LP POLYDOR

LADO 1 — CHEIRANDO A AMOR
GOTA DE SANGUE
TOLA FOI VOCÊ
NÃO HÁ CABEÇA
AMOR, MEU GRANDE AMOR (ÂNGELA RO RO — ANA TERRA)
ME ACALMO DANANDO

LADO 2 — AGITO E USO
MARES DA ESPANHA
MINHA MÃEZINHA
BALADA DA ARRASADA
A MIM E A MAIS NINGUÉM (ÂNGELA RO RO — SÉRGIO BANDEIRA)
ABRE O CORAÇÃO

Direção de produção: Paulinho Lima/ Ricardo Cantaluppi
Arranjos: Antônio Adolfo/ Ângela Ro Ro
Músicos: Antônio Adolfo — Piano, piano elétrico, Ober
Rick Guita
Jamil Joanes
Medeiros. Bateristas — Téo, Roberto Silva.
Luiz Bezerra — Sax-Barítono. Ze Carlos — Sax-tenor. Netinho — Sax-Soprano. Niltinho — Trumpete. Roberto Silva — Efeitos. Cláudio Cartier, Sonia Burnier e Miriam Perachi — Coro.
ÂNGELA RO RO — VOZ E PIANO.

Altamente recomendável muito mais pelo talento e sensibilidade de Ângela do que qualquer coisa, importante ou não, que eu tenha dito, falei.

E pra encerrar, encerro com a própria Ro Ro...

"... Eu sei que o tempo vai passar/ e as coisas vão ficar/ porque acredito em mim/ e o tempo passa a flutuar e a chance d'eu ficar/ depende só de mim..."

(A MIM E A MAIS NINGUÉM — Ângela Ro Ro — Sérgio Bandeira)

LÍDIO BARROS.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

A direita brasileira e as mulheres

Um caso recente

Cláudio Miranda

Ainda persiste entre vários círculos da intelectualidade de esquerda no Brasil a velha concepção de que o único projeto que a direita autoritária possui para as mulheres é mantê-las dentro da cozinha, afastadas da realidade e de qualquer prática política. Mas bastará um olhar mais atento para a realidade e a história recente do Brasil, para vermos o quão falsa e superficial é esta concepção. Nunca é demais lembrar que nossas esquerdas — sejam elas reformistas, autoritárias ou libertárias — quase sempre se caracterizaram (e ainda se caracterizam) por suas análises superficiais da realidade e conclusões apressadas, principalmente, no que diz respeito a uma correta compreensão dos interesses e projetos econômicos, políticos e culturais das classes dominantes. E as conseqüências políticas desse superficialismo sempre foram desastrosas para o movimento popular.

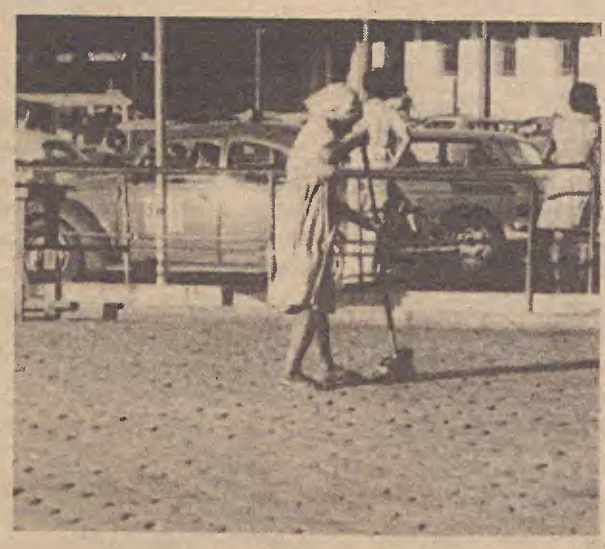
No que diz respeito ao papel social das mulheres, tentaremos demonstrar, através de exemplo específico e recente, que os projetos da direita, longe de pretenderem excluir a mulher da política, procurem fazer com que ela seja um elemento importante — secundário, sem dúvida, mas nem por isso passivo — de um projeto político e ideológico burguês/autoritário para a sociedade brasileira.

Primeiramente, precisamos esclarecer de que mulheres estamos falando. Será que a direita se interessa em utilizar politicamente mulheres de todas as classes sociais, indiscriminadamente? Tanto as de origem proletária quanto as de origem burguesa e pequeno burguesa? É evidente que não. Paa a burguesia e para o Estado burguês, as mulheres de origem proletária deverão continuar a cumprir as duas únicas funções que a sociedade capitalista lhes impõe: serem proletárias, ou seja, dóceis e submissas produtoras de mais-valia; e serem procriadoras de novos proletários, de futuros produtores de mais-valia.

Sobram as mulheres de origem burguesa e pequeno-burguesa. Ou seja, as mulheres da "elite". São essas mulheres que interessarão às classes dominantes e ao Estado para uma utilização política. E é sempre bom lembrar que esta utilização política não é uma invenção recente. Para os que têm memória curta, nunca é demais recordar a utilização massiva das mulheres burguesas e pequeno-burguesas nas famosas "Marchas da Família com Deus e pela Liberdade".

O EXEMPLO DOS CURSOS DE "EXTENSÃO CULTURAL"

Mostraremos agora como se dá esta utilização/doutrinação das mulheres através de um exemplo recente e bem pouco conhecido. Sob a inocente forma de Cursos de Extensão Cultural da Mulher, milhares de desavisadas mulheres — as "inocentes úteis" da direita — são doutrinadas na ideologia oficial do Regime em cursos patrocinados pelos Departamentos Culturais dos Clubes Militares de diversas cidades brasileiras.



Um exemplo bem concreto é o Curso de Extensão Cultural da Mulher, de nº 7, realizado no ano de 1979 no Clube Militar do Rio de Janeiro. Este curso, assim como todos os outros, é um curso intensivo, de 29 semanas de duração, duas aulas por semana, três horas cada aula, num total de 174 horas de doutrinação política e ideológica. Os cursos são minuciosamente programados e entre suas diversas atividades constam palestras, discussão dirigida, debates, painéis, trabalhos em grupo e inclusive — para melhor impressionar as alunas (em turmas de mais ou menos 60 mulheres) — visitas às principais obras do Regime (Itaipú, Usina Atômica, etc.)

Para darmos uma idéia de conteúdo das matérias ministradas nestes cursos, selecionamos uma pequena amostra dos títulos mais sugestivos:

— O papel da mulher no mundo atual.
— Objetivos Nacionais e Poder Nacional.
— Compreensão da Importância da Segurança Nacional para eliminar ou neutralizar os óbices que se antepõem à conquista ou manutenção dos Objetivos Nacionais.

— Regimes Políticos Contemporâneos.
— Compreensão das tensões mundiais e em particular das provocadas pela ação do Movimento Comunista Internacional.

— A Expressão Militar do Poder Nacional.
— Comunicação Social.
— A Família.
— A Segurança Pública.

E muitos outros edificantes temas.

Apesar de também serem ministradas noções de psicologia e dinâmica de grupo, com o objetivo de tentar disfarçar as verdadeiras finalidades dos cursos, estes se caracterizam, claramente pela doutrinação sistemática de mulheres na famigerada Doutrina de Segurança Nacional, que é, sem dúvida, a ideologia oficial do grupo no Poder. Para aqueles que não conhecem esta ideologia da Segurança Nacional, se caracteriza por seu conteúdo essencialmente antidemocrático, autoritário e elitista.

Para ministrarem estas aulas são chamadas altas autoridades, ministros de Estado, generais como o Gal. Otávio Costa, e o Gal. Thório Souza Lima, professores da Escola Superior de Guerra como o prof. José Camarinha do Nascimento e o dr. Mário Sayeg, além de intelectuais orgânicos do Regime, como o prof. Pedro Ernesto e o prof. Tarcísio Padilha do Conselho Federal de Educação, conhecido nacionalmente pelos seus bons serviços prestados ao regime autoritário brasileiro.

Mas quais são os objetivos desses cursos? De acordo com o próprio programa dos cursos, seus objetivos são, entre outros, o de "acendrar o culto dos valores espirituais, morais e cívicos da nacionalidade brasileira" e "revigorar, nas mulheres, as energias cívicas para maior participação na vida". Ou seja, os cursos possuem por objetivo transformar as mulheres de origem burguesa e pequeno burguês em elementos úteis ao Regime autoritário brasileiro no seio de suas famílias e círculos de amizades. E para as mulheres que melhor se destacaram na aceitação passiva da doutrina que lhes foi impingida são reservadas tarefas futuras de maior responsabilidade.

Como podemos observar, a direita não dorme no ponto e sabe se preparar para o futuro, pelo menos no que diz respeito ao terreno ideológico. E se é que se pretende mudar alguma coisa nesta terra, mais do que nunca é preciso ficar atento para o que fazem e pretendem aqueles que estão no poder.

Ano Internacional de Exploração da Criança

Mil novecentos e setenta e nove foi escolhido como o ano internacional da criança. Nada mais funesto para se consolidar o que a Humanidade tem praticado de atrocidade contra os pequeninos. O início de 79 vai encontrar um verdadeiro clima de terror instalado no nosso continente pelos regimes ditatoriais do Chile, Uruguai e Argentina. Nestes países, sempre ou quase sempre que os pais são envolvidos em casos políticos, as forças (?) repressoras levam também os filhos dos presos e os abandonam em outros países de língua espanhola, causando o desespero dos pais e parentes, que geralmente não conseguem localizar as crianças. Talvez seja uma forma de se comemorar o ano da criança política. Custa-se acreditar que tal procedimento seja levado a efeito, mas o relato de pessoas que tiveram contato com alguns presos políticos que escaparam à sanha da repressão é o maior testemunho destes atos bárbaros.

Sudeste asiático — o Vietnam e o Camboja estão em guerra. O Vietnam invade o Camboja e várias pessoas, já cansadas pela intensidade da guerra que viveram durante muitos anos de ataque americano, empreendem fuga a bordo de um barco, que não consegue autorização para atracar em qualquer país. Os refugiados, na sua maioria mulheres, velhos e crianças começam a entrar em estado de inanição devido à escassez de gêneros alimentícios. Nenhum país quer receber os refugiados. Eles não podem voltar para sua pátria, que está ocupada e arrasada. A ONU, ah! a ONU, se diz sem condições de resolver a situação. E o que vemos? As agências de notícias remetem diariamente milhares de fotos de mulheres, a bordo do citado barco, com crianças ao colo que são verdadeiros esqueletos cobertos somente de fina pele. Assim temos o ano da criança asiática. Imaginem se este ano não tivesse sido escolhido para se ajudar as crianças.

Foto de "Ruta", revista de cultura libertária da Venezuela.

África, bem no centro da África, mais precisamente no Império Central Africano. Bokassa I, imperador local deposto, dera ordens para que aproximadamente 100 crianças fossem executadas, pois representavam séria ameaça futura aos planos ditatoriais do imperador, que temia ser assassinado pelas crianças, quando estas se tornassem adultas e viessem a saber que seus pais tinham sido assassinados por ordens do então imperador.

Bem, esses foram alguns dos exemplos das maneiras mais diferentes de se comemorar o Ano Internacional da Criança no exterior. Por último, mas não menos importante, o Brasil.

1979: ANO I DA CRIANÇA BRASILEIRA

Em âmbito nacional, o ano da criança foi bem proveitoso para muitos (que obtiveram os mais variados lucros), menos para as crianças. Senão vejamos: a falsidade começa com uma estação de televisão carioca faturando em prestígio ao promover em circuito nacional a campanha pela criança brasileira. A bem da verdade se diga que a referida tevê não visava tirar lucro de imediato com a promoção, porém, mais tarde, com a programação dedicada ao público infantil, quando os anunciantes chegassem e encontrasse os preços triplicados. Se a situação se resumisse somente a esse aspecto, até que não seria de todo ruim. Mas não. A exploração continuou da forma mais predatória possível: lançamentos de roupas, álbuns de figurinhas, chaveiros e toda uma parafernália em homenagem à criança, onde o lucro era todo canalizado para o lançador da idéia. Se ao menos uma parte da renda auferida com estas promoções destinadas às crianças, todo e qualquer esforço nesse sentido seria válido.

Em 1979 a criança brasileira continuou sem a devida assistência por parte dos órgãos governamentais e particulares beneficentes. A taxa de mortalidade permanece a mesma, com o agravante do aumento da população, o que equivale dizer que em termos reais ela cresceu. O menor ainda está abandonado. A televisão e os jornais mostram diariamente o quadro desolador do menor que perambula pelas cidades sem qualquer tipo de ocupação. Mostram também pessoas, sempre as mesmas, ano após ano, que são formadas em menorlogia (ciência que estuda o menor) e que têm mil fórmulas teóricas para o problema do menor. Na prática nada apresentam; sendo que algumas têm até mesmo aversão por crianças. Acham que encaminhando a criança às escolas correcionais cumprem a missão a que se propõem, quando na verdade apenas se encarregam de dar ao menor a formação de delitos e vícios que faltavam para completar o seu universo, já que estas escolas são o vestibular da marginalidade.

Este ano, para melhor exemplificar o que sejam estas escolas correcionais, todas do Governo, em São Paulo os menores se revoltaram e empreenderam fuga em massa, pois não agüentavam mais os castigos físicos que lhes eram impostos.

Agora, não se diga que nada foi feito, de parte do Governo, pela criança brasileira. Ao se apagar das luzes do ano tivemos um aumento escorchante no preço da gasolina, o que obrigou muitos pais a deixarem de lado seus carros e ficarem em casa, com um tempo mais dedicado aos filhos.

Assim, neste balancete do Ano Internacional da Criança, só a coluna de débito ficou em evidência. O que é, de certa forma, aterrador, se levarmos em conta que 65% da população são de jovens que necessitam de todas as condições para futuramente dirigirem o País. Entre lucros e perdas, só a criança perdeu, seja por omissão das entidades beneficentes (mais um meio das pessoas se promoverem na sociedade), seja por parte das autoridades do Governo.

PEDRO PACÍFICO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

PODEMOS DIZER QUE OS GRANDES MESTRES DESTE SÉCULO FORAM MUSSOLINI, STALIN E HITLER. NO CAMPO MÉDICO-REPRESSIVO, O NAZISMO CRIOU O "OVO DA SERPENTE" COMO MOSTRA BERGMAN. AS TÉCNICAS REPRESSIVAS EM TODOS OS NÍVEIS ENSINADAS POR ESTES COMPETENTÍSSIMOS PROFESSORES ENCONTRARAM ALUNOS E DISCÍPULOS NO MUNDO INTEIRO. E HOJE MAIS QUE NUNCA O APERFEIÇOAMENTO ACELERADO ESTÁ DANDO RESULTADOS TÃO POSITIVOS QUE PODEMOS ELOGIÁ-LOS VENDO FILMES COMO: "A LARANJA MECÂNICA" "UM ESTRANHO NO NINHO", OU ENTÃO LERMOS "1984". "UM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO". OU ATÉ MESMO ASSISTINDO A UM PROGRAMA DE TELEVISÃO SUECO. NENHUM OUTRO LUGAR COMO ESTADOS UNIDOS E ALEMANHA FEDERAL PARA DAR UM EXEMPLO DE EFICIÊNCIA E DEDICAÇÃO NO CAMPO DA REPRESSÃO, CONTRÔLE, LOBOTOMIA, ELETROCHOQUE, ETC. SALVADOR SAGASETA. ESCRITOR ESPANHOL AUTO-EXILADO NA SUÉCIA, NOS DÁ ESTA EXCELENTE COLABORAÇÃO QUE PUBLICAMOS NA ÍNTEGRA:

(SEBASTIAN SANTA ROSA)

Eletrochoques contra os homossexuais

Acaba de ser revelado em um programa de televisão na Suécia o uso de eletrochoques nos hospitais como "terapia" corretiva da homossexualidade. Desta maneira se soube que desde 1974 é praticado na Suécia tratamentos dete tipo com o nome de "científico" de terapia de aversão. Uma mulher de 38 anos, chamada Kerstin, foi testemunha de sua própria experiência ante a câmara de televisão sueca, deixando em aberto a interrogação sobre a extinção destes sistemas.

O tratamento Ludovico

A terapia de aversão à base de eletrochoques é apenas o nome pré-anunciado pela fantasia literária de Anthony Burgess em sua famosa novela "A Laranja Mecânica". Na prática médica, as injeções vomitivas de Burgess foram substituídas por descargas elétricas.

A aversão o terapia made in Sweden **está um pouco baseado na imaginação literária de Burgess e na criatividade antecipadora de Orwell, autor da novela futurista: "1984". Orwell previu no seu livro o evento de uma sociedade autoritária-paternalista baseada sobre a** repressão/profilática, **onde o Ministério do Interior passaria a ser chamado "Ministério do Amor" ("Minamor", em abreviatura) e que o controle dos comportamentos que, na prática, transfeririam aos científicos as competências de ordem pública. Porém, foi na obra de Burgess onde a aversãoterapia encontrou seu modelo. Burgess previu que nas sociedades autoritárias as técnicas de modificação de comportamento seriam praticadas através da criação e reflexos de aversão. Em sua novela, os doutores Brodsky e Brannon "curavam" seus "pacientes" (presidiários e criminosos) mediante um "tratamento" à base de injeções vomitiva. Depois de várias semanas de tratamento, os indivíduos submetidos à terapia de aversão reagiam imediatamente com uma náusea ante a televisão de delito. Exatamente a mesma técnica vem sendo empregada, cientificamente, para a cura da homossexualidade, como acaba de ser denunciado pelo caso Kerstin. A única variante consiste na substituição das injeções vomitivas pelo eletrochoque, embora respeite a análise geral da terapia como concebeu literariamente Burgess. Ou seja, tanto a forma como a finalidade dos pressupostos científicos do tratamento Ludovico, modelo "A Laranja Mecânica", e o da terapia de aversão dos psicólogos do hospital de Malmo, são idênticos.**

A terapia de aversão

Em ambos os casos, a descarga elétrica ou a injeção vomitiva se associam ao vício que se pretende "curar", e que a tal efeito é filmado pela televisão e exibido ao paciente. Por exemplo, Kerstin sintetizou desta forma sua experiência: "Duas vezes por semana, durante dois meses, me submeteram no Hospital Municipal de Malmo à terapia de aversão, com a duração de uma hora por sessão. Numa tela se mostrava filmes pornográficos. Quando aparecia cenas de amor entre duas mulheres, eu recebia uma descarga elétrica, e ao contrário, quando se referiam ao amor heterossexual, homem-mulher, não sucedia nada. Meu psicólogo acreditava que desta forma dentro de um certo tempo recobraria a minha antiga identidade sexual e reagiria com aversão até mesmo à idéia de ter relações homossexuais. O tratamento foi abandonado finalmente por uma falha absoluta de resultados práticos. Hoje vivo feliz com outra mulher".

Os médicos implicados no caso reconheceram que as declarações de Kerstin eram verdadeiras, embora tenham matizado muito o fenômeno, segundo suas declarações no Hospital de Malmo não foram realizados outras terapias de aversão depois da de Kerstin, entre outras coisas porque eles mesmos não acreditam mais na eficácia destes "tratamentos". Este caso foi ensaiado devido à ineficácia dos tratamentos convencionais. Apesar de que — segundo declararam — a terapia de aversão foi aplicada em Kerstin depois de numerosos fracassos para fazer com que esta aceitasse sua nova identidade sexual. Porém, a questão acerca da provável extensão destes métodos não foi resolvida. A Laranja Mecânica "made in Sweden" deixou aberta a possibilidade de que um tal sistema (que já aparece incorporado à psicologia oficial, inclusive com um nome de científico próprio) já forma parte da rotina repressivo-curativa em muitos hospitais suecos ou não, com a qual a sociedade científico-repressiva baseada na repressão profilática da que falava Orwell já havia abandonado a ciência-ficção para se integrar na vida cotidiana.

Os riscos políticos

O alarme suscitado pelo caso Kerstin na Suécia não carece de justificações, tanto que detrás deste episódio se insinua uma ameaça autoritária: a do eletrochoque, como arma política institucionalizada e disponível para a repressão dos dissidentes, os marginalizados ou as minorias; delinqüentes e homossexuais, por exemplo. O descobrimento de uma nova enfermidade mental na ÚRSS, que em outras partes se chama discenso, confirma a tradição repressiva de uma psicologia que, já com Freud, se insinuou como um instrumento de repressão. O próprio Freud recorreu instrumentalmente à acusação da loucura contra os dissidentes do Comitê Psicanalítico. Com este sistema, Rank, Fereczi, e de alguma maneira também Wilhelm Reich, foram rechaçados e Freud conseguiu controlar despoticamente a burocracia psicanalítica. A loucura do estado soviético reproduziria o precedente a nível político.

Usando o mesmo tipo de experimentos, se conhece muito bem o uso do eletrochoque e das drogas químicas nas delegacias. "Uma substância química com propriedades hipnóticas é injetada na veia, o que provoca, quando a operação é lenta, certa perda de controle e um adormecimento da consciência. Este método terapêutico utilizado na Medicina é evidentemente muito perigoso e pode causar graves desajustes na personalidade. Os psiquiatras de Argel (franceses) aplicaram eletrochoque aos acusados e os interrogaram na fase de volta da consciência, caracterizada por uma certa confusão e perda da defesa da pessoa". (Frentz Fanon, en Sociologia de uma Revolução). Praticamente todos os países se serviram ou ainda se servem destes procedimentos. O último "descobrimento" no terreno dos soros da verdade parece ser um alucinógeno derivado da morfina. Porém, no setor das manipulações cerebrais a lobotomia é provavelmente o sistema mais inícuo de quantos se sabe que estão hoje em uso. "Consiste no corte das relações entre as diferentes partes do cérebro rompendo as fibras nervosas que se encontram na base da testa. Com a lobotomia se altera o caráter das pessoas: os agressivos, emotivos, sensíveis, se convertem em dóceis, passivos, insensíveis". (II Manifesto, 26-8-1973). A operação já começa a se converter em rotina com respeito a criminosos convictos suspeitos de possuidor do também suspeito cromossoma do crime. Falou-se da lobotomia como "terapia" irreversível já aplicada para a "cura" de delinqüentes comuns e políticos, por exemplo, na Alemanha Federal e nos Estados Unidos.

O homossexual como cobaia

A Laranja Mecânica é cada dia menos ficção. Nos Estados Unidos funciona há vários anos o Centro Adirondack de Valoração e Tratamento Corretivo, moderna prisão-manicômio experimental de Clinton (Nova York), presuntamente vinculado à CIA e ao Ministério da Defesa, acusada com muita freqüência de práticas científico-repressivas que englobaria desde a lobotomia à formas de terapia de aversão experimentais, muitas vezes baseadas em eletrotratamentos. Sim, mesmo em um país como a Suécia, tradicionalmente respeitoso dos direitos individuais, e muito escrupuloso no campo da experimentação médica, foi possível um caso Kerstin, é fácil imaginar a vasta extensão desta prática no resto do mundo.

A experimentação médico-repressiva com presos e minoria marginalizada goza de uma larga tradição nos Estados Unidos. O psiquiatra Wilhelm Reich foi uma de suas vítimas mais conhecidas. Em troca de uma redução das penas, os detidos são "convidados" a se prestarem como cobaias humanas para o ensaio farmacológico. Enquanto que a minoria maldita marginalizada, os homossexuais são também objeto de permanente experimentação. Sua pofunda marginalização os priva de todo poder contratual, portanto, de toda capacidade de auto-defesa. Entre os homossexuais europeus é habitual chamar ao psiquiatra de psikiatra, para ressaltar foneticamente a brutalidade repressiva com a que este se coloca diante do homossexual, cobaia preferida para alguns experimentos.

(Tradução de Sebastian Santa Rosa).

HOMENAGEM AO PIRADO

Lidia Barros

DE TODA A CIDADE ELE SAI SEMPRE NA FRENTE
POIS É O "HURRICANE"
LOUCO, CRAZY, PIRADO, PILOTO DO ESPAÇO.
ENQUANTO A CIDADE DEVAGAR QUASE PARADA
FICA HORRORIZADA COM SUA PAULEIRA DESVAIRADA
OUVE SEM DESPENTEIO SEU SOM DE ROQUEIRO
E DIZ NOS BASTIDORES:
"ELE É LOUCO MAS SABE DAS COISAS."
ELE ANDA NA VELOCIDADE DO PENSAMENTO
E ACORDOU HÁ MUITO TEMPO
E NA HISTÓRIA DA PRINCESA
SEMPRE SABERÃO QUE ALI EXISTIU
UM PIRADO COM NOME DE MARIVALDO.
QUE A MÚSICA E A LOUCURA LHE SEJAM ETERNAS E ETERNAMENTE COMPANHEIRAS.

PRESO POLÍTICO E PRESO COMUM

Marcus Gutemberg

Um pastor de uma aldeia alemã, apascentava seu rebanho, segundo figurino de Martin Lutero.

Certo dia chegaram à modorrenta povoação, dez brutamontes da SS e levaram três anarquistas que, sentados à uma taberna, bebiam e falavam mal do Estado.

Molestou-se o bom homem de Deus. Mas degustando seu Eisbein soltou um tremendo flato e raciocinando melhor concluiu; a final, eram anarquistas, não freqüentavam o culto e até negavam Deus, muito provavelmente preparavam algum assalto à propriedade e, sobretudo, davam um péssimo exemplo. Deu um longo bocejo e foi dormir com a consciência tranqüila.

Uma semana após, voltaram os brutamontes da SS e arrastaram para uma viatura fechada dois velhos judeus que falavam de inclemência do tempo, na entrada da Sinagoga. O bom pastor remexeu-se todo, sentindo uma opressão no peito. Afinal não eram perigosos anarquistas, mas sim piedosos crentes e mesmo não sendo luteranos... e, afinal não eram luteranos e esse era o mal. Sorveu seu Liebfraumilch com avidez, arrotou discretamente e se entregou ao sono dos justos.

Dias após, voltaram os SS ruidosamente. Invadiram casas, humilharam velhos, desrespeitaram mulheres, apavoraram crianças e levaram dezenas de luteranos.

O piedoso homem reclamou, protestou, com os punhos cerrados; inventivou Deus e as autoridades e finalmente, cansado, sentou-se numa poltrona e pensou que talvez alguma ovelha de seu destroçado rebanho tivesse cometido algum crime

hediondo e que afinal a polícia teria suas razões para assim proceder.

Comeu seu chucrute com salsichas brancas que lhes pareceram mais azedas do que nunca. Foi deitar, porém, sem conseguir conciliar o sono revirou-se a noite inteira. Atribuindo o fato a que o chucrute estivesse deteriorado.

Mais alguns dias, voltaram os SS, bateram à porta do bom pastor e o carregaram para sempre.

Moral da História: não há distinção entre presos políticos e presos comuns. O que há são presos e, portanto, gritem por eles.

Sindicalismo no Brasil: ontem e hoje-II

EDGAR RODRIGUES

5 — As Greves, Segundo os Conceitos Reformistas e Políticos __ Hoje:

O fascismo chegou ao Brasil com o terreno aplainado, limpo, e os resistentes afastados. Nesta oportunidade "nascia gloriosamente" o sindicalismo nazi-fascista com tempero abrasileirado pela mão de um grupo de militares e civis que foram estudá-lo naqueles países juntamente com a constituição "La Polonesa".

Acabaram-se as greves temporariamente! Tudo em Paz O "agitador estrangeiro" fora expulso e tudo bem... Os "Pelegos" (cognome dado aos sindicalistas ao serviço do "Estado Novo" de Vargas) serviam ao Governo denunciando companheiros e a policia fazia o resto. O nazista brasileiro Felinto Müller, chefe de policia todo-poderoso, ordenava a "limpeza" e as torturas mais requintadas.

A partir de 1937, o Governo é quem decidia pelos trabalhadores e os que não aceitassem rindo, a polícia especial aí estava para "convencê-los"...

Por fim, o fascismo é vencido na Europa e cai no Brasil o seu porta-bandeira. A democracia nasceu então de "parto prematuro", com ajuda de obstetras que serviram à didadura. Depois de um breve Governo provisório, o Ministro da Guerra do ex-ditador, foi eleito Presidente da República, e o ditador deposto, senador. E decorrido pouco mais de 4 anos (tal é a falta de memória dos eleitores), Getúlio é eleito democraticamente para governar novamente o Brasil, mas como não acentava subjetivamente as críticas que lhe faziam, teve um gesto nobre: suicidou-se!

No entanto, as leis sindicais continuaram sem alterações, os sindicatos dirigidos pelo Ministério do Trabalho, que o mesmo é dizer, pelo Governo.

Neste interregno os trabalhadores foram sendo conduzidos politicamente, uns pelo P.C.B. e outros por politicos inescrupulosos, levando-os a fazer greves sem justa causa, a engrossar manifestações políticas cujos condutores se completavam em demagogia e votos.

E depois de muito barulho e pouca obrá, veio a ditadura militar e o silêncio.

Foram 15 anos (1964-1979) de governos fortes. Mas, um fato novo entrou em cena: a instabilidade emocional. O mundo é sacudido pela violência com baixas de ambos os lados! Raptos e atentados abalam os alicerces dos sistemas capitalistas, e os ditadores cedem vencidos economicamente.

E tudo voltou à forma anterior: politicos e militares derrotados aboliram a censura e anistiam as suas vítimas!

Só a inflação e a violência saíram vencedoras!

Os salários congelados para conter a inflação e equilibrar a balança de pagamentos do Governo, também não funcionou a contento. E como miséria pouca é bobagem, os trabalhadores partiram a declarar greves.

No Rio de Janeiro, os motoristas e os lixeiros abandonaram o trabalho e saíram vitoriosos parcialmente.

Em São Paulo, os funcionários públicos deixam as repartições contrariando a lei do funcionalismo, e contestam as soluções do novo governador que pensa em mudar a capital do Estado para o interior e nega um acordo que permita ao assalariado viver dignamente. Um elemento negativo nesta greve: Os funcionários, embora mal pagos, viviam encrustados num sistema burocrático tornando-se parasitas, inimigo dos próprios operários quando estes precisam recorrer às repartições do Estado. Não mereceram a simpatia popular. Assim mesmo conseguiram uma vitória parcial.

Sob o manto protetor da Igreja que nunca viu com bons olhos as reivindicações operárias, aparece Luis Inácio da Silva — o Lula, e explode a greve do **A.B.C.** paulista.

"1.500 operários vão à missa celebrada em ação de graças aos metalúrgicos do A. B. C., no estádio municipal "Lauro Gomes" de S. Caetano do Sul."

Patrões e operários resistem.

Muitos foram os mediadores, inclusive o Ministro do Trabalho. A greve acabou com o seguinte acordo: 63% de aumento para quem ganha até 3 salários mínimos; 57% de 3 a 10 salários; e de 44% para os demais.

Foi a primeira comemoração significativa dos 15 anos de Governo forte...

Lixeiros e professores paulistas param. Exigem novos salários, fecham-se escolas, bibliotecas, o lixo amontoava-se nas ruas, os hospitais municipais só atendem aos casos de emergência e se até ali muitos doentes já morriam por displicência dos médicos e enfermeiros, as coisas com a greve pioraram muito! Pediam aumentos de 30 a 55% e os piquetes impedem os fura-greves, os Krumiros modernos de trabalhar.

A grande imprensa, na falta de melhor assunto, estampou entrevistas, publicou notícias, e ilustrou-as com passeatas e assembléias.

Houveram ameaças, prisões, espancamentos (só não houveram expulsões, porque os grevistas agora são brasileiros natos), fechamentos de sindicatos, destituições de diretorias, mas como a "abertura" encomendada pelos credores estrangeiros que não desejam mais financiar ditaduras, não podia ser desatendida, os aumentos saíram e a "democracia continua"...

As greves de S. Paulo contagiam os trabalhadores do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Neste último Estado, a dos trabalhadores da Construção Civil foi a mais violenta seguida da dos bancários de São Paulo. A policia esteve sempre presente e os distúrbios, em geral só começavam quando ela chegava.

As autoridades estavam desacostumadas de ver trabalhadores reclamarem direitos e salários melhores.

Nestes últimos 15 anos só recebera ordens para reprimir, castigar, punir, e fizeram-no com tanto zelo, que não resistiram a tentação de baixar o cassetete sobre as costas dos operários, mesmo desestimulado pelo Governo.

João Goulart foi derrubado porque nos seus últimos 5 meses de Governo foram declaradas 66 greves contra 83 nos 6 meses do Governo João Figueiredo em 12 Estados, envolvendo cerca de 1 milhão e 200 mil trabalhadores.

Em 1963-64 a população ativa que deu origem às greves era da ordem de 24 milhões e agora de cerca de 41 milhões.

6 __ No Rio de Janeiro os grevistas foram:

a) Professores públicos do 1º e 2º graus — Pediam Cr$ 8.986,00, obtiveram Cr$ 4.443,00 — 10 dias de greve — 110.000 grevistas;

b) Professores particulares de 1º e 2º graus, 60% de aumento, obtiveram 44 + 10% — 6 dias de greve — 20.000 grevistas;

c) Professores Universitários — particular — 60% aumento mais 25% adcionais — obtiveram 50 mais 10% — 7 dias de greve — 5 mil grevistas;

d) Instrutores do Senai — 30% aumento — obtiveram 30%, 4 dias de greve — 500 grevistas;

e) Motoristas e cobradores de ônibus (inclusive Niterói, Caxias e Nova Iguaçu), pleiteavam Cr$ 8.537,00 e obtiveram Cr$ 7.200,00 — 2 dias de greve — 222 mil grevistas;

f) Motoristas e cobradores de Petrópolis — Cr$ 8.537,00 e obtiveram Cr$ 7.200,00 — 1 dia de greve — 600 grevistas;

g) Médicos e residentes das redes municipais e estaduais, reivindicavam 146% de aumento e obtiveram piso de Cr$ 4.600,00 — 16 dias de greve — 800 grevistas;

h) Médicos residentes do Hospital Pedro Ernesto, melhor alimentação e Cr$ 4.600,00 — obtiveram tudo — 25 dias de greve — 230 grevistas;

i) Sextanistas de Medicina — 2 salários mínimos — obtiveram Cr$ 3.800,00 — 57 dias de greve — 1.200 grevistas;

j) Metalúrgicos da Construção Naval — queriam 4 mil e 35% de insalubridade — obtiveram de 50 a 69% e serventes Cr$ 3.500,00 — 8 dias de greve — 12 mil grevistas;

l) Metalúrgicos da Fiat de Caxias, pediam 90% — obtiveram 26% — 11 dias de greve — 4.000 grevistas;

m) Trabalhadores dos postos de gasolina, pleiteavam 55% e piso de Cr$ 3 mil — Obtiveram piso de Cr$ 3 mil e 30% — 2 dias de greve — 8 mil grevistas;

n) Professores do 1º e 2º graus da Rede Oficial do Estado. Pelo não cumprimento do acordo anterior — 110 mil grevistas.

7 __ Em São Paulo:

a) Metalúrgicos — S. André, S. Bernardo, S. Caetano e Diadema — Pediam 78% de aumento — Reajuste 63% — 14 dias de greve — 210 mil operários;

b) Funcionários públicos — Pediam 70% de aumento — Reajuste 44% — 10 dias de greve — 8 mil grevistas;

c) Lixeiros — Pediam 70% de aumento — Reajuste 70%, 3 dias de greve e 2 mil grevistas;

d) Motoristas de ônibus, pediam 80% de aumento — Reajuste 62% — 2 dias de greve — 40 mil grevistas;

e) Jornalistas — Pediam 25% aumento — Reajuste 16%, 6 dias de greve.

8 __ Em Minas Gerais:

a) Metalúrgicos da Cimental — Pediam 20% — acordo 20% — 9 dias de greve e 1.500 operários;

b) Médicos residentes do hospital Santa Mônica — BH. — Contra salários atrasados, 5 dias de greve — 42 grevistas;

c) Professores do 1º grau — Rede Oficial — Belo Horizonte e cidades do interior — 28% aumento — obtiveram piso de 6 mil — 38 dias de greve — 100 mil grevistas;

d) Professores da rede particular — BH — 35% aumento — 14 dias de greve com resultados variáveis;

e) Metalúrgicos da Manesmann — BH — reclamavam 20% aumento, obtiveram 20% — 8 dias de greve — 10 mil grevistas;

f) Motoristas e trocadores de ônibus — BH — teto Cr$ 8 e Cr$ 4 mil — piso Cr$ 7 e Cr$ 2.600 mil — 1 dia de greve — 4 mil grevistas;

g) Varredores de rua — BH — Salário Cr$ 6 e Cr$ 8 mil — obtiveram Cr$ 3 mil — 2 dias de greve — 1.200 grevistas;

h) Vigilantes bancários — BH — teto Cr$ 6 mil — obtiveram Cr$ 5 mil — 6 dias de greve — 3 mil grevistas;

i) Funcionários de hospitais — BH.— 60% aumento — obtiveram 50% com 7 dias de greve — 2 mil grevistas;

j) Operários da Nansen — BH — 30% aumento — obtiveram 20% — 4 dias de greve — 600 grevistas;

l) Operários da Construção Civil — BH — tetos de Cr$ 5.400,00 para serventes, Cr$ 9.000,00 para pedreiros e 18.000,00 para encarregados — soluções variáveis — 80 mil grevistas;

m) Trabalhadores de Obras da Aço-Minas — Ouro Branco — Pediam Cr$ 5.400,00, Cr$ 9.000,00 e Cr$ 18.000,00 — soluções variáveis — 21.800 grevistas;

n) Operários da Toshiba — BH — 50% aumento — com acordos variáveis — 4 dias de greve — 650 grevistas;

o) Camioneiros Transportadores de Combustível — BH — 50% aumento e obtiveram 25% — 1 dia de greve — 1 mil grevistas;

p) Operários da Construção Civil que trabalham nas obras de expansão da Alcan — Ouro Preto — solidariedade — 3 dias — 1.722 grevistas;

q) Funcionários da Junta Comercial de Minas — BH — 60% aumento, solução variável — 190 grevistas;

No Rio de Janeiro a policia, segundo relatórios apresentados, interveio nas greves dos motoristas (P.M.) e dos metalúrgicos navais a (P.M.).

Em São Paulo — houve a intervenção no sindicato, destituída a diretoria dos metalúrgicos em S. Bernardo, e sofreram as investigações do D.O.P.S; os motoristas de ônibus tiveram a intervenção da P.M.

Em Minas — A P.M. dissolve concentração dos professores à golpes de cassetete; O D.O.P.S. intervém na greve dos varredores de rua; na da construção civil a "P.M. envolveu os operários em conflito sendo morto um operário, carros incendiados, lojas depredadas e o comércio fechou".

Nos demais estados, salvo no Rio Grande do Sul, as greves tiveram menos repercussão. Mas houveram sempre os mediadores e o Governo entrava sempre como árbitro. A ação direta, a boicotagem e a sabotagem, antigos métodos de luta, não se fizeram presentes.

9 — Maio de 1886 __ Maio de 1979:

O 1º de Maio reflete para os trabalhadores conscientes um dia de protesto e de luta!

A partir dos anos 898, quando o monarca inglês Alfredo, resolveu dividir o dia em três partes: "8 horas para exercício de piedade, 8 para dormir e 8 para recreação e estudo", o objetivo de defender e justificar a redução da jornada de trabalho diário foi uma constante na preocupação dos mais progressistas sociólogos e uma idéia perseguida pelos trabalhadores.

Muitos anos depois (1597), seria Felipe II, da Espanha, quem ordenava o trabalho dos mineiros em dois turnos de 4 horas cada um, idéia que o pedagogo Corninius (1592-1671), "membro da seita os irmãos moravos" também esposaria.

Denis Vieira (1635-1638) foi outro que defendeu a redução, seguido por Claude Gilbert (1652-1720).

Daí por diante R. Owen, Gabriel Charavay (1849), entre outros manifestavam-se pelas três oito.

Os trabalhadores também chegaram a mesma conclusão e depois de vários Congressos é aprovado o dia 1º de Maio de 1866 como o dia da arrancada no rumo da Grande Conquista proletária, (na "América do Norte, na prática, o dia 1º de Maio corresponde ao dia de transações econômicas e comerciais" e se tratando de alguma coisa a negociar com comerciantes e industriais não encontraram os trabalhadores data mais adequada).

A resposta soou prontamente às manifestações dos operários: o esmagamento do povo durante um comíccio, a explosão de uma bomba lançada por mão misteriosa e a prisão, condenação à morte de 8 anarquistas, 3 dos quais tiveram suas penas comutadas num segundo julgamento e 5 foram enforcados tendo um deles se suicidado na vèspera de 11 de novembro de 1887.

Em homenagem aos trabalhadores mártires foi construído um monumento no cemitério de Waldheine e escrito aos pès da figura-símbolo da Liberdade — palavras pronunciadas durante o julgamento: "Não tardará o dia em que o nosso silêncio será mais eloqüente que as nossas vozes que acabais de sufocar."

Desde então os trabalhadores mais esclarecidos do mundo inteiro passaram a reivindicar as 8 horas e o 1º de Maio como um dia de luta da família proletária, de reivindicações e protestos, de ; contestação ao capitalismo internacional.

No Brasil, com a chegada dos emigrantes o 1º de Maio projetou-se, fez eco, e de 1918 a 1924 promoveu imponentes manifestações em praça pública com discursos alusivos à data.

Nos anos de 1927 a 1930 (acabados os temores do estado de sitio e das deportações bernardistas) a praça Mauá e a praça Onze de Julho no Rio de Janeiro, e o Largo da Sè em S. Paulo, reuniram os mais corajosos operários que desafiavam as autoridades e a burguesia com seus discursos inflamados. Mas a partir da revolução russa de fevereiro de 1917, dois fatos novos vieram toldar as manifestações do 1º de maio!

Na Rússia, e mais tarde noutros países que escolheram o bolchevismo como sistema de governo passaram a usar o 1º de Maio como o dia da parada "militar dos proletários com tanques, soldados do povo e discursos". (1979 abriram a festa marchando de baionetas caladas e desfilaram ao som de Wagner, sem foguetes). Nos outros países, o integralismo, o fascismo, o nazismo e até mesmo os socialistas reformistas e as democracias burguesas, cada sistema a seu modo, principiou a promover "festas" e outras manifestações desviando o sentido de protesto dos trabalhadores.

Neste 1º de Maio de 1979, o trabalhador do Brasil deixou de ouvir as orações trabalhistas inventadas por Getúlio Vargas e continuadas por seus discípulos nos campos de futebol, para participar de shows musicais com Chico Buarque e Simone, Glória Gadelha e Sivuca, Baby Consuelo, Paulinho da Viola e Cartola.

No A.B.C. Paulista o 1º de Maio teve a presença de "130 mil trabalhadores e nas faixas e nos discursos pleiteavam: "autonomia e liberdade sindical, salários dignos e anistia" enquanto Luís Inácio da Silva — o Lula — declarava a essa multidão de trabalhadores reunidos no "Estádio distrital Costa e Silva" que o "operário brasileiro não aceitava mais servir de instrumento a quem quer que seja, como aconteceu até agora" (... J.B.-2.5.79), e neste instante ainda a fundar o "Partido dos Trabalhadores (P.T.) um partido sem patrões..." tendo como mentor a esquerda católica.

Quando, onde e desde quando um partido politico de empregados ou de patrões resolveu a questão social? Na Rússia — onde nos garantem a 62 anos que são os proletários quem governam — os operários são mais pobres e menos livres do que na Suécia, França, Inglaterra, Estados Unidos ou até mesmo no nosso Brasil de Vargas, Jango, Brizola, Arraes e Figueiredo!

À sombra da batina (negra só a bandeira do anarquismo) ou da bandeira branca da paz, precisamos de pregadores humanistas onde o homem e a natureza se encontrem como um todo e a liberdade e a igualdade sejam mais do que uma palavra, um sentimento, uma necessidade de todo instante como oxigênio, cultivada com tanto carinho quanto a saúde, tão preservada quanto a vida, como um patrimônio de todos e de cada um!

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Congresso Anarcosindicalista

CNT/AIT:

Confederação Nacional do Trabalho
Associação Internacional dos Trabalhadores

SEBASTIAN SANTA ROSA
Correspondência de Madrid

Foi realizado em Madri, de 8 a 16 de dezembro, o V Congresso da Confederação Nacional do Trabalho (CNT), de tendência anarquista, depois de quarenta e três anos de silêncio, com a participação de 800 delegados vindos de todas as partes da Espanha. Ao passo que no dia 1º de maio de 1936, quando a CNT realizou o IV congresso, (esta era junto com a UGT, pelo número de seus militantes e penetração da classe trabalhadora), era o sindicato mais importante de Espanha, hoje realizou o seu V Congresso em busca da identidade perdida, para unificar o militante da velha e nova gerações, aclarar e fortalecer os princípios anarcosindicalistas, já que estes poucos anos de legalizado foi caracterizado por fortes crises internas e infiltrações de pessoas alheias aos verdadeiros princípios da CNT.

O ex-secretário geral da CNT, Juan Gomez Casas explica que realmente houve uma crise de identidade, pelo fato de que nos últimos anos, por ser a CNT uma organização permissiva, chegou toda classe de gente com projetos políticos com interesses de mudar tudo, e se encontraram — apesar da CNT ser uma organização jovem com uma média de idade de militantes de 23 anos — impossibilitados de seguir em frente com os seus projetos. Estava mais que necessário esclarecer que CNT era a que se desejava. Houve bastante penetração de gente com idéias "marcianas" (marxistas), com suas idéias autoritárias e anarcocomunistas que queriam impor direção política na CNT. Estas foram as razões principais, afirma Gomez Casas, que nos impediram durante estes 3 últimos anos de desenvolvermos uma dinâmica revolucionária dentro do mundo do trabalho mais eficaz. Porém, continua, temos que levar aos trabalhadores as idéias do sindicalismo anárquico e libertário que só nós da CNT sabemos, e preencher o espaço que nos pertence.

Reafirmação dos princípios anarco-sindicalistas

Como era de se esperar, pois é típico de congressos anarquistas, houve bastante conflito no desenrolar dos debates, e culminou com uma nota de protesto de 50 delegados, em que afirmam que não estava havendo uma total liberdade de expressão e tempo suficiente para uma discussão mais detalhada de todas as pautas, e exigiam um novo congresso para março ou abril. Segundo Javier Serrano Petisco, 21 anos, delegado do sindicato de químicas de Madrid, a nota de protesto foi causada pelo rechaço da maioria dos delegados às propostas apresentadas por eles, claramente desvinculadas dos princípios anarco-sindicalistas. Demonstrando satisfação pelo resultado do Congresso, Javier declarou que esse congresso foi muito positivo, pois reafirmou o caráter anarco-sindicalista da CNT, resultando num crescimento gradativo de afiliados e a volta de muitos militantes que haviam abandonado a CNT pelas crises internas que caracterizaram a CNT nestes poucos anos de legalidade.

Novo Secretário-geral

José Buendia, anterior secretário de propaganda da CNT, e membro do sindicato de metal de Madrid, foi nomeado secretário-geral da CNT. No discurso que encerrou o V Congresso clarificou toda a normativa organizativa e de ratificação do que foi sempre a CNT, e que hoje seguirá com a estratégia de rechaço total das eleições sindicais, negação de comitês de empresas e qualquer tipo de representatividade. Também afirmou o direito "irrenunciável" da CNT à participação dos convênios coletivos, com a negativa a que terceiras partes intervenham entre trabalhadores e patrões, e não permitir a negociação de convênios marcos, salientando que cada sindicato negocie os convênios para seus afiliados e estes escolham o mais conveniente.

Outros pontos afirmados foram o rechaço ao Estatuto dos Trabalhadores elaborado pelo governo e a qualquer outro, alternativas ao problema da emigração, regulamentação de empregos aos trabalhadores do mar e aos camponeses e uma resolução sobre o patrimônio sindical.

Henry Levy, Arrabal e Sabater na Semana Cultural da CNT

Foi realizado paralelamente ao congresso, uma Semana Cultural da CNT, com a participação de grupos de teatro, cines, e uma série de conferências e debates. Foi inaugurada com uma conferência de José Garcia Rua sobre o tema "As idéias anarquistas no mundo de hoje, e a interpretação do grupo de teatro Els Joglars da versão de "A Odisséia", realizada por Alberto Boadella. Ao largo da semana foram realizadas conferências e debates que entre outros participaram os professores Arthur Lenhing, Agustin Garcia Calvo, Carlos Peregrin Otero e Fernando Savater, que falaram respectivamente sobre: Bakunin e o anarco-sindicalismo, O Estado, Anarquismo e trilateralismo e Leviatan.

A conferência que teve mais repercussão e superlotou o teatro Martin de Madri, foi a do professor Agustin Garcia Calvo. Falando sobre O Estado, defendendo teses contra o Estado e a organização Anarquista individualista, salientou a necessidade de romper com todo programa ou projeto: "Quando se rompe com os pais ou com o companheiro ou companheira, está rompendo com a família e com o casamento, não se rompe o programa e sim com todo um programa. Podíamos raciocinar o porquê da incompatibilidade da noção do Estado e a manutenção de uma idéia a realizar, isto é a metafísica do tempo. O amor não tem futuro, amor é o que tem os que se chamam libertários, porém, aparece a incompatibilidade do amor com os fins e métodos que pretendem realizar". Afirmou a renúncia a qualquer tipo de projeto, o que não implica uma renúncia à rebeldia, pelo contrário, o que renuncia ao plano, ao projeto, é o que com uma eficácia maior pode dizer: ISTO NÃO. Terminou sua exposição recordando o que em maio de 68 francês foi consignado: "Não sabemos o que queremos, mas sabemos o que não queremos". Durante o debate as teses do professor Agustin encontraram forte oposição dos anarco-sindicalistas presentes.

A Semana Cultural foi finalizada com a atuação conjunta de três polêmicas figuras: Bernard Henry Levy, Fernando Arrabal e Fernando Sanchez Dragó. Este último iniciou solitário, falando sobre Reflexões sobre a Utopia, a aventura, o nomadismo e a rebeldia, dando uma interpretação da história definindo a rebeldia em oposição com a revolução: "A revolução é a arterioesclerose da rebeldia, pois é a conseqüência da aplicação da lei e da ordem a idéia de rebeldia. Termina afirmando que a luta pelo poder financia o poder, e que sua proposta utópica é abandonar a luta pelo poder como única forma de combatê-lo.

Com uma brilhante retórica, Henry Levy salientou que "vivemos em um século que passará à História como o século do totalitarismo e desde a filosofia grega do marxismo, passando por Descartes, não são mais intentos de dar um sentido ao que não tem, ordenar o caos". É necessário romper — acrescentou — essas velhas ideologias, segundo as quais há maus e bons cadáveres, bons e maus campos de concentração, mortos de direita e mortos de esquerda. Frente à revolução realizada por meio de aparatos e organizações políticas, propôs a idéia de resistência: "a afirmação do direito do homem ante todos os poderes e máquinas totalitárias, sua vontade de desqualificar a História com h maiúsculo, seu sentido e domínio que exerce".

Fernando Arrabal, escritor e dramaturgo, começou sua intervenção autodefinida como "anarquista divino" e homem religioso não-político, e desenvolveu crítica à sociedade espanhola alertando para o problema da sovietização da cultura espanhola e o cinismo dos dirigentes comunistas.

Todos os atos da semana, registraram uma grande afluência de público, sem que se registrassem incidentes, salvo as ameaças de grupos ultradireitistas.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLUIÇÕES ANTITÉTICAS

Lidio Barros

NÓS NOS AMANDO NA PRAIA/
SOB O OLHAR DESLUMBRANTE/
DE UMA LUA CHEIA/
NÓS CORPOS NUS NA AREIA/
COM O VENTO A NOS ROÇAR A PELE/
E O OLHAR INDISCRETO/
DAS ESTRELAS
NÓS NOS AMANDO/
AO CANTO NATURAL DA MARÉ/
SALPICANDO NAS ROCHAS/
NO SEU VAI E VEM/
ACARICIANDO A AREIA ENQUANTO/
NÓS NOS AMANDO/
NA AREIA/
GOZÁVAMOS INDIFERENTES/
RECUSANDO OS MOTÉIS/
SEM LENÇOL/
SEM LEX/
SEM JONTEX/
NA PRAIA/
NO MAR/
SOB O LUAR/OLHAR/ESTRELADO/
DO CÉU AZUL/SUL/
NÓS NOS AMANDO./

II

SÁBADO À NOITE/
SEM COSTUME/
NA BOITE/
O ESCURO ÀS ESCURAS
A BUSCA DOS AMANTES./
À FRENTE O BALCÃO/
CACHAÇAS IMPORTADAS/
AO PREÇO DE OCASIÃO/
E UM LETREIRO ESQUISITO QUE DIZ:/
"O FREGUEZ TEM SEMPRE RAZÃO"/
MAS É ELE QUEM SEMPRE/
PAGA A CONTA./
MESAS POR TODOS OS LADOS/
E GENTE POR TODAS AS MESAS/
E GARRAFAS EM TODAS AS MESAS/
POR TODOS OS LADOS PRA TODAS AS GENTES/.

BOITE/
UM GAY AO LADO/
PAQUERA UM TARADO/
QUE É VICIADO/
EM VIADO CASADO./

UM GIGOLÔ IMPACIENTE/
ESPERA NA MESA DA FRENTE/
PELA MULHER DO BANQUEIRO/
QUE CHEGA ATRASADA E SORRIDENTE./

A GARÇONETE/
SERVE TETE-A-TETAS/
AOS FREGUESES./

UM SAPATÃO DE PITEIRA/
TOMA SEU BUCHANA'S/
ENQUANTO A SUA BACANA/
SE ARRASA NA GANJA./

NO PALCO PURA-PÚRPURA/
UMA FAÇANHA NORMAL/
CRUELMENTE NUA/
UMA PIRANHA/
FAZ SEU CARNAVAL./

NA CURVA CENTRAL/
DOIS BÊBADOS/
SÃO EXPULSOS./
POIS PAGAM MAL./

A UM/QUARTO/
DEPOIS DAS QUATRO/
TRÊS MARIPOSAS/
SAEM DE VEZ./

A ÚLTIMA MESA/
16 CERVEJAS/
SÃO A ÚNICA COMPANHIA/
ALÉM DO ESCURO OLHAR/
DE UM PERSPICAZ OBSERVADOR/
QUE PIGARREIA O SEU FUMAR/
NA MULHER QUE CHEGA/
E EM SUA MESA/EM SUA VELA/
ASCENDE E ACENDE/
O SEU FINÓRIO./

III

REVOLUÇÃO.../
QUANTAS REVOLUÇÕES SÃO NECESSÁRIAS/
ATÉ QUE SE CHEGUE À LIBERDADE?/
REVOLUÇÃO-SEXUAL PRA ACABAR COM OS VIRGENS/
E ELIMINAR O ONANISMO/
REVOLUÇÃO-EDUCACIONAL CONTRA AS ESCOLAS/
UNIVERSIDADES BURGUESAS/
REACIONÁRIAS/
POR CENTRO DE ESTUDOS ABERTOS E QUE AO/
POVO NÃO LHE SEJA VETADO O DIREITO DE PENSAR/
REVOLUÇÃO-CIENTÍFICA CONTRA O VÉU CONTRA O TEO/
REVOLUÇÃO-SOCIAL PARA O ESTABELECIMENTO DO/
PRAZER COMO INFRA-ESTRUTURA/
REVOLUÇÃO-ECONÔMICA PARA REDUZIR HORAS/TRABALHO/
REVOLUÇÃO-POLÍTICA PRA ACABAR COM OS PARTIDOS/
REVOLUÇÃO-CULTURAL POR POESIA E MÚSICA/
EM TODOS OS CANTOS/
REVOLUÇÃO-ECOLÓGICA MAIS FLORES AR PURO/
MAIS VERDE MENOS INDÚSTRIAS/
REVOLUÇÃO-JURÍDICA CONTRA AS LEIS QUE NOS OPRIMEM
REVOLUÇÃO-ALIMENTAR PROTEÍNAS PARA TODOS/
REVOLUÇÃO-NO BNH MORADIA SEM PAGAR/
REVOLUÇÃO-NA FILOSOFIA CULTURA COMO TESE DIALÉTICA/
COMO ANTÍTESE E O POVO LIBERTO-PENSANDO COMO SÍNTESE/
REVOLUÇÃO-MORAL PELO ABÓRTO CONTRA O CASAMENTO E CONTRA/
A PROIBIÇÃO DA MACONHA/
REVOLUÇÃO-COM ANARQUIA NÓS TODOS LIVRES SEM CORRENTES/
SEM PAI/SEM PATRÃO/SEM ESTADO/LEI OU RELIGIÃO/
REVOLUÇÃO DA REVOLUÇÃO A ANARQUIA DE VIVER COM/
LIBERDADE/POR LIBERDADE/PRA LIBERDADE/DA LIBERDADE/
ABSOLUTA PRA TODOS NÓS./

Sentir a liberdade, sem ser reprimido
é privilégio de poucos,
mas muitos ainda conseguem,
mesmo sem ter essa noção,
e o Ano Internacional da Criança,
essa criatura toda poderosa,
que tem o poder de ser livre,
que ainda não foi contaminada pelos
hipócritas valores,
que nos prende a uma falsa moral,
que nos obriga a esconder os nossos
verdadeiros sentimentos,
fica uma esperança de que essas
crianças
no seu "ANO INTERNACIONAL"
não se deixem
levar pelas falsas e demagógicas
verdades dos adultos.

Augusto César Maia

CENAS DO RIO

Certa dama estava em paz,
no ponto, esperando o bonde,
quando se chega um rapaz.
a quem, zangada, responde:

— Deixe-se, moço, de graça!
Insiste o moço: — Onde mora?...
— Meu Deus! Que horror! Que desgraça.
se vem meu marido agora!...

E a dama, que o caso teme,
diz-lhe logo, ansiosamente:
— Me deixe!... Moro no Leme...
Me deixe!... Sou Dona Ivete...
Moro à Rua São Vicente...
Me deixe!... No trinta e sete...

POESIA DE "NESTOR TAMBOURINDEGUY TANGERINI"
Natural de Piracicaba, Estado de São Paulo
**23 de julho de 1859*
30 de janeiro de 1966
Compositor, Teatrólogo, Poeta, Humorista,
Escritor Teatral, Professor de Português,
Pintor, Caricaturista, Jornalista.

ATRAVÉS DESTE CUPOM, VOCÊ TERÁ GARANTIDO O PREÇO DO SEU EXEMPLAR POR TODO O PERÍODO DE SUA ASSINATURA.

O INIMIGO DO REI luta pela libertação dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, dos indígenas, dos homossexuais, dos loucos, dos presos "comuns" e todo tipo de pessoas que são oprimidas.

Colocando o leitor à frente dos acontecimentos e assuntos que são normalmente omitidos ou vetados pelos esclerosados "nanicos" e a imprensa oficial, O INIMIGO DO REI é sem dúvidas o seu melhor amigo.

Convidamos você a continuar nesta luta.

RENOVAÇÃO

Se você já é assinante d'O INIMIGO DO REI e quiser renovar; basta enviar o Cheque ou o Vale Postal em nome de Antonio Carlos da C. Pacheco para a Caixa Postal n. 2540 — CEP: 40.000 — Salvador — Bahia — Brasil, optando por um dos dois planos apresentados nesta cartela.

OPÇÕES

1 ano	2 anos
Cr$ 100,00	Cr$ 220,00

AVISO

Só envie **CHEQUE** ou **VALE POSTAL** em nome de **ANTONIO CARLOS DA C. PACHECO**

Preencha o cupom, recorte, anexe o cheque ou o vale postal e mande pelo Correio num envelope fechado à Caixa Postal n 2540 — Salvador — Bahia — Brasil — 40 000

Assinatura

O INIMIGO DO REI

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

NOME:.....
ENDEREÇO:.....
CEP:.....CIDADE:.....ESTADO.....